ALANA KIKKAWA

MAVIAEL FELIX DA SILVA OLIVEIRA

Loucura: Euforia e Morte - Diálogos sobre a direção compartilhada no processo colaborativo de criação da peça *Carpe Noctem: Protótipos de sobrevivência suicida*

São Paulo
2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

ALANA KIKKAWA

MAVIAEL FELIX DA SILVA OLIVEIRA

Loucura: Euforia e Morte - Diálogos sobre a direção compartilhada no processo colaborativo de criação da peça *Carpe Noctem: Protótipos de sobrevivência suicida*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título em Bacharelado em Artes Cênicas.

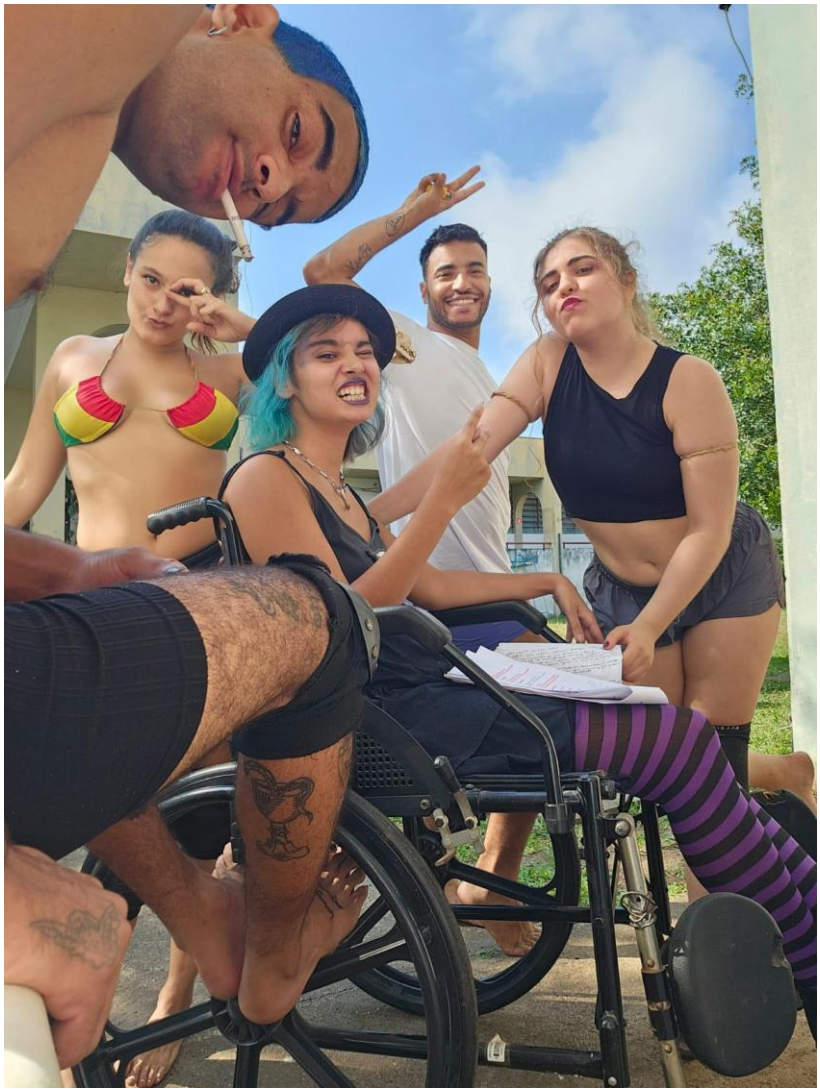
Orientador: Prof. Dr. Antônio Araújo

São Paulo
2025

Agradecimentos a Fernanda Ramos, Beatriz Viviane e Bruno Maldegan. Esse trabalho é tão de vcs quanto nosso.

Alana - Aos meus pais por serem tão loucos quanto eu.

Felix - A minha mãe que sem ela eu não seria ninguém.



Dedicado a todos os marginais desse mundo.

SUMÁRIO

1. RESUMO……..……6
2. PARTE I: INTRODUÇÃO……...7
3. PARTE II: SALA DE ENSAIO……...20
4. PARTE III: SOBRE DRAMATURGIA……..……37
5. PARTE IV: DIREÇÃO E RELAÇÕES HUMANAS……55
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS...……75
7. ANEXOS: Materiais levantados durante o processo……...78

RESUMO

Nosso trabalho consiste na descrição do processo de criação da peça *Carpe Noctem: Protótipos de sobrevivência suicida,* uma criação em duas vozes que aborda o processo colaborativo entre dois diretores. Com a premissa de explorar a noite nos eixos festa e doenças mentais, a pesquisa explora como criar um ambiente criativo seguro para pessoas portadoras de transtornos mentais. Pesquisamos também estratégias de escrita considerando o uso de remédios psiquiátricos e a autonomia dos atores através das ações físicas.

Palavras-chave: Processo colaborativo. Vida noturna. Transtornos mentais. Autonomia criativa. Ações físicas. Processo dramatúrgico. Bipolaridade. Depressão.

ABSTRACT

Our work consists of describing the creative process of the play *Carpe Noctem: Prototypes of Suicidal Survival*. This two-voice creation explores the collaborative process between two directors, with the premise of investigating nightlife through the lenses of festivity and mental illness. The research focuses on creating a safe creative environment for individuals with mental disorders. Additionally, we examine writing strategies influenced by psychiatric medication and the actors' autonomy through physical actions.

Keywords: Collaborative process. Nightlife. Mental disorders. Creative autonomy. Physical actions. Playwriting process. Bipolar disorder. Depression.

.

PARTE I: INTRODUÇÃO

Alana - Antes de iniciarmos nosso texto, gostaríamos de pontuar algumas informações. Este trabalho é realizado em duas vozes (e as vezes mais) e prezamos por pontuar o locutor da vez, logo como um texto dramatúrgico pontuamos as falas de cada um. Esse sistema foi inspirado no livro de entrevistas "Mate-me por favor: Uma história sem censura" do Punk de Legs Mcneil, que traz uma série de entrevistas recortadas em falas como nossa estrutura. Nossa linguagem é coloquial e muitas vezes imoral. Nossa linguagem faz parte de nossa identidade e foi escolha registrá-la ali desta maneira para compor a imaginação do leitor e tornar a leitura fluida.

Félix - O Porquê! Com a flexibilização das medidas protetivas impostas durante os anos de 2020 e 2021 em decorrência da pandemia de COVID-19, o setor de festas e eventos registrou um crescimento expressivo de aproximadamente 400% no ano de 2022, segundo dados divulgados pelos portais Terra e Poder360. Esse cenário favoreceu o retorno das atividades noturnas e permitiu que eu voltasse a frequentar espaços desse universo, que, embora fizessem parte da minha vida desde os 18 anos, nunca haviam sido observados por mim com tanta atenção. No entanto, foi apenas em 2023, após iniciar um relacionamento e expandir meus horizontes para diferentes tipos de festas e lugares — como eventos fetichistas, festas underground e espaços de *cruising* — que percebi um sentimento coletivo de euforia, uma ânsia por recuperar o "tempo perdido" dos anos de lockdown. Essa sensação não era apenas minha, mas compartilhada por muitos frequentadores da noite paulistana.

Alana - Eu tenho Transtorno Afetivo Bipolar, esse é o nome bonito que inventaram para substituir o nome velho e feio Transtorno Maníaco Depressivo. Uma doença crônica e com tratamento, e que pode evoluir para demência. É basicamente uma desregulação no fluxo energético do cérebro ou seja alterações metabólicas neuronais mas falando assim parece fácil. Os sintomas são dos mais diversos. pensamentos suicidas, automutilação, apatia, hipersônia, pânico, imobilização que te torna incapaz de sair da própria cama, hipersensibilidade sensorial, desrealização, vontade de trepar até com a maçaneta da porta, fala rápida, insônia, ansiedade, mega produtividade, irritabilidade, impulsividade (esse aqui em mania já quase me matou

algumas vezes), exposição social desnecessária. Isso quando seu cérebro não joga a tua imunidade lá no pé e você fica doente de outras coisas, ou ele inventa algumas dores e sintomas de outras doenças. Não dá pra dar conta de listar cada um dos meus sintomas, fora que eles também mudam com o tempo (sem falar dos efeitos colaterais dos remédios). E cada bipolar tem a sua cartelinha de combo apesar de todos compartilharem a sensação de onipotência e a impotência, às vezes até no mesmo dia se a ciclagem estiver muito rápida, cada um tem seu check list. A mania e a depressão também podem gerar estados mistos, e é quando o pensamento suicida e a impulsividade se encontram que temos a doença que mais mata por suicidio segundo a presidente da ABTB Associação Brasileira de Transtorno Bipolar, Ângela Scippa.

Félix - Ao longo desse mesmo ano, minhas idas às festas se tornaram cada vez mais frequentes, a ponto de inverter meu ritmo de vida e trocar o dia pela noite. Muitas vezes, essa fuga noturna servia como uma tentativa de escapar da depressão e me conectar com pessoas queridas, em um ambiente que parecia oferecer refúgio e liberdade. Com essa imersão, comecei a me questionar sobre o funcionamento da noite e a identidade das pessoas que ali estavam. Quem eram esses indivíduos que passavam a fazer parte da minha rotina? O que os levava a esses espaços? Certa vez, ao sair de uma festa e retornar de metrô com amigos, brinquei que éramos os "*The Creatures of the Night*". A frase ficou ressoando na minha cabeça, mas em outro sentido: afinal, quem eram, de fato, as criaturas da noite? E qual era o significado desse universo noturno para elas e para a sociedade?

Alana - No dia 30 de outubro de 2023 no meu aniversário de 27 anos eu tentei me matar a primeira vez, cinco meses antes de começar esse trabalho. Eu já lidava com pensamentos suicidas a muito tempo, mas ali eu estava decidida a não viver mais um ano. Era uma segunda-feira e eu tinha acordado às cinco da manhã para ir a universidade para a aula de ateliê III. E absolutamente do nada meus pensamentos intrusivos venceram. Eu comecei tentando me dopar já que minha cabeça queria morrer na água (especificamente no tanque de CEPEUSP) e queria deixar meu corpo inutilizável incapaz de fazer qualquer coisa. Inocente. Perdi o controle, cercada de remédios, tomei todos os que estavam à disposição na esperança de morte certa. É

a luta de um corpo que quer sobreviver e uma cabeça convencida em morrer. E acredite, se você me encontrasse na rua no dia seguinte você nem desconfiaria.

Félix - Foi no contexto de uma disciplina de Autoficção que comecei a transformar essas reflexões em um projeto mais estruturado. Escrevi um texto dramático no qual explorei a dualidade entre o trabalho opressor e a subserviência do setor de hotelaria — onde eu trabalhava na época — e o meu refúgio encontrado nas festas, marcadas por sensualidade, fantasia, expressão, dança e drogas. A noite, que antes era apenas um cenário de diversão, revelou-se cada vez mais fascinante e complexa para mim. Passei a querer entender melhor seus frequentadores, que iam muito além do estereótipo de boêmios ou festeiros. Havia publicitários, artistas, advogados, estudantes, professores, executivos e operários que, durante o dia, vestiam trajes sociais e desempenhavam funções convencionais, mas à noite se permitiam explorar novas identidades e estabelecer novas relações, rompendo com performances sociais predefinidas.

Alana - O que acontece quando nossos estados mentais nos levam ao fim? Sejam eles tentativas de suicídios, longos períodos depressivos, o choque do diagnóstico, a adaptação de uma nova medicação (que muda completamente a percepção de realidade da pessoa medicalizada). Chegamos nas nossas discussões à uma convivência da presença iminente da morte, seja a morte do eu existente antes do adoecimento, seja o sacrifício de nossas partes a cada processo depressivo, seja possibilidade da morte física ou auto-induzida. Usamos como metáfora também o mito de Perséfone onde raptada ao submundo morre e torna-se soberana deste (do ciclo natural de descida e subida, da vida-morte-vida, orgânica e psicológica, e princípios iniciáticos e transmutadores que o contato com esses mistérios espirituais revelam), nos levando ao caminho sobre o que fazer para aprender a morrer.

Félix - Além dos frequentadores, havia também aqueles que ganhavam a vida na noite: Drag Queens, strippers, dançarinos, DJs, promoters, iluminadores, caixas, trabalhadores da limpeza, seguranças, vendedores ambulantes, traficantes, trabalhadores do sexo e motoristas de aplicativo. Todos esses profissionais sustentam e moldam o ecossistema noturno, muitas vezes sem o devido reconhecimento ou valorização. Esse contraste entre o glamour e a precarização do trabalho na noite de São Paulo me levou a desenvolver um Trabalho de Conclusão

de Curso (TCC) que iluminasse uma realidade que percebi com minha vivência constante: a noite tanto acolhe quanto oprime, e essa opressão, além de velada, é frequentemente ignorada por aqueles que se sentem livres dentro dela.

Alana - Queríamos encarar a festa como válvula de escape para a vida cotidiana, assim como locais de pulsão de vida na cidade. Decidimos, a partir desse grande guarda-chuva, entender as relações humanas a partir do contato dessas pessoas no ambiente noturno. Entendemos como campo de pesquisa as criaturas da noite, sendo elas todas as pessoas que tinham como palco a vida da madrugada. Buscamos a noite como festa, a noite como luta, a noite como alegria e melancolia, comunidade e solidão, ferida e cura, perigo e acolhimento, decadência e salvação.

Félix - No início do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ainda enfrentava muitas dúvidas sobre como colocar em prática o tema que havia escolhido desenvolver. Inicialmente, minha abordagem estava muito focada nas festas e nas relações construídas no ambiente noturno. No entanto, ao formar dupla com Alana para o projeto, a perspectiva se expandiu significativamente.

Além disso, para além da nossa relação com a noite, Alana propôs que abordássemos um tema que também nos atravessa de forma pessoal: as doenças mentais. Tanto ela quanto eu convivemos com transtornos psicológicos em diferentes graus, o que tornava essa discussão não apenas acadêmica, mas também profundamente íntima e necessária.

Alana - Nosso grupo busca margear por dois eixos temáticos: festas e doenças mentais. No intuito de compor um ambiente acolhedor de trabalho, buscamos pessoas portadoras de transtornos mentais que estão ou estiveram em algum momento da vida inseridos no ambiente da noite, pensando na individualidade de cada um, utilizando a noite como objeto de pesquisa.

Félix - Dessa forma, decidimos que nosso trabalho exploraria a relação entre o ambiente noturno — visto como um espaço de liberdade e expressão — e a experiência de indivíduos que vivem com transtornos mentais. Queríamos investigar como a noite poderia funcionar tanto como um refúgio quanto como um espaço de

risco para essas pessoas, analisando suas dinâmicas de sobrevivência, pertencimento e os impactos desse estilo de vida na saúde mental.

Alana - Para compor nosso grupo escolhemos atores pensando em suas potencialidades e perspectivas de desenvolvimento para o projeto. Possuímos como objetivo trabalhar com portadores de transtornos para também pensar em metodologias de criação para nosso grupo de pessoas. No intuito de criar um ambiente livre e acolhedor para realizarmos nosso processo. Em meados de março convidamos Beatriz Viviani, Bruno Maldegan e Fernanda Ramos para compor nossa equipe e decidimos integrar nossa pesquisa ao coletivo Rataria Espaço Fluxus de Criação (coletivo já organizado por mim e Fernanda Ramos) para podermos utilizar as estruturas e contatos existentes do coletivo. Cada indivíduo contribuiu para o processo com a bagagem anterior que possuía. Onde todos atuaram como intérpretes criadores do processo explorando suas potencialidades. Fernanda Ramos como atriz, Bruno Maldegan como performer e iluminador (Também portador de transtorno bipolar), Beatriz Viviani como atriz, apoio na Dramaturgia e que compartilhou suas experiências de terapia integrativa com o grupo muitas vezes executando essa função, (que já lidou com um processo depressivo) Alana Kikkawa na Direção, Atuação e Dramaturgia e Maviael Félix na Atuação, Direção, Preparação Corporal (que também tem o diagnóstico de depressão).

Félix - Antes de qualquer coisa, decidimos buscar mais integrantes para o nosso grupo, pois sabíamos que apenas nós dois não daríamos conta do trabalho (risos)! Nossa primeira abordagem foi com Beatriz, seguida por Fernanda e, por fim, Maldegan.

Formamos um grupo diverso, mas com algo em comum: todos possuíam vivências intensas com a noite e, de alguma forma, compartilhavam a experiência de conviver com uma enfermidade mental — em graus variados. Essa conexão trouxe ao nosso projeto uma perspectiva ainda mais rica e pessoal, permitindo que analisássemos nosso tema não apenas de forma teórica, mas também a partir de nossas próprias trajetórias e percepções.

Alana - Por que trabalhar com pessoas neuro divergentes? Estávamos o tempo todo compartilhando coisas muito delicadas. Tocando em feridas abertas. Precisávamos

de gente que entendesse a gente. Temos como ponto de partida nossas experiências pessoais. E a partir de uma visão neuro divergente do mundo criamos uma distopia para trabalharmos. Entendemos aqui que a ideia de neuro divergência vai para além da patologização de corpos que a medicina promove. O termo foi cunhado por Judy Singer e aborda que fatores sociais são as principais barreiras para o desenvolvimento de pessoas com condições mentais atenuantes do padrão como portadores de doenças mentais. E é dialogando com esse conceito que trabalhamos tanto nossa perspectiva metodológica, quanto nossa perspectiva temática. Durante a construção da nossa distopia os elementos existentes na nossa sociedade que dificultam a vida das pessoas presentes no grupo foram exacerbados e radicalizados ao extremo.

Félix - Apesar de eu ter uma vivência intensa na noite, a experiência de Alana era distinta, pois estava inserida no movimento punk. Seu contexto variava entre festas punk marcadas por *pogos* agressivos e confrontos violentos entre gangues rivais, um universo que trazia consigo códigos e dinâmicas muito diferentes daqueles que eu havia explorado.

Alana - Para mim sempre foi muito difícil falar das minhas experiências com o movimento punk dentro da universidade. Estar dentro da universidade com suas ruas arborizadas e planejadas e pessoas de vida estáveis sempre me fez me sentir uma anomalia advinda do sistema de cotas. Abrir a boca sobre isso era um estranhamento que irrompe o limite que as pessoas suportam de anormalidade. Eu sou incapaz de falar da minha própria cultura com bons olhos e mesmo escrevendo isso em meio a uma crise depressiva, sei que nada disso é fruto dela. Somos um movimento contra cultural ou seja contra a cultura hegemônica, surgida nas periferias, não vou vir aqui falar de Punk Inglês 77 porque isso não é importante. O importante é a função disruptiva, violenta, niilista e auto destrutiva resposta a uma exclusão e desajuste social advinda da desigualdade do mundo em que vivemos e não tem nada de bonito e atrativo nisso. Não estamos nas garagens londrinas, estamos drogados nos becos e vielas das favelas brasileiras lutando contra fantasmas fascistas organizados, às vezes rola umas facadas, uns vão presos e fica por isso mesmo. Nesse processo ocupamos casas, prédios e transformamos em centros culturais, lugares pra receber gente tão fodida quanto a gente, organizamos gigs, mutirões, fazemos cinema e

eventos pras crianças, saraus, tomamos enquadros, escrevemos e distribuímos zines, manifestos, fazemos malabares e artesanato por aí (tem muito punk rodando países com isso), organizamos protestos e também vamos presos neles por conta de ações diretas e confrontos com a polícia, estamos em ocupações políticas em prédios governamentais, formamos gangs, pedindo carona nos ônibus, roubando de grandes instituições, aprendemos a fazer bombas e mixar cadeados, a revirar lixo atrás de comida até alguém inventar o termo freeganismo e descobrirmos como desinfetar a comida e transformá-las em verdadeiros banquetes, aprendemos corte e costura para fazer nossas roupas, pintamos patches com símbolos para que comuniquem coisas somente entre nós mesmos, modificamos nossos corpos já que não queremos ser escravos de como a natureza nos criou, queremos ter autonomia total em cima dos nossos destinos e se isso não implica num confronto direto ao capitalismo, patriarcado, estado, e mais um monte de coisas estúpidas de um mundo pautado em opressão, ler esse parágrafo foi inútil. E repito não tem nada de bonito e atrativo nisso, minha vontade mais sincera é de estourar uma garrafa na cabeça de qualquer um que romantiza essa podridão, exatamente como fizeram comigo aos meus 15 anos quando entrava de cabeça nessa merda, porque essa é a expressão mais honesta que qualquer um pode ter de algo que se entra voluntariamente sob o lema de matar e morrer e não me pergunte como eu vim me enfiar em tudo isso, já que não tem nenhum lugar que abrace uma mente perturbada mais do que esse lugar.

Félix - Certa vez, conversei com uma senhora que fazia a limpeza do banheiro masculino de uma boate e perguntei sobre seu pagamento e jornada de trabalho. Com olhos cansados, ela me respondeu que recebia R$100,00 por uma jornada das 20h às 8h. Curioso, fiz a mesma pergunta a uma controladora de acesso, que disse ganhar R$110,00 por oito horas de trabalho. Ao questionar uma Drag Queen sobre sua remuneração, ela mencionou um cachê de R$150,00, mas ressaltou que outras drags na mesma balada recebiam valores mais altos. Esses relatos evidenciam como a precarização do trabalho noturno é uma realidade invisibilizada, coexistindo com a liberdade e a celebração que a noite proporciona.

Após essas conversas, senti uma revolta profunda diante do descaso com que essas pessoas são tratadas, recebendo cachês ínfimos para manter viva a engrenagem da noite. Me perguntei: o que eu, apenas mais um jovem gay, pobre,

que vê as angústias do mundo todos os dias sem ter poder algum, poderia fazer? A única resposta que encontrei foi recorrer à arte como forma de expressão e denúncia. Decidi, então, criar uma peça que trouxesse luz a esse universo repleto de brilhos artificiais e promessas de liberdade, mas que, na realidade, permanece mergulhado em uma escuridão invisível e permanente.

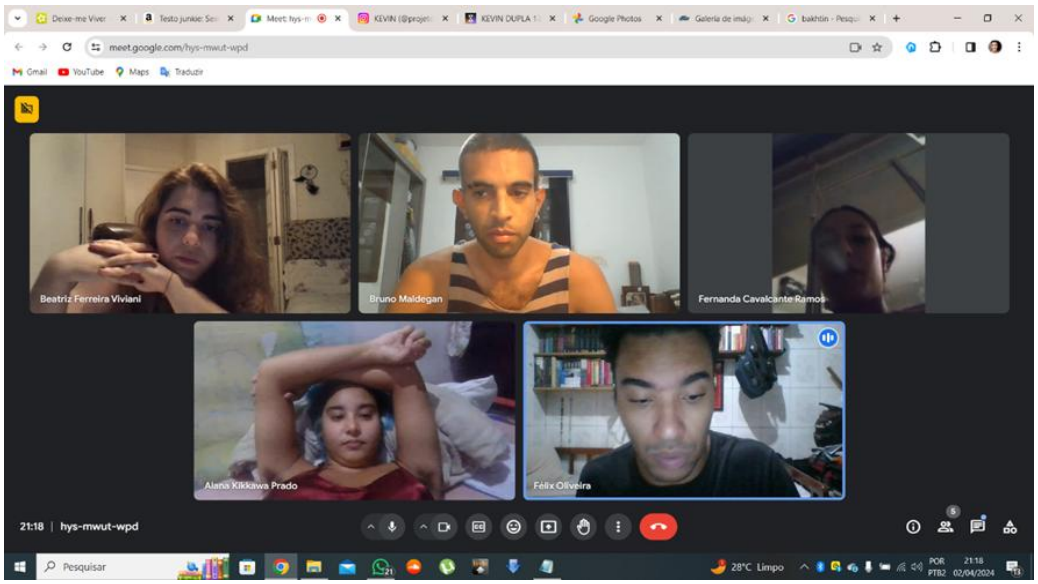
Alana - Era difícil de assimilar muitas coisas que o Félix trazia. E não se trata somente de entender. Eu precisava canalizar isso para a dramaturgia. E esse foi um dos temas tragos que eu simplesmente não consegui. Ele tentou me trazer referências. Mas a minha vivência da noite sempre foi por pessoas organizando as coisas por si. Somos nós que limpamos nossos banheiros. O punk não tem como objetivo lucrar com nada (e tudo o que foge disso tá muito errado e nem deveria levar nosso nome). Eu vim entender a discrepância quando fomos realizar nosso trabalho de campo em que o ingresso estava em torno de 90 reais. Se o nosso for 20 já tem gente mangueando (pedindo dinheiro) na porta pra entrar mais que isso só não dá pra ir mesmo. Eu até tentei, mas tudo o que saia eram coisas completamente falseadas e caricaturais.

Félix - Para que o grupo funcionasse de maneira orgânica, entendemos que, antes de qualquer coisa, precisávamos nos conhecer melhor. Decidimos, então, que nos primeiros encontros realizaríamos seminários conduzidos por cada integrante, nos quais falaríamos sobre nós mesmos e sobre nossas referências estéticas e artísticas.

Alana - Em nossos primeiros ensaios discutimos sobre a experiência da noite que cada um possuía, realizando uma série de seminários onde as temáticas partiram da experiência da noite de cada um. Dentro desses seminários falamos coisas importantes para a construção da personalidade de cada um. Já que o intuito era a aproximação das coisas que eram importantes para cada pessoa ali. Félix falou das festas Gays e das expressões da performance Drag Queen. Beatriz nos trouxe criaturas ctónicas e um pouco da sua experiência com espiritualidade de diversas

formas e fontes. Eu levei as minhas experiências com o movimento Punk e com a cultura Freak. Bruno Maldegan explorou conceitos do pós-clubber e ciberguetto.

Foto do



primeiro encontro do grupo. 02/04/2024

Félix - No primeiro encontro, Alana e Maldegan foram os responsáveis por conduzir a apresentação. Alana trouxe toda a sua bagagem e os conhecimentos adquiridos tanto no movimento punk quanto nos anos em que cursou Geografia. Durante seu seminário, discutimos as origens do punk, que surgiram entre o final da década de 1960 e início dos anos 1970, principalmente em cidades como Nova York e Londres, em resposta à insatisfação juvenil com a sociedade de consumo e a crise econômica. No Brasil, o punk chegou por volta de 1978, tornando-se um movimento de resistência social, cultural e política, com grupos como Restos de Nada e Cólera. Além de seu caráter subversivo, o movimento carregava uma visão niilista, muitas vezes pautada

em um imaginário de colapso social e um mundo pós-guerra, refletido tanto nas letras das músicas quanto na estética agressiva e no lema "No Future", popularizado pelos Sex Pistols.

Alana - Influenciados por um mote presente dentro da cultura punk dos anos 70 em que por conta do momento histórico acreditava-se numa guerra nuclear iminente. Pegamos a ideia de pós fim do mundo, historicamente dentro dos festivais punks temos o começo do fim do mundo e brincamos com a ideia de chegarmos ao fim do fim do mundo, como ponto de partida do trabalho.

Felix - Maldegan, por sua vez, trouxe uma abordagem diferente, já que sua vivência na noite transitava entre o universo punk e o das festas eletrônicas e underground. Ele compartilhou sua experiência com a sobriedade, destacando que, exceto pelo cigarro, estava há mais de dois anos e meio sem consumir qualquer tipo de substância lícita ou ilícita. Além disso, apresentou referências estéticas e culturais como vaporwave, new wave e cyber ghetto, que exploram um imaginário distópico e nostálgico, marcado por elementos da cultura digital e do consumo desenfreado de informação. Trouxe ainda filmes como *Akira* (1988) e *Blade Runner* (1982), que retratam sociedades decadentes, permeadas por tecnologia, colapso ambiental e desigualdade extrema, reforçando a ideia de um "mundo após o fim do fim do mundo".

Beatriz introduziu uma perspectiva espiritual para o trabalho, realizando um levantamento sobre divindades e ritos ctônicos, que fazem referência a entidades do submundo nas mitologias grega, romana e de diversas culturas antigas. Sua abordagem sugeria a noite como uma entidade própria, quase um ser vivo que nos acompanha a todo momento, podendo ser associada a figuras mitológicas como Hécate, Perséfone ou mesmo a Morte, em seu simbolismo de transformação e renascimento. Ao relacionar a noite com a saúde mental, Beatriz propôs uma reflexão profunda: muitas vezes, é preciso mergulhar nas sombras, atravessar a escuridão mais densa, para que se possa, enfim, olhar para cima e enxergar a luz.

Por fim, apresentei minha vivência no cenário das festas, com destaque para as festas fetichistas, que sempre me fascinaram por serem espaços de liberdade total das normas sociais — algo refletido tanto nas interações quanto nas vestimentas propostas por esses eventos. Além disso, abordei como a noite pode ser

simultaneamente um espaço de escapismo e opressão, uma contradição intensificada pela normalização constante do alto consumo de substâncias psicoativas. O uso excessivo de álcool, estimulantes e outras drogas, muitas vezes incentivado dentro desses ambientes, não apenas reforça a sensação de euforia e pertencimento momentâneo, mas também contribui para a deterioração da saúde mental das então chamadas “criaturas da noite”. Estudos indicam que o abuso de substâncias está diretamente relacionado ao aumento de casos de ansiedade, depressão e transtornos psicóticos entre frequentadores assíduos da vida noturna, algo perceptível nos próprios relatos e comportamentos dentro desse universo.

Compartilhei também, o fato de que o impacto que a arte drag na noite vai muito além do entretenimento, funcionando como uma poderosa ferramenta de subversão, identidade e resistência dentro de espaços historicamente marginalizados. E algumas das minhas referências dentro do universo drag foram: Avante, Afropaty, Lilith Prexeva, Danny Cowlt, Alexia Twister, Silvetty Montilla, Uýra, Zeus Achetti, Mahina Starlight, Felicia Bates Mattel, D’Avilla, entre outros.

Alana - Haviam coisas que estavam claras desde o início do processo. Estavamos realizando uma pesquisa em cima de nós mesmos como cientistas do eu. Éramos nossos próprios dispositivos e falamos por nós mesmos. Nossa busca por referências em momento algum foi para se apoiar no outro mas sim para entender o que da nossa experiência era compartilhada socialmente. Dentro da universidade me deparei com inúmeros trabalhos onde o outro é objeto de pesquisa e nunca o eu. É sempre essa necessidade metodológica de entrevistar, buscar o documentário e ler quem foi e quem é o outro (e da validação que isso tem). Numa universidade onde as minorias estão arrombando a porta de entrada, a gente tem sede de saber quem é o nós, quem são nossos iguais que vieram antes e estão com a gente (Afinal isso nos foi negado). O mundo da arte se perde buscando o outro e nesse processo apaga o outro de falar dele mesmo, com suas próprias palavras, nessa mesma lógica não enxerga o outro estudado que está ali do seu lado. Nesse mesmo processo nega-se a si próprio, se cega para não olhar para o eu.

Félix - Um dos textos que utilizamos como referência e propositor do nosso trabalho foi *Corpos Indisciplinados*, de Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, no qual a autora analisa o corpo como uma ferramenta central na resistência cultural e na criação de

novas subjetividades. Oliveira discute como o corpo, tradicionalmente submetido e disciplinado pelas normas sociais, pode se transformar em um instrumento de resistência e contestação. Segundo a autora, o capitalismo e o Estado moldaram os corpos para que fossem produtivos, obedientes e controláveis, inserindo-os em um sistema de vigilância contínua. No entanto, em tempos de controle difuso, a resistência surge através do próprio corpo, que começa a escapar dessas normas e a criar novas formas de existência. Para Oliveira, o corpo se torna uma ferramenta política e simbólica ao participar de ações coletivas que desafiam as estruturas estabelecidas e propõem alternativas ao modo de vida dominante.

Partindo dessa premissa de que poderíamos nos tornar objetos de resistência a partir dos nossos próprios corpos, junto aos workshops propostos, construímos um dos pilares da nossa pesquisa e da nossa peça: nossos corpos eram tão importantes quanto qualquer outro elemento, o que nos permitiu uma fruição de experimentações múltiplas. A autora reforça que, em contextos de criação artística, o corpo pode ser um espaço de reinvenção e subversão, o que ressoou profundamente em nosso processo criativo. Chegamos a um ponto em que tivemos que conter, com certa força, as inúmeras criações que os atores e diretores traziam para os ensaios, pois a efervescência de ideias era tamanha que, sem essa contenção, não teríamos um caminho consolidado para seguir.

Alana - Eu me lembro da aula em que conhecemos a autora do primeiro texto que lemos neste trabalho. Com o rosto todo tatuado e cabelos coloridos, foi a primeira vez com lágrimas nos olhos em que vi alguém como eu dentro do ambiente acadêmico, quando a T. Angel nos mostrou suas fotos das performances com suspensão corporal e eu automaticamente revivi a primeira vez que vi alguém pendurado no Chile, nessa época já estava a espera dos profissionais que fazem essa prática de minha confiança virem para São Paulo para a minha própria suspensão (suspensão corporal consiste em perfurar ganchos na pele e içar até sair no chão), mas eu nunca havia enxergado isso como prática artística e sim como mais um movimento de contracultura e isso foi um clique muito grande na minha cabeça, quando eu fui para a minha primeira vez eu já fui com uma outra mentalidade. Foi literalmente uma virada de chave que me permitiu enxergar minha própria cultura como arte. E o texto conversava com cada

um dos integrantes de maneiras diferentes e íntimas ao mesmo tempo. Colocava ali em palavras alguém falando antes da gente coisas que queríamos falar:

> Nossos corpos e subjetividades são estranhas, esquisitas, abjetas, anormais, monstruosas. Somos os nossos corpos. … Não aceitamos que a família, a igreja, a ciência ou, tão pouco, o Estado diga-nos o que podemos fazer com os nossos corpos. Não precisamos pedir autorização para sermos quem somos, assim, dispensamos a noção patriarcal, violenta, controladora e autoritária de ter que pedir permissão e comprovar que somos o que somos – para então, somente depois de que alguém que não nós, diga que somos – para que a nossa existência tenha validade e dignidade. Nós já somos uma realidade. A nossa existência não só tem validade como está plena em legitimidade. Exigimos dignidade!– Não queremos atender os interesses de uma vida normativa, pois não acreditamos nesse modelo fabricado e enlatado. A normatividade é uma ilusão violenta que fizeram você acreditar que é a única verdade possível. – Não existe uma única realidade possível. – Não existe um único modelo de corpo possível. – Não existe uma única possibilidade de felicidade possível. – Não existe um único caminho. Nunca existiu e nem nunca existirá. Se for preciso caminhar na terra, caminharemos. Se for preciso caminhar na água, caminharemos. Se for preciso aprender a voar, aprenderemos. Adaptação, evolução, revolução. (T. Angel, 2015)

Felix - Nosso trabalho se propunha a ser um diálogo entre a festa e as questões da saúde mental, e foi interessante perceber como o próprio grupo refletia essa temática. Muitas vezes, esquecíamos de olhar para nós mesmos e notar que nossas próprias questões psicológicas estavam imersas no processo de criação. Isso também afetava a organização dos ensaios. Nossa metodologia foi se criando organicamente, sem um planejamento fixo. Muitas vezes, chegamos sem saber exatamente o que fazer, e eu tentava ativar o grupo através de jogos corporais, improvisações e comandos musicais. Essa abordagem intuitiva nos levou a descobertas inesperadas e consolidou a identidade do espetáculo.

No final das contas, nossa metodologia foi essa: a construção a partir do nada, permitindo que a própria experiência e o corpo dos atores ditassem os caminhos da criação.

Alana - Minha parte nesse processo se dá como uma grande faz tudo, eu sou responsável pela parte de produção do trabalho, que neste momento se dá em termos das coisas necessárias para o trabalho, desde agendamentos, objetos, luzes,

organização de agendas, cobranças e afins. Como direção eu organizo o processo como um todo, na definição de objetivos para cada período. Organização de ensaio e proposições realizadas em cada dia. Sempre em contato com todos para poder entender o que será realizado em cada dia, para que os ensaios tenham uma sequência lógica e orquestrada dentro do processo. Assim como proposição de aquecimentos e provocações para a criação.

PARTE II: SALA DE ENSAIO

Félix - Ao longo da minha trajetória artística e acadêmica, sempre me considerei um artista do corpo. A dança e a expressão artística sempre estiveram presentes em minha vida de maneira quase palpável, tornando-se um meio essencial para comunicar ideias e emoções. Assim, desde o início do processo, assumi a responsabilidade de trabalhar com os corpos dos intérpretes do grupo, buscando desenvolver neles uma consciência corporal expandida e um maior domínio sobre suas expressões físicas.

Quando finalmente entramos na sala de ensaio, me vi constantemente questionando qual era, de fato, o meu papel dentro do processo criativo. Eu sabia o que queria expressar, mas não tinha clareza sobre a melhor forma de fazê-lo. Ainda assim, um desejo constante de supervisionar, estruturar e me envolver ativamente no projeto me acompanhava. Mesmo sem ter certeza se atuaria como diretor, intérprete ou ambos, desde o início quis explorar um trabalho que estimula os intérpretes a despertarem suas potências criativas, tornando-se atores-criadores. Minha formação ocorreu dentro de uma escola stanislavskiana, e sempre acreditei na força do Sistema de Stanislavski, especialmente no método das Ações Físicas, que propõe que a emoção nasce da ação e não o contrário. Esse princípio incentiva o ator a experimentar e construir sua performance de maneira orgânica, partindo da fisicalidade para atingir estados emocionais autênticos.

O Método das Ações Físicas foi um dos últimos desenvolvimentos teóricos de Stanislavski e revolucionou a prática teatral ao enfatizar que a experiência emocional do ator deve surgir a partir de estímulos concretos e físicos dentro da cena (MOORE, 1974). Segundo Grotowski (1997), essa abordagem influenciou diretamente o teatro contemporâneo, possibilitando uma atuação mais verdadeira e menos artificial. Nosso trabalho é, de certa forma, também um resgate do *teatro pobre* de Grotowski que não depende de grandes estruturas, mas sim da entrega absoluta do ator. Tentamos estabelecer um contato direto com essa linguagem, investigando seus princípios e aplicando-os ao nosso processo criativo.

Desde o início, queríamos um teatro que fosse mais sobre nós mesmos — nossos corpos, nossas vozes e nossa fisicalidade — do que sobre uma encenação convencional. Para nós, o cenário somos nós. O figurino somos nós. A sonoplastia, de certa forma, também emerge de nós. A peça se constroi a partir da organicidade dos nossos gestos, emoções e da interação entre os atores e o público.

Nesse sentido, a visão que adotei durante o processo criativo pode ser sintetizada por uma reflexão do diretor Diego Moschkovich, presente no livro *Stanislavski Revelado*:

> "Eis porque, como penso, Stanislavski continua atualíssimo. Existe uma linha no pensamento teatral dele que conecta os conceitos de ator, ser humano e ação muito firmemente. Ele não apenas afirma que o ator é, antes de mais nada, um ser humano, como define este último através da sua capacidade de agir e transformar aquilo que existe ao seu redor. Notem a importância disso, e notem a força de arma que essa linha adquire no teatro dos dias de hoje. Trata-se de um pensamento que coloca o teatro no campo da resistência das relações humanas. Relações humanas em todos os seus aspectos, de produção e de reprodução. O teatro que se produz nos dias de hoje, o teatro de elite, produzido nos grandes centros produtores de cultura, e que impõe a cultura da metrópole, nega a qualidade fundamentalmente humana não apenas do teatro, mas das relações produzidas e reproduzidas dentro dele. Nega a existência da capacidade do ser humano de se relacionar efetivamente, autenticamente, nega a capacidade de agir, entender a própria ação e, através do entendimento da própria ação, reaplicar essa ação na prática e mudar a própria realidade. Isso, para mim, é o que Stanislavski tem de mais revolucionário." (MOSCHKOVICH, 2018, p. 79-80).

Então, busquei desenvolver técnicas que colocassem os atores em estado de ação constante, permitindo que seus corpos se libertassem — ainda que por um breve momento — das construções preestabelecidas por eles mesmos e pela sociedade. Meu objetivo era criar um ambiente onde pudessem explorar, sem reservas, as

máximas de seus corpos naquele instante, permitindo que a expressão surgisse de maneira genuína e transformadora.

No campo da preparação corporal, inicialmente tive a intenção de assumir esse papel, mas logo percebi que não tinha o conhecimento técnico suficiente. O que eu trazia eram minhas experiências na dança e no teatro como ator, e, com isso, desenvolvi um trabalho baseado na experimentação e na exaustão física. Proponho que começássemos quase todos os ensaios com uma "dança balada", criando uma playlist com músicas eletrônicas (techno, house) para estimular os corpos a se soltarem. Isso permitiu perceber quais atores alcançaram rapidamente um estado de energia e quais tinham maior dificuldade. Aos poucos, o grupo foi ganhando resistência e aprendendo a acessar estados corporais intensos com mais facilidade.

Além disso, realizamos exercícios físicos rigorosos, incluindo alongamentos, agachamentos, abdominais, polichinelos e corrida, para preparar o corpo para a exigência física do espetáculo. Minha inspiração vinha de técnicas como a Biomecânica de Meyerhold e a física do êxito em Grotowski, que exploram exaustão como meio de libertação expressiva.

Na nossa primeira semana na sala de ensaio, propus um experimento para que os atores se sentissem o mais confortável possível em seus corpos e no espaço. Ajustei a iluminação para um tom rosa suave e coloquei para tocar uma playlist composta por faixas de techno e house, gêneros que historicamente carregam uma forte relação com a libertação corporal e a experiência sensorial. O objetivo era estimular os sentidos e a sinestesia dos corpos em relação ao ambiente e aos outros intérpretes, além de incentivar cada um a explorar sua própria sensualidade de maneira autêntica, expressiva e confortável. Com esse exercício, queria ajudar a liberar as travas corporais que cada um carregava, permitindo que se movimentassem sem autocensura ou julgamento.

Workshops:

Alana - Com a temática Qual é a sua Dança, Qual é a sua festa? e Qual é a sua sensualidade? proposto por Félix com o objetivo de descoberta exploração e composição corporal para a formação de imagens, consistia em através de provocações e das músicas das festas lgbts buscar corpo cênico.

Felix - Esse primeiro dia de ensaio marcou o início da investigação sobre as potências corporais e a relação de cada intérprete com sua própria sensualidade. Esse exercício fazia parte do meu workshop que foi dividido em duas partes, a primeira intitulei *Qual é a sua Dança, Qual é a sua Festa?* E a segunda *Qual é a sua sensualidade, O que te dá Tesão?* Ao longo das semanas, decidimos que cada participante traria um workshop próprio, baseado nos seminários realizados anteriormente, em suas referências e em suas vontades artísticas.

(Primeiro dia na sala de ensaio explorando a sensualidade que cada um possuía e as potências corporais.)

O vídeo da segunda parte do Workshop pode ser visto através do link: https://www.youtube.com/watch?v=ZrR85bfMhf0

Alana - O que eu coloco do outro lado do vidro workshop realizado por mim com o objetivo de construção cênica para dar apoio a dramaturgia, onde após exercícios intensos os atores eram convidados a se deitar no chão de olhos fechados e imaginar que havia um vidro na sua frente. Dentro deste vidro eles escolheriam colocar ali algo que gostaria de eliminar de suas vidas, poderiam ser pesadelos sintomas dos transtornos ou até uma lembrança ruim. Defronte desse vidro pensariam quais eram as estratégias para diminuir e foi colocado lá dentro. Lembrando que o que estava dentro do vidro jamais teria capacidade de sair do vidro. De acordo com que as estratégias fossem pensadas o vidro e a coisa em si diminuía. Em sequência pediu

um improviso de uma pequena cena baseada no exercício, em sequência uma escrita automática.

Felix - Beatriz foi a próxima a propor um novo workshop. Sendo adepta do BDSM, ela trouxe uma experimentação de shibari, a tradicional técnica japonesa de amarração erótica que, além de seu aspecto estético e sensual, pode ser utilizada como uma forma de meditação e entrega. Durante a atividade, Beatriz amarrou cada um de nós de maneiras específicas, respeitando limites individuais e promovendo uma experiência sensorial e simbólica. A partir desse experimento, compreendemos que a sensualidade é algo inerente a cada indivíduo, mas que se manifesta de maneiras distintas, dependendo de vivências, referências e zonas de conforto. A experiência foi tão significativa que logo percebemos que o shibari deveria fazer parte da peça de alguma forma.

Alana - Lavar o rosto nas águas sagradas do monster - Esse foi um workshop proposto por Bruno Maldegan que surgiu no começo dos nossos encontros e da forma que surgiu foi parar na peça final. Praticamente sem nenhuma alteração como a perspectiva performativa ele explora uma comemoração aos seus anos de sobriedade, nos trazendo uma perspectiva do seu processo de ter parado com o álcool e com a cocaína, substituindo por vícios menos nocivos, substituindo por energético.

Felix - O workshop seguinte foi conduzido por Bruno Maldegan, trazendo a perspectiva de alguém que luta diariamente contra demônios internos, os quais ele identifica como os monstros do vício e da depressão. Durante a atividade, Bruno celebrou dois anos e quatro meses de sobriedade, ressaltando o impacto transformador desse período em sua vida. Ele compartilhou sua trajetória de abstinência da cocaína, do MDMA, do álcool e de outras substâncias, refletindo sobre como a sobriedade lhe trouxe lucidez para enfrentar a realidade.

No workshop, Bruno demonstrou que é possível acessar a potência e a força que muitas vezes buscamos nas substâncias, sem precisar recorrer a elas. Ele abordou como as pessoas marginalizadas já vivem um estado de delírio social e, por isso, não necessitam de substâncias para escapar — pois a própria existência já se encontra em um estado alternativo de tempo e espaço.

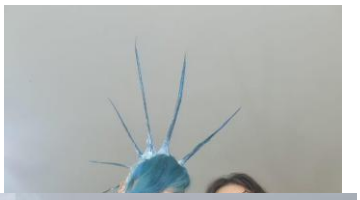
Durante a atividade, ele fez uma ponte entre o vício e a sobriedade, mostrando que ambas as condições geram potência, mas que esta também pode ser acessada de forma consciente e sem a dependência química. No decorrer do workshop, ele se apresentou como um "monstro sóbrio", alguém que encontrou uma maneira alternativa de suprir a necessidade de estímulo — recorrendo ao energético, por exemplo, como um substituto que lhe proporcionou uma transição mais segura para a sobriedade. A experiência trouxe à tona a reflexão sobre como, para muitas pessoas, as drogas representam uma tentativa de fuga de um ambiente opressor, mas que, no fim das contas, a verdadeira saída está no enfrentamento interno.

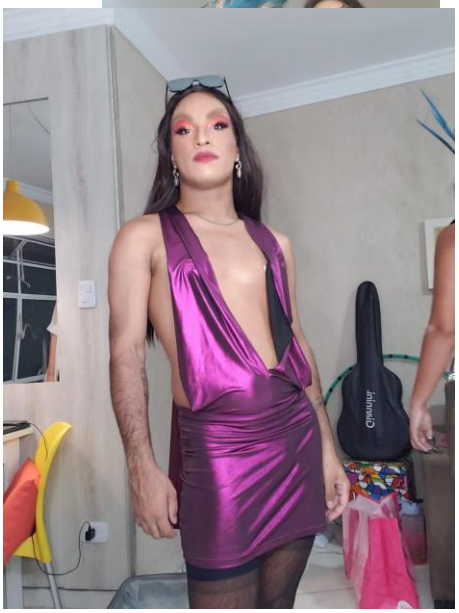
Esse workshop foi tão significativo que se consolidou como uma cena essencial dentro da peça teatral que estava sendo desenvolvida. Ele estabeleceu um contraponto ao imaginário da noite como um espaço de bebedeira e perdição, evidenciando que é possível estar sóbrio e consciente, e ainda assim se sentir poderoso. A mensagem principal foi a de que, ao estar consciente, uma pessoa pode ser um monstro de outra forma — gigante e avassalador, não por efeito das substâncias, mas pela própria força interna.

Alana - O Experimento do Elemento Cênico (camisinhas) com o esboço da mulher de duas cabeças, workshop proposto por mim com o objetivo de construir um jogo com a cenografia proposta assim como testar em corpo o texto que virá a ser o fio condutor do nosso trabalho. É um texto surrealista escrito na madrugada relembrando minha experiência numa festa na Ocupação Centro Cultural Ouvidor 63 sob o efeito de doce (LSD). O exercício consistia em procurar no meio um palco cheio de camisinhas cheias de ar, quais daquelas camisinhas eram a sua alma. interagir com aquela alma e em sequência compartilhar sua alma com outro membro do grupo

assim como receber a alma do outro, buscar formas dessa alma caminhar pelo corpo e experimentar o texto junto com o exercício.

Félix - Como o trabalho possuía a temática da noite, e por ser um frequentador assíduo desse universo, propus uma pesquisa de campo baseada em uma vivência real. A proposta consistia em realizar um workshop no qual os integrantes do grupo iriam a uma festa e, ali, fariam um ensaio performático. Esse experimento foi desenvolvido inicialmente na casa da Fernanda, onde cada um construiu uma persona específica para a ocasião.





Minha persona era uma drag queen. Busquei explorar os aspectos mais marcantes dessa identidade, estudando maquiagem, gestualidade e presença cênica. Sempre tive o desejo de que minha drag nascesse em uma festa de grande porte, e foi assim que decidimos ir à RebobiNights, um fato que fez com que desenvolvêssemos nossas personas Drags era que para poder entrar na festa gratuitamente era preciso ir montado de Drag Queens, caso contrário iríamos pagar o valor de R$90,00 no ingresso, uma das festas mais icônicas da cena LGBTQIA + de São Paulo.

Na festa, cada um vivenciou a experiência de maneira única. Eu, montado com salto alto, um vestido brilhante e maquiagem carregada, me senti extremamente solto e à vontade. No entanto, percebi que minha experiência contrastava com a de Alana e Fernanda, que não estavam tão confortáveis. Esse contraste revelou como os

espaços da noite não são homogêneos e podem gerar estranhamento, mesmo dentro de um ambiente que se apresenta como inclusivo.

Durante a experiência, percebi também as dinâmicas de exclusão presentes, mesmo dentro de um espaço LGBTQIA +. A festa era majoritariamente frequentada por homens gays e drags extremamente produzidas, o que gerava uma hierarquia estética. Minha primeira montação não estava impecável, mas me permiti experimentar. Já Alana criou uma drag que destoava dos padrões esperados: sua persona tinha cabelo eriçado, pontiagudo, dentes afiados e acessórios metálicos, remetendo a uma figura disruptiva. Fernanda, por sua vez, encarnou uma personagem enigmática, uma mistura de Maria Padilha com Zapelindra, evocando um arquétipo místico da noite.

A vivência foi marcante, pois nos permitiu explorar como diferentes personas ocupam o espaço da noite e como os territórios influenciam essas interações. Para mim, o momento mais simbólico foi quando subi no palco com Alana, permitindo-nos ser engolidos pela atmosfera da festa, das luzes, da música e das pessoas ao nosso redor.

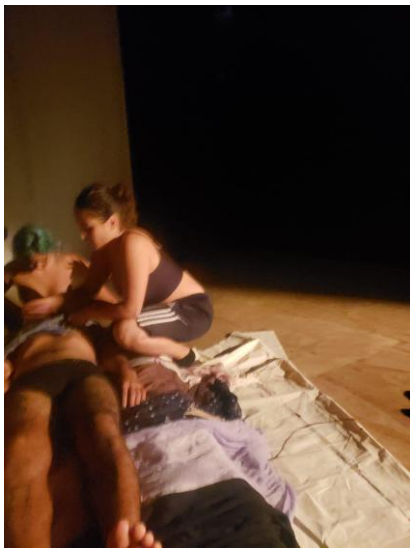
Contudo, a noite também revelou contradições: apesar da atmosfera de celebração, encontrei uma senhora no banheiro

que me contou que trabalharia das 20h às 8h da manhã por apenas R$100. Esse encontro escancarou as desigualdades que permeiam esse universo e como a festa, apesar de ser um espaço de liberdade, também carrega dinâmicas de exploração e exclusão.

Alana - Um outro workshop proposto por Bruno Maldegan foi “A Festa Silenciosa” onde ele trouxe um *audiotour* realizado para uma de suas disciplinas do departamento onde através de um áudio imersivo convidava-nos a encontrar alguns estados. A partir deste áudio fizemos uma das nossas aberturas de TCC I. Nesse momento do trabalho ainda estávamos pensando em como fazer nosso público interagir e participar das nossas festas. Esse áudio serviu de inspiração para montarmos o final do nosso trabalho, abandonamos a ideia de trazer uma experiência guiada por conta da falta de recursos.

Félix - No decorrer do processo criativo, passamos por diversas fases. E uma fase a qual constantemente voltávamos era da angústia e queda devidos os temas que estávamos tratando e que tocavam em feridas ainda abertas em todos nós, vendo que o grupo não estava bem, em meados de maio Beatriz propôs um workshop baseado em uma prática meditativa curativa de origem mexicana chamada *Rebozo*. Tradicionalmente utilizada para aliviar dores e desconfortos em mulheres grávidas, essa técnica tem a ação de envolver uma pessoa em diversos tecidos, proporcionando uma sensação de acolhimento e renascimento. Todos os integrantes do grupo passaram por essa experiência, e o momento revelou-se essencial para o

trabalho, pois nos permitiu acessar um simbolismo de renascimento dentro de um processo que, até então, havia mergulhado em temáticas de depressão e morte.



O rebozo trouxe um respiro para a pesquisa, e a prática foi incorporada como uma cena dentro da peça. A sensação de estar embrulhado e protegido evocou a ideia de retorno ao útero materno, um espaço seguro e regenerador. Esse workshop foi um divisor de águas, pois trouxe um momento de acolhimento e cura dentro do nosso processo.

Alana - Fumódromo, Workshop de improvisação proposto por Fernanda Ramos onde através de um jogo infantil chamado origami da sorte e uma lista de acontecimentos e ações os atores em jogo recebiam instruções sorteadas para uma improvisação. Essas improvisações aconteciam dentro do fumódromo da nossa festa. E compôs a criação de corpo para a cena do fumódromo do nosso trabalho.

A infância e o tecido brilhante - workshop proposto por Félix em formato de cena onde abordava sua infância e as situações de abuso sexual infantil pelo qual passou. Essa cena chegou a ter formatos em dramaturgia consolidadas mas foi cortada ao longo do processo.

Félix - Outro workshop que propus foi inspirado em memórias da minha infância. Lembrei-me de quando criança, me enfeitava com tecidos e lençois, dançando e desfilando pela casa, explorando a liberdade do movimento. Contudo, junto a essa

lembrança, trouxe à cena um episódio doloroso: o abuso sexual que sofri aos cinco anos. Essa experiência marcou profundamente minha trajetória, mas decidi que, na performance, iria ressignificá-la.

No étude, expressei que, apesar do mundo ter acabado para mim naquela idade, eu me recusaria a deixar que esse evento destruísse meu futuro. Assim, propus uma cena na qual me envolvia novamente em um tecido branco brilhante e saía pelas ruas e festas, reivindicando minha própria existência e me reencontrando comigo mesmo.

Dentro desse processo, compreendi que nossa peça trata de corpos que sobrevivem ao fim do mundo. O grupo é formado por pessoas com trajetórias singulares, mas que compartilham momentos de queda, angústia e profunda tristeza. Durante o trabalho, passei por crises depressivas severas que me impediram de me conectar com o processo e com o grupo. Em uma dessas noites, voltando do hotel onde trabalhava na madrugada, presenciei o exato momento em que os raios de sol começavam a irradiar o céu, o crepúsculo do amanhecer, e senti uma breve euforia, acreditando que poderia conquistar o mundo. No entanto, essa sensação se dissipou assim que o dia amanheceu, e me vi aprisionado novamente no ciclo de ansiedade, cansaço e desmotivação.

Alana - Leitura do storyboard, durante o processo surgiu de minha parte a ideia de criar uma animação, entre passar a peça. Essa animação consistia em uma garota se jogando de um prédio e antes de encostar ao chão havia seu próprio reflexo na água, os frames da animação voltava como um ato de rebobinar até ela estar novamente em cima do prédio e desta vez voltando ao ponto inicial recebe o convite para a festa antes de ir embora. A animação chegou a ser esboçada pelo artista Erick Nunes, mas acabou sendo descartada de acordo com que o processo foi encaminhado já que não encaixava mais dentro da peça.

Entidades da noite seus arquétipos - numa busca de definir personagens para o nosso trabalho, eu e Beatriz Viviane criamos um mapa, um conglomerado de entidades religiosas, folclóricas e ficcionais para compor o imaginário dos atores uma base de solo fertil para a construção de personagens arquétipos. Numa tentativa de criar personagens para a separação de falas da dramaturgia. Posteriormente essa ideia foi descartada ou incorporada na ideia de figuras. Já que o trânsito que os atores fazem

dentro do trabalho não permitia a formação de um personagem em si, estando mais para fluxos mentais.

Félix - Foi com essa experiência em mente que propus o workshop do Muro. Nele, construí um muro de cubos no espaço de jogo, simbolizando a barreira entre a depressão e a possibilidade de superação. Inspirado por sessões com minha psicóloga, entendi que aquele muro era minha única âncora para não cair no abismo. Porém, ao final da cena, o muro já havia caído há muito tempo — e eu também.

A cena do *Zelador Noturno* emergiu desse workshop. Nela, eu permaneço agarrado ao muro, tentando evitar que os outros caiam, mesmo que eu mesmo esteja à beira do precipício. Essa metáfora sintetiza a luta contínua de quem, apesar do próprio sofrimento, ainda busca proteger os demais.

Alana - O muro, Proposta de workshop de Félix baseado em proposta cênica e de cenário. Consistia numa resposta após um período depressivo do mesmo onde ele abordava sua última sessão de terapia de alguém que vê a vida através da ótica de um abismo. Essa experimentação veio desembocar na parte de encenação da cena do Zelador Noturno que já tinha dramaturgia existente.

Um dos Workshops surgidos nas primeiras rodadas, foi o proposto por Beatriz Viviane que explorava trazia a figura de Matinta Perera, uma entidade na encantaria brasileira. Com o uso de um tambor e cachimbo xamânico, sons de coruja já que a entidade se torna uma rasga mortalha coruja suindara foi uma cena com muita força, mas que ao mesmo tempo destoava muito do resto do processo. Assim como todas as experiências da Bea com a noite. Eu tive que me aproximar muito do universo dela para entender, de suas noites dedicadas a sua religião umbandista. Nesse processo eu tive que me aproximar da minha própria espiritualidade para poder trazer o universo dela para o texto. Quando se tem transtornos como os meus que envolvem psicoses, noções de espiritualidade ficam muito confusas. Eu rememorei experiências que misturam surtos e a espiritualidade de conversar com rios (Cresci com o rio Jaguari na casa de meus pais, quando viajava como malabarista tinha uma apego muito grande em nadar em bacias hidrográficas, fora que como fazia geografia tinha um forte estudo nisso), essas conversas com rios foram virando verdadeiras epifanias ao ponto de quase me jogar na ponte do rio Pinheiros quando voltei. Elas

aconteceram em sítios arqueológicos como as ruínas como os Geoglifos de Tiliviche no Chile e eu vim descobrir onde eu estava muitos anos depois. Comecei pensando em uma das minhas ancestralidades a pensar quais eram os pontos em que a cultura anarco punk tocava as culturas indígenas, seja em território urbano ou não, já que nossa multiplicidade toca em coletivos como o CUAPI (Coletivo Urbano em Apoio aos Povos Indígenas) por exemplo, foi aí que entrou as entidades Ticê e Anhangá que a própria Bea trouxe equilibram a loucura com o sagrado (já que ela é a única que olha em seus olhos sem enlouquecer) e sua materialidade está onde a diversidade da noite em São Paulo acontece, o Vale do Anhangabaú. Eles vem fechar nosso trabalho, que foi aberto anteriormente com Exu por Maldegan. E a figura da Matinta Perera se transforma em inspiração para a nossa mãe suindara, minha personagem.

Experimentos Cênicos

Felix - Gostaria de destacar três experimentos que considero fundamentais no meu processo como propositor cênico. Meu papel no trabalho se divide entre diretor de atores e ator, mas, mais do que diretor, me vejo como um propositor. Durante todo o processo, busquei trazer formas e proposições que gerassem um clique nos atores, permitindo que se soltassem e experimentassem novas possibilidades corporais. Meu objetivo era construir corpos que não estivessem fixados em padrões pré-estabelecidos, pois acredito que o trabalho surge justamente da desconstrução do convencional.

Alana - Alguns dos nossos aquecimentos eram pulando corda e muitas vezes com pouca intervenção dos diretores essas cordas se transformavam e delas surgiam amarrações, situações de controle, situações de opressão muitas coisas que foram incorporadas ao longo do trabalho e que aparecem no trabalho final.

Felix - Senti que alguns integrantes do grupo enfrentaram dificuldades para acessar esses corpos não convencionais. Alana, por exemplo, cresceu estudando artes marciais, o que fez com que seus movimentos fossem predominantemente angulares e retos, resultado de anos de treinamento em luta. Sua dificuldade estava em quebrar essa linearidade e encontrar uma fluidez corporal distinta. Já Beatriz, por questões estéticas e das normas normativas, mostrava um grande interesse em se permitir,

mas havia ainda um certo bloqueio. Esses desafios foram sendo trabalhados ao longo dos ensaios, culminando em três experimentos marcantes.

Alana - Um dos dias de ensaio que foi mais encantador e onde a recusa do texto nos levaram a lugares fantásticos foi quando surgiu a cena que batizamos de Alice. A partir de uma das propostas cênicas de um texto sobre se arrumar propus um improviso em cima do texto como uma experimentação para que eu pudesse reescrevê-lo e eles levaram para outro lugar. A cena parecia algo com teatro absurdo mas ressoava com o resto do nosso trabalho. E ela surgiu praticamente pronta desde o início. Com o jogo ativo os sentidos iam se construindo e concatenando na cena mais longa do nosso trabalho.

Félix - O primeiro experimento, chamado "Demidov Pelado", foi inspirado no método de Nikolai Demidov, um importante ensinador russo discípulo de Stanislavski, que propõe um trabalho a partir das ações físicas e dos impulsos mais genuínos do ator. Diferentemente de outros métodos, Demidov não estabelece circunstâncias pré-definidas para a cena, permitindo que os atores respondam de maneira espontânea e verdadeira ao texto. No nosso exercício, partimos de um trecho da cena 4, que retrata um momento de alucinação induzido por drogas. Repetimos o texto diversas vezes até que ele se fixasse corporalmente, permitindo que os atores entrassem em cena sem planejamento preestabelecido, apenas guiados pelos impulsos internos. O resultado foi um momento de entrega total, no qual todos os atores acabaram nus, não por um apelo sexual, mas pela busca da liberdade e da ausência de barreiras. Esse exercício foi crucial para gerar um sentimento de respeito e liberdade dentro do grupo e para compreender a atmosfera que a peça exigia.

O segundo experimento foi a "Dança do Fim do Mundo". Sempre imaginei o espetáculo como um teatro dançante, influenciado pela minha vivência na noite e pela compreensão de que a dança é um dos maiores estados de liberdade do corpo. Propus que cada ator criasse sua "dança do fim do mundo": como se moveriam se soubessem que o mundo estava prestes a acabar? E qual seria a sua "dança arma", capaz de destruir um mundo de opressão e invisibilidade? Esse experimento revelou movimentos incríveis, incluindo a incorporação do Kathakali, uma forma de teatro-dança tradicional da Índia, caracterizada pelo uso expressivo dos olhos e gestos das

mãos. Alana trouxe essa referência ao grupo e a adotou como sua linguagem corporal para a "dança do fim". Meu movimento, por outro lado, foi mais performático e sensual, explorando a potência do corpo e sua grandiosidade. Beatriz e Fernanda exploraram um lugar de força feminina e sensualidade, enquanto Maldegan criou uma dança de permanência e continuidade, remetendo à ideia de renascimento após o fim do mundo.

Alana - A dança do fim do mundo. Exercício proposto por Félix buscando encontrar estados e aplicar técnicas de dança para consolidar corpos que estavam em experimentação. Nesse exercício pode trazer a dança dos olhos indiana Kathakali onde artistas usam os olhos e a expressão do rosto numa dança teatral. Eu usei de indutor para encontrar movimentos corpóreos que compunham uma coreografia que foi removida na peça por conta do meu acidente de moto.

O terceiro experimento, "Nunca 3", é um jogo comum no teatro e amplamente utilizado em cursos e improvisações. Baseia-se em uma cena entre dois atores, em que um terceiro entra e força um dos primeiros a sair. No nosso caso, fizemos uma versão expandida, "Nunca 5", onde um dos atores que saía deveria observar e escrever livremente o que lhe vinha à mente, sem filtro ou elaboração excessiva. Dessa experiência, surgiram trechos de texto que incorporamos à peça, além de relações cênicas inesperadas.

Alana - Improvisos sem registros. Esse foi um dos momentos mais efusivos e efervescentes quando pensamos em criação. Isso aconteceu algumas vezes e perdemos muito material assim. A gente se envolvia no processo criativo como performers improvisando com luz e som e deixava para trabalhar nos registros depois o que obviamente fazia com eles fossem perdidos ou simplesmente não feitos.

Essa minha posição múltipla no trabalho muitas vezes me colocava em cena. Eu e Félix nos envolvíamos real e acabávamos deixando o trabalho de direção e dramaturgia um pouco de lado. Muitas coisas voltavam para o trabalho mas outras não. Muitas vezes algo proposto por um ator voltava no corpo do outro, ressignificado de outras maneiras.

Esse exercício foi uma resposta a esse processo que estava acontecendo de falta de registro. Fizemos uma adaptação do jogo “Nunca 3”. Sempre 3 atores em cena e 1

fora. O ator que estivesse fora estaria registrando o que acontecia dentro. Dentro do exercicio surgiu os protótipos de cena (todos descartados) das brincadeiras com sombra e a figura que chamamos de Peter Pan que falava de forma maldosa dos meninos perdidos somadas com a cena de abuso infantil de Felix. Um Glory Hole. Uma cena baseada na minha experiência com o uso de crack (Quando eu tinha 15 anos no intuito de me violentar sexualmente “batizaram” meu beck e com o auxílio da minha mãe eu consegui sair da situação mesmo muito drogada e com o passar dos anos como malabarista de rua eu convivi muito com pessoas usuárias o que me permitiu através do corpo dos outros identificar o que aconteceu comigo e trazer isso pro trabalho). Vou deixar aqui em sequência os registros dos atores quando estavam como observadores:

- “Felix: Como é a sua mãe? Três corpos deitados trocando umas ideias, o que está acontecendo entre duas pessoas?”

- “Fernanda: Quando os olhos se tocam de verdade todo o resto também se toca. Três pessoas se esbarrando - Carrinho de bate-bate - ambiente claustrofóbico, não tem espaço para tanto corpo, ou tem espaço para caralho mas querem ficar juntos.”

- “Maldegan: Deslocamento de percepção estéril que geram repulsa e então findando o recalque, fascínio, erotico, animal (Alana girando sua chave). Convívio desprogramático do corpo, dança, cerne invasora, abertura de fendas no corpo do controle. Como as unhas de um gato.”

- “Alana: A mulher um dia enlouqueceu, saiu um dia na rua arrancou as calças e fugiu do marido, pegava lixo por aí, lixo e não sucata, todos riam dela até um dia ela construir e entrar num foguete e realizar seu sonho. Seu sonho? Nadar no vácuo. Qual a corrente que te prende? Você não percebeu ela ta solta é você que está segurando ela.
  Eu quero um abraço, você pode me abraçar?
  Aí um estranho veio e levou ela pra dançar um tango e eles se casaram para sempre.
  Eu só gosto de usar calcinha quando ela entra bem fundo na bunda.

Kathakali.

Ela foi numa festa onde nas escuras homens colocavam seus paus num buraco e mulheres a buceta e você nunca veria quem está do outro lado da parede. Ela foi lá e colocou a boca, veio um homem e a beijou e em sua boca deixou um quadrado de papel. Depois de 12 meses ela pariu um golfinho cor de rosa."

- "Maldegan: No território da festa o corpo impera passado, dentre, entregue às forças que transcendem qualquer dimensão perceptível do drama, a matéria erótica deixa estruturas a luz cercando deliberadamente um homem que responde com ativação muscular instintiva. Corpos do intensivo suados de desgrenho de cabelos um dia penteados pelo pai. Sombras ancestrais projetadas de figuras de vidro. Peter Pan despertados pelo celular abandonando seus meninos perdidos. Vagaram pela terra arrasada dançando com espadas que desejavam a mãe de um édipo pirata. Jogados aos porcos seus dedos feitos para apresentar sua nova maquiagem borrada, porcos cagam sobre os tacos para nutrir a nova Terra cheia de plantações de tabaco, florestas de tabaco e maconha.

  Eu tinha 15 anos quando adormeci na floresta de tabaco. Quando o sol nasceu de trás de uma santa.

  Aquela pedra de crack reluzente que arregaçou meu sono.

  Com 5 anos de idade eu ensaiava pra essa festa me enrolando naqueles tecidos da minha mãe, tentando deter o processo de programação coercitiva aristotélica que tavam tentando me enfiar pelo cu.

  Eu era muito novo para entender que o mundo tava acabando. Sem o terror de Deus, o brilho dos tecidos projetavam meu corpo como uma vela romana acesa no fundo de uma catedral.

  Aos 5 anos a festa imanente no meu corpo ativado pelos tecidos de minha mãe. As velas se apagando ao meu redor enquanto aqueles dedos édipos se enfiaram por dentro do brilho. A FESTA É MINHA, FILHO DA PUTA!

  Cristais de MD se quebraram no chão quando eu chorei, então eu continuei esmagando e triturando para dividir essa noite encarando o olho só do glory hole na parede."

PARTE III: SOBRE DRAMATURGIA

Alana - Eu não poderia começar a falar de dramaturgia sem falar da minha principal referência para esse processo e para a minha vida. Eu tive o primeiro contato com os textos de Sarah Kane montando Ânsia no técnico com 15 aninhos de idade. Foi a terceira peça da minha vida e naquele momento mesmo muito longe de um diagnóstico eu já sabia que minha relação de amor e ódio com a loucura não se findaria nos anos enérgicos da minha adolescência. Ao longo do processo a metodologia de trabalho se instaura quase que sem querer. Escreva chapada e revise sóbria. Outras referências que eu bebi durante meu desenvolvimento artístico foram André Breton, tanto pelas inclinações anarquistas como pelas ideias de automatismo psíquico, que estão presentes no meu processo de escrita. Os estudos sobre Alfred Jarry realizados nas disciplinas de dramaturgia do departamento, assim como pintores como Jacqueline Lamba, Unica Zürn, Zdzisław Beksiński e René Magritte (usado em referência direta em uma das cenas). Para além do surrealismo me referenciei também no teatro do absurdo de Eugéne Ionesco e Samuel Beckett. E em termos de metodologia para escrever me inspirei em Antonin Artaud, Aloísa Corbaz, Yayoi Kusama, Egon Schiele e acima de tudo em Tracey Emin na obra My bed.

Eu iniciei com uns textos e poemas soltos no bloco de notas do celular. Movida pelos picos de energia de madrugada, ativação ou hipomania noturna, sintoma muito característico da bipolaridade. No início do trabalho, potencializado por um término de relacionamento que determinava uma média de três ataques de pânico por dia e pensamentos suicidas que carcomia minha mente, se instaurou uma urgência da minha parte de falar do combo: amor e de tentativas de desvida. Escrever não tinha somente um desejo de realizar um trabalho dramatúrgico mas uma válvula de escape de alguém que necessitava de um espaço seguro para gritar.

De início fiquei um pouco tímida em trazer outros textos iniciais meus para o grupo, já que a pesquisa da escrita em surto[1] não se iniciou nesse trabalho, mas sim em uns quatro anos de escrita desconexa em páginas manchadas de sangue e quadros alucinados. O primeiro esboço dramatúrgico surgiu com um protótipo de um pequeno

[1] Textos presentes no anexo 15

conto. Esse esboço foi usado para o convite dos atores e do orientador. E foi o pontapé inicial de meu trabalho[2].

E foi por meados da virada do segundo mês de trabalho em que eu me vi parada sentada em surto numa das beiradas mais altas do velódromo em que eu decidi retornar as minhas medicações psiquiátricas, havia 6 meses que eu havia interrompido o tratamento após a primeira tentativa suicida… Bom, já era a terceira vez e dessa vez não tinha remédio pra culpar. E é aí que entra algo importante para a escrita deste trabalho. Não adiantava voltar às drogas com receita se eu não dormisse. E sem nenhuma aprovação da minha psiquiatra eu voltei a usar os remédio pra dormir de minha mãe: Hemitartarato de Zolpidem. Por conta de seus efeitos colaterais de sonambulismo e amnésia ele me faz ficar acordada e ativa enquanto eu… durmo, assim nasce a figura da operadora noturna, nome que eu dou para mim mesma enquanto mando e-mails, faço trabalhos e escrevo… enquanto eu durmo. E por mais que afete as minhas funções cognitivas é como se eu me comportasse como uma pessoa normal. Drogada mas normal.

descartável

Eu pensava tanto na dramaturgia que foram surgindo pequenos poemas no meu bloco de notas quando eu acordava, eu comecei a me forçar a escrever para conseguir dormir, e decidi levar esses textos para ler com o grupo nos encontros seguintes formando uma verdadeira roleta russa da vergonha[3].

Eu obviamente sem nem sempre saber o conteúdo escrito descobria em primeira mão junto com meus colegas. Eles nunca tinham um fim já que sempre acabavam comigo dormindo de fato. Mas a verdade é que fazer um xerox do seu inconsciente nem sempre é produtivo de fato. Saía textos e mais textos sobre dor de cotovelo, mais e mais coração partido, cenas escritas sobre alguma coisa que eu vi no dia anterior, poemas sobre a minha casa ou simplesmente uma lista de compras e ofensas para alguém que havia me aporrinhando. Mas também saíam algumas coisas legais, não era tudo lixo. Foi através de uma primeira vez que surgiu ao acaso em que eu decidi tentar explorar o que sairia dali como metodologia de criação.

---

[2] Presente no Anexo 1

[3] Presente no Anexo 2, Anexo 4, Anexo 5, Anexo 6, Anexo 7, Anexo 11, Anexo 13, Anexo 15 e 16

Foi lendo os rascunhos que surgiam que comecei a perceber um padrão entre aquilo que eu havia passado no meu dia, sobre os pensamentos que eu tinha antes de dormir, e as coisas que eram escritas.

Eu comecei a experimentar formas de orientar essa escrita pelos ensaios. A pesquisar durante o dia e antes de dormir, temáticas para aparecer na escrita, quase como uma tentativa de orientação do que faria em sonambulismo, afinal, não tinha muito tempo durante o dia para parar e escrever.

Nesse processo eu retomei algo que eu já sabia, que mesmo com o estado alterado minhas atitudes e pensamentos não se alteravam com o uso da droga. Ler sobre os assuntos que eu gostaria de alcançar antes de dormir e pensar ativamente sobre o processo de escrita acordada me tirava ou pelo menos abria buracos no véu amnésico do remédio. Inclusive me fazendo lembrar de coisas quando lia o que tinha escrito.

Fundindo esses direcionamentos e essa temática a minha pessoalidade. Essas poesias pintavam de ficção num formato narrativo as minhas lembranças, às vezes exatamente como elas eram com a descrição de cores, cheiros, detalhes, ambientações, vezes misturadas histórias criadas em cima das memórias. Com a prática eu passei a conseguir dizer o que eu queria falar seguindo as discussões do grupo.

Com a função também de diretora eu podia ministrar exercícios que me auxiliavam a direcionar a escrita, as imagens criadas nos ensaios e a imanência deles no meu corpo deixavam as coisas orgânicas. Porém uma parte minha necessitava de ter um controle para que o desenvolvimento fosse produtivo. E foi procurando organização que comecei a pensar em construir um proto roteiro. Propus um exercício de discussão onde com o grupo íamos abordando o que seria importante falar. Como cada um trouxe uma parte de si para esse trabalho achei importante que tivesse uma parte ativa mesmo que a escrita não fosse partir deles.

Essa etapa consistiu em parar com os atores e fazê-los imaginar em um primeiro momento o que gostaríamos. Eles iam falando elencar a discussão em tópicos. E essa foi a primeira rodada.

- Início do fim do mundo > Apresentação.
- Criação da festa > Arrumação para a festa > Criaturas que saem para a rua.
- Encontro.
- Festa > Espaço para se congregar a diferença > Encontro de si > Sexo.
- Reafirmação da existência> Leitura do espaço> Adaptação e leitura do espaço.
- Pista> Chapar> Loucura > Sensualidade> Capacidade erótica
- Pegação> Passar Mal> Fossa> Expurgo
- Suicidio> Funcionários da festa> Texto o zelador noturno
- Ressuscitação> cura> eu ouvi as vozes do Apocalipse Agora posso ouvir o silêncio> nova perspectiva de mundo> não é a nossa vez de morrer> sacrifício
- criar um novo mundo> pintar os balões de colorido para suspender o céu> zonas autônomas temporárias
- encontro do Nirvana> fazer a grande fogueira
- querer ou não querer que o sol nasça? > atrasar o dia? > acabaram não acabar com a festa? > matar ou não matar o trabalho? > Qual o trabalho do fim do mundo> se o trabalho morrer onde ele morre> Quebra do ter que trabalhar
- consenso > realidade> modificação do trabalho
- limpeza
- fogueira mandada ao céu > “Nasce um novo dia”
- After

Eu percebi que aquela discussão funcionaria como um combustível para a minha imaginação e que não iria atuar em um lugar consolidado, mas sim expandir a forma com que eu iria escrever e organizar o que já havia escrito. Em mais dois encontros eu pedi um fluxo livre de ideias. Eu falava os tópicos listados acima e eles iam falando a primeira coisa que vinha à mente. Surgiram grandes tópicos completos, às vezes palavras soltas, sensações, imagens, cores e enquanto eles iam falando eu estruturava grandes blocos em ordem. Eles jogavam as informações e eu buscava tentativas de conexões, blocos, nomes, tentando entender onde entrava cada coisa.

Criamos algo que chamamos de roteiro dramatúrgico. Que apesar de estar muito longe de uma dramaturgia serviria para me orientar na preparação para a escrita. Essa ordem veio a me auxiliar muito depois para organizar os textos que viriam e os que já existiam. E essa foi a estrutura que montamos:

Ato 1 - O fim do fim do mundo (acabou o fim do mundo)

Cena 1- Criando a distopia :
Texto convite - Criação da mitologia - Texto épico - Matinta Pereira - Gênesis do nosso mundo - Criação da festa - Funcionários da festa - Queda - Estrela cadente - 5 entidades.
Cena 2 - Pré festa - Início da festa
Encontro - Arrumação - Espaço para congregar a diferença - Reafirmação da existência - Leitura do Espaço - Adaptação - Uber
Cena 3 - festa
Pista - Chapação - Loucura - Sensualidade - Capacidade erótica - Pegação - Funcionários da festa - Cena fumódromo - A palavra volta a fazer sentido.

Ato 2 - desfazer/ refazer

Cena 4 - Suicídio
Passar mal - Fossa - Expurgo - Suicídio (Oq é a morte ? - Oq é o suicídio?) - A dor da distopia vence a vida da festa. - Momento em que não dá mais pra fugir - Tanatologia - pulsão de morte - Auto sacrifício - Txts de surtos - Txt mina chapada (Marciais - Desenhos e pinturas meus - Histórias Fernanda e Maldegan
Cena 5 - Ressuscitação
Cura - Magia do kaos - A cura sexual num lugar diferente da anterior - Dançar com a sombra - Reelaboração - Transformar o algoz em poesia - Oq nos trás a cura - No firmar nossa pulsão de vida - Qual a nossa pulsão de vida - Exercício de imersão do vidro

Ato 3 Alvorecer

Cena 6 - Consenso

Querer ou não querer que o sol nasça? - Matar ou não matar o trabalho -
Qual o tipo de trabalho do fim do mundo ? - Se o trabalho morre onde ele morre - Quebra do ter q trabalhar - Realidade - Modificação do trabalho - Realidade

Cena 7 - Limpeza

Limpeza do espaço - Tirar copo garrafa - Fechar o bar - Entidades da noite vem fazer a limpeza - Organizar o Kaos- Limpeza da alma - Skin care/ tirar make - Tomar banho - Ervas - Patuás - Limpar purpurina - Água

Cena 8 - Novo mundo

Criar um novo mundo? - Qual a nossa utopia ? - Zonas autônomas temporárias - Okupas Anarcopunks- Migrações - Bola verde - Brilho verde- Acabar com a industrialização- Projetar a utopia - Reconexão com a natureza - Quem constroi o novo mundo - Natureza mutável natureza não permanece - Coisas eternas trazem em si a extinção - Sedentarismo - Anti Propriedade - Propriedade patriarcal sobre a mulher - Controle sobre o poder da vida - Encontro do nirvana - Como restabelecer com a natureza

Cena 9 - Criar fogueira

Reviver as criaturas do dia ? - Alimentar a fogueira com os resquícios da modernidade - A natureza é soberana - Festividades para a natureza sabas - Mito do Deus sacrificado - Sacrifício do dia / noite - Mitologias do dia e da noite

Cena 10 - Mandar a fogueira ao céu

Nascer do dia - Momento de dança - Saudação dos mortos / aos nossos ancestrais - Honrar o ciclo da vida - Galáxias e a pequenez da terra - Bolinha verde - Brilho verde - Jiboia - Ewa - Dia nasce - Luz que incomoda os olhos - Por óculos - Fazer estrela - Virar estrela - nascer estrela

After Cena 11

Inimigos do fim - Festa em casa - Sexo - Dormir - Parque - Agua - Pulsão de vida continuar - Expectativas não cumpridas - Tenho energia para gastar - Objetivos não cumpridos - Não querer voltar para os problemas - Mandar a plateia ir dormir - Comer juntos - Finalmente encontrei o meu lugar - Manutenção da fuga - Ir para outra festa - Ver o sol nascer - Fumar cigarro de roupa no chuveiro - As dores vem - Acolhimento - Maior segurança - Cauda do oroboro - Outro campo - Cachoeira - Abrir mão da vaidade - Silêncio - - Pau de fala - Cachimbo da paz - Quando todos os problemas estão solucionados - Fé

A partir deste roteiro eu passei a escrever e encaixar o que havia escrito. Depois de um levantamento de uma massa de textos difusos. Alguns conexos, outros não. Alguns seguindo a estrutura, outros não. Eu me deparei com uma dificuldade estrutural. Onde a minha estrutura de escrita precisava se tornar dramática. Em termos de forma eles se apresentavam em conto e poesia e não em drama. Não compunham personagens. O único texto que acompanhava uma estrutura dramática era a cena 1. Em termos de direção naquele momento isso era um problema que eu teria que solucionar para propor exercícios cênicos, já que levá-los naquele formato dificultava o trabalho, quando não o impossibilitava (Um dos textos[4] possuía um caráter cinematográfico descritivo que por mais que tivesse encaixe não valia a pena o trabalho de adaptação para linguagem teatral.). Já que eu não encontrei outras formas de explicar a forma que esse texto foi modificado ao longo do processo eu escolhi uma cena para trazer de exemplo. Sim, talvez eu poderia simplesmente anexar isso no final. Mas com certeza seria uma percepção que se perderia da massa de texto dos anexos. Essa foi a primeira forma que esse texto apareceu, inspirado em uma das minhas bebedeiras de quando eu ainda bebia, saído do processo de escrever chapada descrito acima:

Márcia entrou no banheiro e ligou a luz vermelha que lhe pendia baixa na cabeça, sentiu o cheiro forte de urina e olhou em vão para baixo da porta de cada cabine que ali existia, se sentiu orgulhosa de já ter vomitado em cada uma daquelas latrinas, ela procurava Márcia, procurava Márcia em vão embaixo de cada uma daquelas portas

[4] Anexo 13

sem achar ninguém. Pensou : como cada detalhe fora recriado com incrível perfeição, tão perfeito que parecia real. E claro nenhum deles precisavam mais satisfazer nenhuma necessidade fisiológica era mero amuleto mental. Tonta olhou para o teto e nele haviam marcas de sapatos, coturnos para ser mais exata e vários chiclete colados em meio às cores, a euforia desaparecera, marcia não encontrava Márcia, o mundo girou e ela sentiu na garganta o gosto ardido da tequila correu para dentro do Box e vomitou, um líquido azul misturado com pedaços sólidos e rosa de melancia, junto com pedaços de macarrão, também tinha feijão , não ela não tinha vomitado no trem, lembrou de um filme que assistiu no auge dos seus 16 anos sobre um grupo de jovens viciados em heroína e desejou profundamente entrar dentro da privada como um dia viu no filme, sair naquele belo e transparente mar, mas a simulação era perfeita, perfeita demais para encontrar aquele mar, enquanto seu esofago convuncionava e seu esfincter contraia sem nada sair, lembrou quando havia tentado suicídio com seus comprimidos, por Deus nunca vomitava tanto, uma pequena quantidade de líquido saiu queimando sua língua e a pulsação da música lá fora espancava sua cabeça, com o dedo devagar foi girando o líquido azul rosado, desejou bebe-lo mas lembrou já estava dentro de si, sua pulseira presente da sua vó soltou e caiu, ela exitou como se voltasse rapidamente enquanto o cheiro de urina enchia de novo suas narinas, deitou no chão encostou a cabeça onde deveria ter um papel higiênico, e pensou adormecer, olhou nas paredes os rabiscos, desenhos, palavras, adesivos, não havia sobrado um pedacinho se quer sem nada, frases sem sentido, telefones de putas, assinaturas, pixos, ameaças. Levantou como de sopetao enfiou a mão na privada apanhou a pulseira e afivelou no pulso. Abaixou a calça e puxou o absorvente interno do fundo da vagina e com ele sem sucesso tentou escrever, puxou um batom líquido vermelho mergulhou a ponta ensanguentada e escreveu de fora a fora na parede: vocês falharam, eu estou viva ! Abriu estrondosamente a porta que quase caiu e lá lhe estava esperando, Márcia, perfeita em sua imagem e semelhança, um espelho de fora a fora, quem sabe uma alucinação, pegou em sua mão e lhe disse : hoje a pista é sua !

Eu passei a dividir as falas entre coro e narrador[5] para encontrar como dividir o texto entre as pessoas, assim como as poucas frases dramáticas. Quando levei o primeiro

[5] O processo descrito aqui também está presente realizado no anexo 2 e 3

texto neste formato, o ensaio tomou outro patamar. E foi nesse ensaio em que eu comecei o trabalho de desapego. Os atores eram bem anarquistas em relação aos textos uma vez em cena eu não tinha controle nenhum para onde eles iam.

No primeiro contato no texto neste formato através da experimentação foi criada uma das cenas mais preciosas desse trabalho (que chamamos de Alice). Negar o texto permitia surgir ali questionamentos semióticos tragos por Bruno Maldegan e Fernanda Ramos ao texto, a peça e ao teatro para a própria dramaturgia da peça, o imaginário composto pelo grupo estava presente em todos os aspectos do que estava sendo feito e por mais que trabalhasse enquanto diretora enquanto dramaturga só me restava sentar, assistir, gravar, reescrever e é claro passar a noite em claro estudando sobre semiótica. No caso do exemplo pego, ele foi pego intencionalmente já que não foi criado uma nova cena a partir dele e sim foi improvisado de forma mais linear. As primeiras passadas foram feitas no formato coro e corifeu:

N - Narrador
C - Coro

N - Marcia entrou no banheiro e ligou a luz vermelha que lhe pendia baixa na cabeça. Sentiu o cheiro forte de urina e olhou em vão para baixo da porta de cada cabine que ali existia.
C - Me orgulho de já ter vomitado em cada uma dessas latrinas.
N - Ela procurava Márcia, procurava Márcia em vão embaixo de cada uma daquelas portas sem achar ninguém.
C - Como cada detalhe fora recriado com incrível perfeição.
N - Tão perfeito que parecia real. É claro, nenhum deles precisavam mais satisfazer qualquer necessidade fisiológica.
C - Mero amuleto mental.
N - Tonta olhou para o teto e nele haviam marcas de sapatos, coturnos para ser mais exata e vários chicletes colados em meio às cores, a euforia desaparecera, Márcia não encontrava Márcia.
C- Guaaaap!!!
N - O mundo girou e ela sentiu na garganta o gosto ardido da tequila correu para dentro do Box e vomitou, um líquido...

C - Azul misturado com pedaços rosa de melancia

N – Ela poderia vomitar no trem

C- E vomitei na volta pra casa

N - Lembrou de um filme que assistiu no auge dos seus 16 anos sobre um grupo de jovens viciados em heroína.

C - Eu queria tanto agora estar no mar

N - E desejou profundamente como um dia viu no filme.

C- Eu entraria nessa privada.

N- Entrar dentro da privada e sair naquele belo e transparente mar.

C – Eu queeerroo iiiirr naaa praaaaiaaa!!

N - Mas a simulação era perfeita, perfeita demais para encontrar aquele mar. enquanto seu esôfago convuncionava e seu esfíncter contraia sem nada sair, lembrou quando havia tentado suicídio com seus comprimidos.

C - Deus nunca vomitava tanto.

N - Uma pequena quantidade de líquido saiu queimando sua língua e a pulsação da música lá fora

C - Espancava sua cabeça

N - Com o dedo devagar foi girando o líquido azul rosado, desejou bebe-lo mas lembrou já estava dentro de si,

C- Minha pulseira

N - Ela exitou como se voltasse rapidamente enquanto o cheiro de urina enchia de novo suas narinas

C – Era da minha avó

N - Deitou no chão encostou a cabeça onde deveria ter um papel higiênico, e pensou adormecer, olhou nas paredes.

C - Os rabiscos, desenhos, palavras, adesivos, não havia sobrado um pedacinho se quer sem nada, frases sem sentido, telefones de putas, assinaturas, pixos, ameaças

N - Levantou como de supetão enfiou a mão na privada apanhou a pulseira e afivelou no pulso. Abaixou a calça e puxou o absorvente interno do fundo da vagina e com ele sem sucesso tentou escrever

C- O batom

N - Mergulhou a ponta ensanguentada e escreveu de fora a fora na parede.

C- Vocês falharam, eu estou viva !

N - Abriu estrondosamente a porta que quase caiu e lá lhe estava esperando, Márcia, perfeita em sua imagem e semelhança, um espelho de fora a fora quem sabe uma alucinação, pegou em sua mão e lhe disse

C - Hoje a pista é sua !

Esse exemplo marca uma parte do processo onde os atores estavam me trazendo o que servia e o que não servia. Se apropriando do texto. Transformando o formato de narração em falas. Eles trabalhavam as falas no corpo e traziam suas indagações. Foram transformando meus textos em formato de prosa para o drama. O que eu passei a fazer era trabalhar com repetições, as improvisações surgiam a partir do formato de coro-narrador, eles modificaram essa estrutura e eu ia fazendo eles repetir a cena que acabara de me trazer e através dessa repetição fixava-se na memória quais características dos textos que mais lhe chamavam atenção e o que eles queriam que estivesse ali. Eu gravei todo o processo e dessa vez tive a preocupação de usar um microfone para não perder o áudio. Já que quando tínhamos o cuidado de gravar não tínhamos o cuidado com a qualidade do áudio. Assim eu poderia também escolher o que de cada passada havia ficado melhor. A cena escolhida em questão foi organizada mapeando também as ações e os acontecimentos que elas haviam delimitado nos improvisos, ganhou uma versão extendida que encontra-se a seguir. Depois de voltarmos mais uma vez para a cena e de uns cortes a cena ficou sua versão final encontra-se na peça.

CHEGAR e INSISTIR PARA FICAR

M F - Amiga você tá aí ?

M B - vai embora!

M F - Você sumiu… do nada eu olhei pro lado você não tava mais lá

M B -Eu to passando mal me deixa em paz

M F - Deixa eu entrar ai ?

M B - Não! Ta maluca vai embora. Tá tudo girando!

PERGUNTAR SOBRE O BANHEIRO

M F - Como é aí dentro?

M B - Tem desenhos, umas tags, uns pixos, chiclete, números de puta, não tem nenhuma parte que não tá escrita aqui. Olha essa aqui: Fernanda Ninfeta, faço completo. Beatriz Mingnon, anal total, gosto de dor, Alana Mestiça Peluda. Amiga! Tem uma Marcia aqui ?!

PERCEBEM QUE O NOME E TELEFONE DELAS ESTÃO NA PAREDE, ESTRANHAM E CONVERSAM SOBRE TER O MESMO NOME, CITAM E IGNORAM O FATO DE TEREM O MESMO TELEFONE

M F - Tem mesmo?

M B - Sim amiga!

M F - Quem escreveu meu nome aí?

M B - O seu não o meu.

M F - Qual o seu nome amiga.

M B - Marcia.

M F - O seu também é Marcia?

M B - É amiga!

M F - Tem telefone?

M B - Tem

M F - Qual?

M B - é 11 9 47460626

M F - Igualzinho o meu.

MB - O meu tambémm!! Mas amiga Márcia é o meu nome não o seu.

PERGUNTAR O POR QUE DO VÔMITO E A COR DO VÔMITO.

M F - Cê ainda tá vomitando?

M B - Eu acho que eu vou, não sei?

M F - Mas você sabe o porquê?

M B - Porque eu bebi demais.

M F - De que cor que tá?

M B - Azul, com uns pedaços rosa …

M F - Azul? Amiga, você bebeu?

M B -Com uns pedaços rosa, acho que foi por causa da melancia.

M F - Que que você tomou com melancia?

M B - Ai meu deus..

M F - Marcia?

M B - Que cheiro de mijo inferno!

ENTRAR NO BANHEIRO

M F - Amiga, eu acho que eu vou entrar aí dentro.

M B - Não! não entra aqui! Aliás, saí do banheiro vai embora!Vai embora! Vai! Você ainda tá aqui?

M F - É que Márcia se você não tiver lá fora eu não consigo dançar e nem ir embora. Eu vou entrar

M B - Cê ainda tá aqui? Vai embora! Não cê tá entrando por debaixo da porta? Esse chão tá imundo!

M F - Parece um túnel

M B - Não, não entra! amiiii … cê tá toda suja

MF - É né!

ABSORVENTE INTERNO LEMBRAR DE TIRAR

M B - Eu to com o mesmo absorvente interno há umas 12 horas

M F - Será que não é isso? que vc ta passando mal

M B - Eu tenho nojo de tirar…

M F - De vc mesmo

M B - Amor eu to imunda… E vc tbm

M F - Quer que eu tire?

M B - Mas você vai tirar?

M F - È

M B - Sua mão tá limpa ?

M F - Não tá bem suja.

M B - Ai que nojo, é isso que é o problema Ai sei lá? Tem papel?

M F - Aqui não.. tem na bolsa. (abre a bolsa e tira um papel) Mas a sua mão tá muito suja. Abre as pernas. Vc pode ficar tranquila, pensa que eu sou vc, e vc é eu certo

M B - Amiga, eu não to sentindo meu dedo do pé.

M F - Dedo do pé?

M B - Vai logo!

M F - Calma.

M B - Aiiii! Cê tá com a unha comprida mano!!

M F - Mas amiga tão limpa eu fiz ontem!

M B - Como é que vc fica com as unhas assim!! AAAHHHH!! Tá vazando sangue no banheiro! Eu amo sangue! Não to brincando! Eu real adoro sangue assim! Eu adoro sangue

(Riem!)

PERCEBEM A FALTA DA PULSEIRA

M F - Cadê sua pulseira?

M B - A nao? A pulseira da minha Vó.

M F - Olha do lado da privada

M B - Nãaaaaaaooooo

M F - Caiu aí dentro?

M B - Que merda!! Aii que nojo !! Será que eu pego? Eu não consigo olhar?

M F - Eu não consigo colocar a mão aí dentro.

ESCREVER O PRÓPRIO NOME E TELEFONE NA PAREDE

(entrega o absorvente uma pra outra)

M F - Toma aqui! Agora você pode pintar a parede!

M B - A gente poderia tipo.

M F - Aposto que ninguém nunca fez algo assim!

M B - Esse tipo de coisa que a gente faz tranquilo

M F - Anota aí do lado desse número!

M B - O número da Patricia.

(riem)

M F - Isso!

M B - E eu escrevo o que ?

M F - Escreve seu nome.

M B - Márcia?

M F - É Marcia!

M B - IIIÍ não fica!

M F - Peraí (tira um batom líquido da bolsa) toma, molha a ponta aqui.

M B - Agora foi! MAAAAARRRCCCIIIAAA (escreve) Mas como vão saber que sou eu.

M F - Ah escreve seu telefone.

M B - 1147460626

ESTRANHAM TER O MESMO NOME E TELEFONE.

M F - Seu telefone é igualzinho o meu

M B - E qual é seu nome?

M F - Marcia!

M B - Não é não!

M F - É sim vc tem o mesmo nome que eu …

M B - Quem é você ?

M F - Marcia.

M B - Quem é você?

LEMBRAM QUE TEM O MESMO NOME DA AVÓ DAS DUAS

M F - Marcia.. Eu tenho o mesmo nome da minha avó

M B - Nãaaaaaaaooo!!!

M F - Porque?

M B - Minha vó também se chamava Márcia

M F - Sério!

M B - Sim tá escrito na pulseira alias !

MARCIA (FERNANDA) DECIDE PEGAR A PULSEIRA E QUASE VOMITA

M F - Agora eu vou pegar aquela pulseira

M B - Vai?

M F - Corajosa! Cê tá enfiando a mão em tudo hoje né amiga? Ugghhhh!! Ai Deus!

M B - Faz isso não deixa que eu faço! Deixa que eu faço! Deixa que eu faço

M F - Deixa comigo Márcia deixa comigo

M B - Aaii que nojoooo!!

(Começam a querer vomitar)

M F - Aii Márcia eu nao peguei!

M B - Enfiou a mão lá de graça?

M F - Não dá

M B - Mas você já enfiou a mão lá

M F - Eu não consigo!

M B - Eu não quero ! Deus eu nunca vomitei tanto

LEMBRAM DO FILME

M F - Marcia isso aqui tá igualzinho um filme que assisti na minha adolescência

M B - Filme? Que filme?

M F - Transppoting o nome

M B - E era sobre o que?

M F - Era sobre uns adolescentes viciados em heroína. Mas isso não é importante. A questão é que ele entrava numa privada parecida com essa

M B - Privada como assim?

M F - Entrava de corpo inteiro e saia do outro lado. E quando ele saia, ele saia no mar.

M B - Mar?

M F - Era um mar lindo. Como eu queria estar na praia!!!!

(se olham)

DECIDEM PEGAR A PULSEIRA UMA OLHA A OUTRA PEGA

M F - Amiga escuta a música

M B - A playlist tá boa né?

M F - A gente devia ir embora

M B - Não. E da minha vó . A gente vai catar e vai embora. Eu não consigo olhar! não consigo!

M F - Eu olho e você pega!

M B - Tá! (coloca a mão) Pode ir?

M F - Pode!

M B - Aiiiii!!

M F - Um pouquinho mais pra direita!

M B - Qual direita?

M F - Pra lá!

M B- Pra cá?

M B - Ai!

M F - Abre um pouco mais os dedos, um pouco mais pra cima

M B - Pra cá?

M F - Um pouquinho mais pra baixo!

M B - Ai mano eu to encostando em tudo!

M F - Vai pega pega, pega

M B - Aiiiiii!! Aiiiii que nojo

MARCIA / FERNANDA SAI POR DEBAIXO DA PORTA

M F - Vamo embora daqui.

M B - Abre a porta!

M F - Ela tá emperrada! (tenta abrir a porta e ela não abre) Vem!

M B - Marcia?

M F - Oq foi Márcia?

M B - Tá trancado?

M F - Tá! (começa a sair por debaixo da porta)

M B - O que tá trancado?

(marcia fernanda sai por debaixo da porta)

MARCIA / BEA ABRE A PORTA

M B - Mas….

(marcia bea abre a porta, pausa, sai)

E foi passando por esse período de abertura textual já em meados de julho que eu defini um chega! Estava no limite de levante de material, martelos precisavam ser batidos. Junto com alguns textos da Beatriz Viviani[6] A somatória dos textos brutos (eliminando coisas como lista de compras) estavam em 46 páginas. Nesse ponto eu me vi parada na frente do computador tentando encaixar sentido onde não havia, separar as falas onde não existiam falas. Transformar aquilo num formato dramático. As experimentações no momento de abertura dos textos foi fundamental, mas naquele momento era eu e eu defronte a um compilado de textos e as gravações dos ensaios. Eu determinei o texto que iria servir de fio condutor[7] como uma ossada para entrar os outros e comecei por ele. Fiz a separação das falas em páginas separadas, desenhando encontros sutis e o diálogo foi aparecendo. Somado com as experimentações foram surgindo relações em torno das figuras. Essas relações foram me permitindo entender o que ali existia de mais importante. E ir encaixando a partir do roteiro criado os outros workshops, cenas e textos.

Chegar ao formato de um texto dramatúrgico foi a parte mais longa, o auxílio da Beatriz Viviane nesse processo foi fundamental. Ela me ajudava a olhar para o que deveria estar na boca de quem. E uma vez mais estruturados pudemos parar e olhar para as sobras. Eu e Bea literalmente recortamos o texto colamos ele no papel manualmente. E haja sobra viu. Textos em surto no caderno em páginas manchadas de sangue, frases soltas [8]que de uma certa forma norteiam muita coisa e foram encontrando lugares para elas dentro da peça. Junto a lista em ordem das medicações que tomei na vida fomos desmembrando frases desses outros poemas, parágrafos que diziam coisas por si só. Assim o texto tomou sua primeira forma.

Levamos o texto de volta pra sala de ensaio. Com as linhas de ação mais desenhadas eu pude ver através do chão de palco as falas ganharem sentido, onde muitas vezes os próprios atores falavam, isso não cabe na minha boca e sim na boca de fulano. Algumas figuras foram aparecendo como a mulher de duas cabeças, o rei da festa, o monstro, o zelador, a bruxa, a suicida, figuras que estavam muitas vezes só sendo citadas foram sendo identificadas e tomando seus espaços e delimitações.

---

[6] Presente no Anexo 15 e 12
[7] Presente no Anexo 7
[8] Presente no Anexo 17

PARTE IV: DIREÇÃO E RELAÇÕES HUMANAS

Felix - Quero falar sobre algo muito importante, pois, querendo ou não, foi um fantasma que me assombrou ao longo de todo o processo. Desde o início, quando começamos, sabíamos que eu e Alana seríamos os diretores. No começo, relutei em admitir, mas logo percebi que tinha uma necessidade de opinar, de influenciar nas decisões. Assim, ficou claro que dividiríamos a direção, o que por si só já representava um desafio, especialmente porque, apesar da amizade, vivemos em mundos muito distintos. Isso gerou implicações e dificuldades na comunicação. Muitas vezes, o que um dizia não era plenamente compreendido pelos outros. Alana tem um histórico ligado ao punk, à militância anarquista, enquanto eu venho de um cenário totalmente diferente, que é o das festas gays.

Alana - Como metodologia para a direção do processo encaramos nesse momento inicial duas vertentes: o processo colaborativo e o processo coletivo. E nessa parte vamos discorrer como vem ocorrendo nos ensaios numa perspectiva de expectativas x realidade.
Movidos pelos ideais de autonomia, iniciamos com uma ideia de direção coletiva. Existia e ainda existe uma ideia de total autonomia de todos os envolvidos no processo, porém, existe uma relação de tempo e trabalho extra que o movimento em direção à autonomia exige. E entendemos perfeitamente que para um grupo em que as pessoas compõem em voluntário esse trabalho não pode ser exigido, e deixar esse tempo nas demandas do ensaio não é uma opção viável.

Felix - Uma das primeiras conversas que tivemos foi sobre como lidaríamos caso um de nós enfrentasse dificuldades emocionais profundas. Combinamos que, se um de nós "caísse" — ou seja, entrasse em depressão ou num estado de grande fragilidade emocional —, o outro assumiria a responsabilidade de manter o processo ativo. Esse acordo se tornou essencial, pois ambos passamos por momentos difíceis. Para Alana, o trabalho foi uma forma de se manter viva, já que lidava com um período de depressão intensa e questões pessoais muito sérias. Para mim, o processo também

veio em meio a incertezas, angústias e pressões relacionadas ao TCC e questões familiares.

Alana - Decidimos, então, optar pelo processo colaborativo com direção compartilhada em dupla, exigindo um esforço e um diálogo necessário para o trabalho fluir. Esta escolha vem da questão prática, já que esta foi a forma de processo que mais tivemos contato dentro deste departamento e a que melhor sabemos executar, além da que podemos mais ter acesso a profissionais que possam melhor nos orientar. Daí vem a escolha do orientador, pensando na relação da busca por autonomia.

Félix - Sendo assim, enfrentei dificuldades em estabelecer minha metodologia como diretor. Minha intenção era trabalhar com experimentos cênicos constantes, em todos os ensaios, que culminassem em uma peça-festa ou festa-peça, mas acabei me apagando do processo. No final das contas, nosso processo foi conduzido pelos cinco integrantes do grupo. Embora Alana e eu tivéssemos a palavra final, todos intervieram em algum momento.

Apesar dessas diferenças, decidimos seguir juntos na direção. No início, nenhum de nós queria estar em cena, mas, com o tempo, percebemos que seria necessário. Faltavam personagens, e nossa presença contribuiria para dar mais corpo ao espetáculo. Além disso, durante os workshops, sentimos a necessidade de nos expressar e de estar mais envolvidos fisicamente no processo.

Alana - Como a diretora, sentia que meu trabalho estava envolto em um grande ponto de catalisação do processo. Eu ouvi as ideias e os levantamentos trazidos pelas outras pessoas do trabalho e eu pensava qual era a forma mais efetiva de fazer aquilo funcionar. Quais exercícios, quais seriam as abordagens que transformaram aquilo possível? Ao mesmo tempo em que eu precisava encontrar conexões entre tudo aquilo que me foi trazido pelo grupo, passei a entender meu papel como um grande maestro articulador de universos diferentes em prol de um mesmo trabalho.

Félix - Desde cedo, Alana ficou encarregada da dramaturgia, pois tem experiência na escrita dramatúrgica, enquanto eu foquei na movimentação dos atores, trazendo

exercícios físicos do teatro e da dança para estimular a criação em cena. No entanto, à medida em que ela começou a desenvolver os textos, senti que eu me afastava do processo. Minha ideia inicial era que a dramaturgia surgisse do corpo, de maneira coletiva e menos teórica. Mas, com o tempo, Alana, impulsionada pelo estado de mania, tomou as rédeas do trabalho, e eu, sem forças mentais por conta da ansiedade e da insegurança, fui cedendo espaço. Isso resultou em uma sobrecarga para ela, que não conseguia soltar o controle, e em um afastamento progressivo da minha parte.

Alana - Ao mesmo tempo em que quando eu vinha com as minhas próprias ideias já tinha elas mais articuladas, sempre me questionava quais estratégias iria utilizar no próximo ensaio. Quais materialidades eram necessárias, quais aquecimentos eu poderia utilizar, e acima de tudo pensava em como lidar com as ausências e problemas vindos dos nossos transtornos e das faltas por trabalho dentro do nosso cronograma. Era bem comum eu ter um plano B, um plano C de ensaio e ir desenvolvendo as cenas de acordo com o possível de ser feito.

Felix - A ausência de um planejamento estruturado também dificultou o processo. Muitas vezes, não tínhamos ensaios previamente definidos, o que me deixava confuso e sem direção. Com o tempo, percebi a importância do planejamento para o papel do diretor. Durante meu acompanhamento terapêutico ao longo do TCC, um dos principais temas das sessões foi minha dificuldade em manter a continuidade das coisas, além da falta de disciplina e de força vital para estar realmente presente no processo. Houve momentos em que eu estava fisicamente nos ensaios, mas mentalmente distante.

Alana - Quando as ideias eram minhas as coisas se tornavam mais fáceis. Por exemplo, se eu sei que eu preciso que os atores caiam no chão para fazer uma cena, logo farei o aquecimento baseado em biomecânica para que eles entendam isso no corpo através de exercícios baseados em Pina Bausch, Laban, Sayonara Pereira. A questão era como atingir o corpo necessário para se montar a ideia desejada.

Félix - Apesar de querer que os atores se tornassem criadores dentro do processo, houve momentos em que desejei que simplesmente ouvissem e confiassem no que

eu estava propondo, sem a necessidade de questionar cada escolha. Algumas vezes, fui imaturo ao não me interessar por determinados temas trazidos para a cena, pois sentia que eles fugiam do que inicialmente havíamos proposto explorar. Isso gerava frustração, pois o caminho que tomávamos se afastava da pesquisa que eu gostaria de ter aprofundado.

Durante os ensaios, muitas vezes manifestei o desejo de que o espetáculo refletisse mais o universo LGBTQIA+, trazendo elementos do burlesco, das drag queens, da vida noturna, da fantasia e do erotismo. No entanto, não consegui materializar essas ideias em exercícios concretos que proporcionassem aos atores segurança para criar nesse ambiente.

Alana - Quando a criação partia de outra pessoa, era como se eu tivesse que desenvolver uma ideia em cima do que me foi trazido para, a partir daí, entender quais recursos eram necessários para criar uma experimentação, e aí sim entender o quanto aquilo era plausível ou não. Um exemplo disso foi a cena 1 onde eu realmente precisei ter a moto em cena para descobrir o que funcionava ou não. Uma grande questão foi como lidar com a resistência de outros membros do grupo em cima das ideias que não eram as suas. Em diversos momentos houveram diálogos sobre o quão importante era para o outro o material que ele estava trazendo para que seja possível desenvolver empatia em cima do que o outro estava trazendo. Estávamos fazendo um trabalho extremamente pessoal e existem pontos em que é desrespeitoso com o outro intervir de forma frívola no material cênico.

Félix - Eu tinha muitas ambições e queria trabalhar com mais técnicas e abordagens diferentes, mas me sentia inferior e incapaz de aplicá-las plenamente. Além disso, a ênfase no trabalho de mesa me parecia ineficaz. Sempre defendi que o processo deveria emergir do corpo dos atores, por meio da análise ativa e da experimentação cênica. No entanto, minhas sugestões não eram ouvidas, pois o grupo acreditava que o trabalho teórico era fundamental antes de qualquer prática. Essa divergência de abordagem fez com que eu me sentisse isolado, pois eu propunha algo que eles desconheciam—mas que poderia ter possibilitado uma compreensão mais profunda do material desde o início. Alana insistia na necessidade de análises sentadas, o que me sufocava e me fazia perder o entusiasmo pelo trabalho. Quando finalmente íamos

para a ação, os atores já estavam mentalmente exaustos e, mesmo que o ensaio ainda não tivesse acabado, todos sentíamos um esgotamento geral

Alana - Parte do nosso trabalho foi como pensar um ambiente seguro para as nossas práticas. Todos os integrantes do grupo vieram com a demanda de criar uma clareira no ambiente hostil da USP. Precisávamos de um lugar em que as dificuldades que a neurodiversidade impunha fosse acolhedor. Tínhamos que pensar e criar comunidade.

Félix - Desde o início, Alana tinha uma visão clara sobre como lidar com os conflitos. Em um dos nossos primeiros encontros, ela disse algo que ressoou ao longo de todo o processo: "Nós devemos brigar, se estapear dentro da sala de ensaio. No momento que colocarmos os pés para fora, nada deve ser levado – nenhuma briga, rixa, desavença ou conflito." Essa abordagem acabou se mostrando a melhor estratégia, e, felizmente, conseguimos segui-la.

Alana - Um dos primeiros pontos foi abolir a política de não violência. Em tempos de cultura de cancelamento, o conflito é velado de tal maneira que se esquece da sua função. O conflito é necessário já que é o propulsor de transformação. E ele não deve existir somente no campo das ideias. Ele existe no campo das emoções. Nenhuma relação é construída sem brigas. O que a gente precisa é aprender a brigar.

Felix - Um momento crucial do processo foi compreendermos que todos no grupo possuíam personalidades fortes. Com isso, quero dizer que, apesar do grande engajamento de todos, frequentemente os papeis eram deixados de lado e os desejos e opiniões emergiam de forma intensa, levando a conversas sobrepostas e dificultando a escuta coletiva.

Alana - Eu sempre enxerguei dentro desse departamento um baque tanto geracional quanto de classes. Para ter um trabalho genuíno e honesto eu precisava criar um espaço seguro. Eu sabia que o tipo de experimentações que seriam propostas não poderiam sair daquele espaço na forma de picuinha e fofoca. Nem eu nem os demais integrantes do grupo precisavam de mais estigmatização.

Ao longo do trabalho essa abordagem se tornou uma faca de dois gumes. Eu acabei assumindo um papel de mediadora com todos, em um lugar de resolução de conflitos.

Félix - Seja discutindo uma cena específica ou explorando ideias que surgiam durante um experimento ou étude, percebia que os atores tinham dificuldades em confiar totalmente em mim e na Alana como diretores. Isso gerava inseguranças em mim e, consequentemente, um afastamento do processo, pois, em diversos momentos, sentia que havia "muitos diretores e nenhum ator". Logicamente, em nenhum momento eu ou Alana tentamos podar a criação e os impulsos dos intérpretes, pois acreditamos na potência da liberdade criativa. No entanto, quando buscávamos direcionar o grupo de maneira mais objetiva – seja por uma questão estética, para facilitar uma cena ou simplesmente para testar algo novo – muitas vezes os atores assumiam uma postura defensiva, o que criava obstáculos no desenvolvimento do projeto.

Alana - Às vezes a resistência ao outro e à direção era tão grande que realmente parecia birra. Os ensaios paravam por coisas banais. Eram coisas que eram resultantes da convivência extrema e do estresse. E eu consegui me manter como mediadora disso tudo até meados de fevereiro, quando eu explodi e em sequência entrei em depressão. Uma dificuldade muito grande foi com o trabalho de mesa, muitas vezes na hora de ir para a cena eles simplesmente não iam, eles não criavam cena com corpo, não testavam as coisas no palco, se apegando a detalhes que não eram importantes para aquele estágio do trabalho e se fechando e impedindo a direção, não permitiam que nós chegassemos com as intervenções planejadas para discutir e brigar por uma cena que não existia. A única que possuía uma postura diferente era Fernanda Ramos que era pouco propositora, mas que entrava para cena e seguia as instruções à risca. Esse movimento foi superado com muita paciência, com muita conversa e com muito exercício, apesar de frequentemente retornar.

Felix - Minhas ausências foram todas motivadas por questões de saúde mental. Em vários momentos, tive vontade de abandonar o projeto, pois não me reconhecia mais nele—nem no que era feito, nem no que era dito, nem no que era pensado. A ideia inicial que me motivou havia se dissipado, sendo substituída por algo completamente diferente.

Minha relação com Alana também se desgastou devido a essas divergências sobre o processo criativo. Enquanto eu queria seguir um caminho mais intuitivo, explorando as relações que os atores poderiam criar organicamente, ela trazia cenas já escritas e pedia que fossem seguidas rigidamente, sem espaço para uma experimentação mais livre. Isso me impedia de atuar como diretor-criador, de propor encenações de forma mais autoral.

Alana - Outro ponto de dificuldade foi a minha relação de direção com o Félix, devido às ausências, ele muitas vezes não entendia para onde o trabalho estava indo. Eu como diretora e dramaturga estava extremamente sobrecarregada, como minha presença era total eu entendia a linha que traçamos, entendia para onde estávamos indo e onde vinha cada coisa, e ele se encontrava totalmente perdido, muitas vezes com intervenções sem saber para onde ia. Mesmo assim, ele teve momentos maravilhosos.

Felix - Alana diz, em vários momentos, que eu tentava cancelar ou adiar os ensaios, como se estivesse sempre buscando um motivo para evitar o processo. Na verdade, isso vinha da minha insegurança. Eu via Alana mais preparada para comandar os atores, enquanto eu me sentia frustrado, sem saber como contribuir ou como imprimir minha visão no trabalho.

Nos ensaios, também tivemos desafios relacionados à tomada de decisões. Frequentemente, havia divergências de opiniões sobre cenas, falas ou objetos cênicos, o que gerava conflitos e desgastavam o grupo. Além disso, minha abordagem como diretor diferia da de Alana. Enquanto eu preferia instigar os atores com perguntas e deixá-los aprofundar as cenas organicamente, ela era mais direta e objetiva, estabelecendo marcações fixas. Isso acabou cristalizando algumas decisões que, no meu modo de ver, poderiam ter sido mais fluidas.

Alana - Existia muito trabalho para manter o grupo coeso e pra fazer a coisa acontecer, planejamentos de processo, cronograma e ensaio e essa foi uma parte em que eu fiquei durante muito tempo praticamente sozinha. Quem entrou em uma parte disso foi a Beatriz Viviani, que quando minha mãe ficou internada me ajudou a segurar as pontas, já que ia do ensaio para o hospital e do hospital para o ensaio. Eu via o

Félix num lugar de inação e muitas vezes de puxar a gente pra baixo, enquanto eu em mania dava o que eu tinha e o que eu não tinha.

Félix - Contudo, por sermos um grupo composto majoritariamente por pessoas com transtornos psicológicos, um padrão acabou se desenhando ao longo do tempo: cada um de nós teve momentos de queda. No início do projeto, eu estava empolgado, mas minha insegurança e ansiedade em relação ao meu papel como diretor começaram a me consumir. Além disso, ao perceber que muitas das minhas ideias já não eram tão sólidas quanto eu imaginava e que minha falta de pulso firme comprometia a fluidez do processo, fui caindo em depressão em diversos momentos, o que me afastava significativamente do trabalho.

No entanto, quando eu retornava após meus momentos de afastamento, sentia que já não reconhecia completamente as mudanças que estavam acontecendo e tampouco os motivos por trás delas. A sensação de estar à deriva dentro do próprio projeto me fez questionar repetidamente minha permanência, e a vontade de fugir e trancar o curso rondava constantemente minha mente. No entanto, apesar desses pensamentos, nunca cheguei a buscar informações concretas sobre como efetivamente trancar a matrícula.

Alana - Sobre os processos de acolhimento nas relações humanas desse trabalho, eu contei com a ajuda muito grande da Beatriz Viviani. Muitas vezes parte do meu trabalho de direção era um gerenciamento de energias do grupo. Ou seja, se eu precisasse instigar o senso de coletividade (ou lidar com alguma resistência de alguma atriz a estar molhada, por exemplo) eu iniciava o ensaio com uma guerra de bexiga d'água. Quando estava todo mundo feliz e se amando eu ia lá e comia o rabo de cada um deles. Se um ator estava muitas noites sem dormir por conta da bipolaridade fazia um ensaio sonequinha, sessões de massagem. Se tinha alguém surtado propúnhamos perambulações pela USP, gritar, comer insetos, jogar e bater em coisas. Estávamos cuidando da gente, fazendo fogueira, criando a nossa Zona Autônoma Temporária.

> “Uma ZAT é uma área “de terra, tempo ou imaginação” livre, onde juntas as pessoas podem ser a favor de algo, não apenas contra, e onde novas formas de sermos humanos podem ser exploradas e experimentadas. Localizando-se nas brechas e falhas do sistema global de controle e alienação, uma ZAT é uma erupção de cultura

> livre onde a vida é experimentada em sua intensidade máxima. Ela deve se parecer com uma festa incrível, na qual por um breve momento nossos desejos são manifestados e todos nos tornamos criadores da arte da vida cotidiana.” (Hakim Bey - Zonas Autônomas Temporárias)

O contrário também era válido. Tínhamos experimentações que tocavam muito em feridas pessoais. Então tiveram conduções minhas que levaram a surtos dentro de sala de ensaio, e eram nesses momentos em que a Bea estava lá para ajudar. A limpar a bagunça que eu fiz em mentes tão fodidas quanto a minha. Eu muitas vezes baseei nosso processo por jogos de Tarot e isso veio por causa dela e do cuidado espiritual com o grupo. Passagem de rapé nos pós ensaios. Eu dava voltas de moto com eles para subir a adrenalina. E foi aí que começaram a aparecer as coincidências, corujas no caminho dos ensaios, términos de relacionamentos onde as palavras do texto rasgavam quem falava, a ideia de abrir a barriga de um ursinho de pelúcia e tirar cordas de suas tripas muito antes de eu ter literalmente a barriga aberta e tendo as tripas tiradas para costurar, e outras coisas a mais que não vou colocar nesse texto para não expor os artistas que participaram.

Félix - No meio do processo, depois de termos levantado uma quantidade significativa de material nas férias de julho, Alana veio para minha casa e passou dois dias comigo. Nosso objetivo era organizar e consolidar tudo o que havíamos produzido até então — anotações, fotos, vídeos e registros do trabalho desenvolvido ao longo do semestre — para estruturar um texto dramatúrgico mais coeso, com início, meio e fim, ou ao menos um esboço mais definido.

Revisitar todo esse material foi uma experiência enriquecedora, pois nos permitiu reconectar com elementos do processo que, com o tempo, começamos a esquecer. Isso aconteceu, em parte, porque não tínhamos o hábito de registrar tudo imediatamente nos cadernos. Muitas vezes, só anotávamos depois dos ensaios, quando já estávamos em casa ou em algum outro lugar. No entanto, tiramos muitas fotos e gravamos vídeos, o que nos ajudou a reconstruir a trajetória do trabalho e a vislumbrar um caminho mais claro para a dramaturgia.

Essa aproximação com Alana também foi importante porque nos permitiu estabelecer uma relação mais forte como diretores, algo que até então não havíamos feito em conjunto, no mesmo espaço e ao mesmo tempo. Após essa imersão, fizemos uma

pausa de aproximadamente duas semanas e, no retorno, em agosto, começamos a trabalhar no texto dramatúrgico. Apesar de ainda passar por diversas mudanças, já tínhamos uma estrutura semi-pronta, uma linha de ação, um encadeamento de acontecimentos e cenas prováveis.

Entre agosto e novembro, porém, passei por mais um período de afastamento, mesmo estando presente nos ensaios. Minha saúde mental entrou em colapso, e a depressão se intensificou de forma avassaladora. Além disso, meu relacionamento precisou se adaptar a mudanças significativas, pois meu namorado teve que se mudar para outra cidade, o que afetou profundamente meu estado emocional. Paralelamente, a forma como o grupo se aproximou do texto me gerava angústia. Em um dos ensaios, quando finalmente recebemos o texto concluído, expressei que ele deveria ser apenas mais um elemento do processo, e não uma âncora que paralisasse a criação. Mas senti que o grupo não compreendeu minha visão — ou talvez simplesmente não confiasse em mim. Isso gerou ainda mais frustração e insegurança, aumentando minha sensação de deslocamento dentro do projeto. Optaram por um trabalho mais analítico e teórico—sentávamos, líamos e discutíamos referências e percepções—enquanto eu, como diretor e ator, acreditava que os textos deveriam ser testados corporalmente, por meio da ação e da experimentação cênica. Esse conflito de abordagem fez com que eu me afastasse ainda mais do processo.

É interessante perceber como, ao me afastar do trabalho, muitas das minhas angústias vieram à tona. Eu tinha uma ideia fixa de como as coisas deveriam acontecer, ficava preso nessa imaginação e, sem perceber, sugava a energia do processo criativo sem realmente agir. Isso me paralisava. Nada acontecia. Mas, ao mesmo tempo, percebia que havia aspectos do trabalho profundamente conectados a mim, como os figurinos. Mesmo quando me afastava, ao retornar ao processo com mais leveza e aceitando o fluxo natural das coisas e as ideias dos outros, momentos incríveis aconteciam.

Ao acolher as contribuições das pessoas e aceitar o processo como ele era—com suas imperfeições, mudanças e novas possibilidades—me conectava à criação de maneira intensa. Talvez nem sempre no nível filosófico, mas, com certeza, na estética das roupas, nas relações entre os personagens e na minha perspectiva como diretor.

Ao observar a construção das cenas, conseguia enxergar tensões que surgiam entre os personagens e usava isso para potencializar a performance dos atores.

Houve momentos em que eu intervinha diretamente. Durante os ensaios, quando percebia que uma cena precisava de um ajuste, eu sugeria uma nova abordagem: "Vai, tente isso" ou "Perceba o que está acontecendo ao seu redor". Quando minhas sugestões eram mais assertivas e alinhadas com o que estava acontecendo entre os atores, a cena ganhava força, e eu me sentia realizado.

À medida que as cenas começaram a ser trabalhadas de maneira mais experimental e concreta, senti que voltava ao projeto. Um exemplo disso foi a cena da arrumação, um dos momentos-chave do espetáculo. Durante os ensaios, propus um exercício no qual, enquanto os intérpretes diziam suas falas e atuavam, eu ia colocando cubos ao redor delas, reduzindo progressivamente o espaço entre seus corpos até que ficassem extremamente apertadas umas contra as outras. O objetivo era investigar os impulsos e relações que surgiam a partir dessa restrição espacial, algo que se revelou muito frutífero. As atrizes compreenderam que a cena não retratava uma relação amorosa, mas sim uma disputa latente.

Entre agosto e outubro, também exploramos a cena do banheiro, que se desenvolveu com mais precisão. Ela surgiu de um experimento livre a partir de um texto trazido por Alana, mas os atores levaram a cena para um lugar inesperado e autêntico. A espontaneidade e a verdade da improvisação foram tão impactantes que entendemos que aquela seria uma cena de grande relevância para a peça. Da mesma forma, a atriz Bea avançou nesse processo ao realizar um estudo cênico sobre alguém embriagado, explorando nuances físicas e emocionais de um corpo vulnerável em um banheiro. A potência dessa experimentação foi tamanha que decidimos incorporá-la ao final do espetáculo.

No final de outubro e início de novembro, fizemos a primeira experimentação de figurino e encontramos a identidade estética que buscávamos. Compreendemos que nosso figurino deveria refletir não apenas a sensualidade, mas também questionar a forma como certos corpos são marginalizados, objetificados ou relegados à invisibilidade. Por isso, optamos por roupas curtas e sensuais, como corsets, bodies, cintas-liga, harnesses e saltos altos. O figurino se tornou, assim, um elemento

narrativo crucial, enfatizando as temáticas do espetáculo e dando visibilidade a corpos que historicamente são postos à margem.

Alana - Fizemos uma pausa do dia do meu acidente até o dia 5 de janeiro, com o meu retorno. Esse foi um momento de decepção mesmo, pois com a minha ausência o Félix cancelou a última semana de ensaio. Ele ignorou totalmente as demandas do cronograma que fizemos juntos para esse período, e eu entendi que se eu não colocasse energia e estivesse presente nada iria ser feito.

Félix – Após recebermos a notícia do acidente da Alana, ficamos todos em choque. Diante da situação, percebi que deveria, de fato, assumir as rédeas do processo e fazer o que fosse melhor para todo o grupo. Pensando nisso, optei por cancelar os últimos dois ensaios do ano, que aconteceriam na semana seguinte ao acidente. Por conta do desgaste do fim do ano letivo que provocou a exaustão física e mental em todos nós, era nítido que nos dois últimos ensaios do ano nada sairia de produtivo o suficiente. Outro fator que influenciou essa decisão foi a necessidade de trabalho. Surgiram oportunidades para mim durante as três últimas semanas do ano, e, como mencionei anteriormente, antes de qualquer coisa, é preciso sobreviver. Assim, o que inicialmente seria uma pausa de duas semanas acabou se estendendo para três, alterando o ritmo do processo, mas garantindo um momento necessário de descanso e reorganização para todos.

Alana - Eu não sabia quanto tempo demoraria minha recuperação e nem se sairia viva da cirurgia. Havia apoiado toda a minha saúde mental no processo. E o apoio da minha família foi fundamental para meu retorno prematuro, já que eu não andava direito e eles me levavam pra cima e pra baixo. Foi um momento em que cada falta doía muito. Pois o processo de dar o que não se tem estava me cobrando cada vez mais e eu não podia demonstrar isso, já que sim, existia por parte deles uma preocupação comigo, mas não tínhamos tempo. O acidente levou meu notebook que estava na mochila com boa parte do material que já tinha escrito para esse trabalho. Recomecei praticamente do zero usando um celular na maior parte da escrita.

Felix - O processo não foi apenas afastamento e angústia; foi uma verdadeira montanha-russa. Houve momentos de grande entusiasmo, especialmente nos últimos meses. Em fevereiro, senti que fui um pilar importante para manter o grupo animado.

Foi um mês extremamente tenso para todos, pois estávamos a poucas semanas da apresentação.

Alana - Em termos de trabalho, janeiro foi o momento de se trabalhar com texto. Pensando na dificuldade de um dos nossos performers com o texto, fiquei pensando em formas e exercícios para que o mesmo fosse decorado (e rezando para que esteja decorado na estreia). O Bruno Maldegan é estupendamente propositivo em cena e fora dela, mas essa dificuldade era uma barreira imensa. Outros integrantes também não estavam com o texto decorado, o que foi uma das coisas que mais atrasou o processo de encenação. E eu precisava pensar ativamente sobre isso, e foi nas brincadeiras infantis de repetição que encontrei algumas respostas, Um jogo simples de acumulação de palavras como o jogo infantil “Cadê o toicinho que estava aqui?” me serviu como base para termos uma pessoa que fala o texto e outras repetem em acumulação. O mês de janeiro foi um trabalho massivo sobre o texto. Eu assumi nesse momento uma postura de encenação de intervenção direta. Sai da postura de diretora Voyeur, construindo estruturas e solidificando as cenas. Alguns atores tiveram grandes problemas com isso. A grande maioria das coisas já possuíam experimentações mas precisavam ser consolidadas. E como sempre tínhamos o grande problema de nunca ter todas as pessoas do grupo para as cenas em que estavam todos.

Felix - Alana passou por momentos muito difíceis, ficou sobrecarregada e chegou ao limite. Ela precisou se afastar, o que era necessário tanto para ela quanto para o grupo. No entanto, em fevereiro, estive mais presente. Durante os ensaios finais, promovi exercícios de movimento, música e dança para resgatar a liberdade corporal que havíamos trabalhado no início do processo, lá no começo de 2024.

Alana - Em fevereiro as coisas ficaram tensas. Foi como uma nuvem cinza que cobriu nosso céu. E quanto mais a gente se aproximava de construir a cena do suicidio mais as coisas ficavam densas. A cena do suicidio era minha, eu estava estudando e praticando uma coreografia há meses, junto com um número de acrobacia aérea de faixa. Entrei dentro da USP como circense, e a dança sempre foi a minha maior dificuldade. Me tornei o desafio pessoal do Félix. Eu realmente queria que essa fosse a minha coroa de graduação. Mas com o acidente não tinha corpo pra isso, e eu tentei

viu?! Dois meses depois de ser operada, puxei em dois ensaios um treinamento de tecido acrobático e a dor me venceu.

Eu me vi no final do processo como uma figura autoritária, cega de estresse, cansaço, dor e sobrecarga. Extremamente grossa e indo no sentido contrário de tudo o que acredito. Eu não conseguia lidar com os processos externos do trabalho, nem com os internos, segurando o fim da hipomania nas mãos em carne viva como quem agarra uma corda que não dá mais para segurar. Em meados de fevereiro foi a minha vez de surtar. Eu não conseguia mais lidar com nenhuma das coisas humanas da forma como fazia no início do trabalho. Eu tinha um prazo cada vez mais apertado, e enfim um talho recém feito de uma cirurgia de Laparotomia Exploratória por conta de um acidente de moto no dia 13 de dezembro de 2024 que me prensou entre um ônibus e um carro e rompeu meu intestino. Eu voltei a ensaiar menos de duas semanas após sair do hospital numa cadeira de rodas e sem férias. E sim, todo mundo encarou 3 dias de ensaio por semana nos últimos 3 meses. Antes, eram 2 dias de ensaio por semana, apesar das faltas. A depressão me pegou no momento mais crucial do processo, e agora foi a vez do Félix assumir o processo na cara do gol.

O tempo estava acabando. Todos estávamos exaustos. E as coisas não estavam finalizadas. Fizemos a construção da nossa luz e Maldegan foi a peça fundamental nesse momento. Félix fechou a sonoplastia. Não tínhamos como experimentar cenas. Eu não conseguia lidar de maneira branda com coisas que lidamos o processo inteiro, coisas que já estão pontuadas aqui. Não conseguimos cuidar do grupo como fizemos o processo inteiro e as nossas questões pessoais continuavam a atravessar o trabalho de forma cortante. Eu, já fora da cadeira de rodas, estava o tempo todo testando os limites do meu novo corpo e lidando com a dor desse processo. A dor da impotência física, dos traumas, de nem conseguir empostar uma voz direito, em determinado ensaio fui fazer uma ponte, coisa que sempre fazia antes de entrar em cena para alongar a coluna, e caí de dor, rolando no chão. Ali eu cheguei no ponto que não dá mais pra suportar.

Félix - As últimas semanas foram carregadas de tensão. Houve um episódio em que, em um momento de grande vulnerabilidade, Alana expulsou um integrante do grupo de maneira impulsiva. Foi uma situação delicada, pois ele também estava passando

por um período difícil. Assim que isso aconteceu, tomei a iniciativa de reunir o grupo para apoiar tanto o intérprete quanto a Alana. Fomos até a casa dele para oferecer acolhimento, reforçando o compromisso de sermos uma rede de apoio uns para os outros.

Alana - Eu lembro de algumas semanas atrás Bea chegar em mim e me falar “Esse trabalho está fazendo mal para mim”, e eu respondi “Está fazendo mal para todo mundo e eu não sei o que fazer”. Eu não era a única no limite. Eu sabia que minha ciclotimia estaria para virar quando acabasse esse processo. Consigo prever meus estados mentais afinal são muitos anos de terapia. E sabia que a exposição ao cortisol é o maior responsável pela virada da mania para a depressão. Sempre brinquei com eles que no final eles iriam conhecer o general Alana, mas não esperava que fosse dessa forma, achei que iria esperar o processo acabar. A depressão viria como sempre a me falar que eu não aprendi a respeitar meu próprio corpo. Afinal, quando se é Deus, não precisa-se de um corpo. Como sempre sem redução, só danos.

Eu, como cabeça do trabalho, simplesmente caí. E fiz um rombo antes de cair. Expulsando membros do grupo completamente ensandecida. Estava indo contra qualquer coisa que acreditava e propunha como direção e como vida. Minha confiança em todos se esvaiu. Muitas de suas atitudes não ajudavam, estavam acostumados com uma outra eu. Pensar em qualquer coisa do processo me causava dor. Os pensamentos suicidas voltaram a brotar como água do chão. A depressão vinha impondo. Até dois dias antes de entregar esse texto estava deitada na cama rascunhando uma coisa ou outra em momentos de respiro.

Félix - Nosso grupo no WhatsApp deixou de ser apenas um espaço para organizar ensaios e se tornou um verdadeiro refúgio. Entre mensagens sobre horários e logística, surgiam desabafos sobre crises emocionais, surtos e inseguranças. Esse espaço se tornou essencial para o grupo, servindo como um lugar de suporte mútuo.

Na última semana de fevereiro, Alana teve outro momento muito intenso, e um áudio enviado por um dos integrantes sintetizou tudo o que vínhamos construindo juntos: a vulnerabilidade compartilhada, o apoio coletivo e a criação artística como um espaço

de refúgio e expressão. Mais do que um trabalho, aquilo se tornou uma experiência coletiva de sobrevivência.

Áudio enviado no grupo do WhatsApp por Bruno Maldegan: “Alana, tô aqui com você. Você não está sozinha nem agora, nem em momento nenhum. Estamos todos com você nessa. Eu acho que você não precisa se cobrar desse lugar de diretora, de ter que ser isso ou aquilo. Tem que ter essa força ou não. Você, é claro, enquanto direção, tem certas atribuições no trabalho. Mas enquanto uma força para conduzir um processo, isso é a gente que faz. A gente tem feito isso intensamente desde que a gente começou a trabalhar, com seus percalços, com suas quedas. Um fraqueja daqui, a gente segura o outro de lá. Mas a gente seguiu sempre firme no trabalho, sempre engajado e apaixonado. Eu acho que os medos sobre o trabalho são comuns a todos nós. Como todos os grupos enfrentam seus próprios medos, cada um à sua maneira, principalmente às vésperas de estrear. Isso é comum, Isso é normal. Eu também tenho minhas angústias. É o processo. Ele foi muito honesto desde o começo. Desde que a gente se engajou a fazer. Quero elaborar essa temática da festa, da doença mental, da devastação do mundo e de como tudo isso nos afeta. A gente sempre fez isso com muita honestidade. Isso vai estar registrado no trabalho, com certeza. Eu acho que o trabalho vai ser muito bom, sim. Quando apresentado, é com seus defeitos que são como os nossos. A gente. Nós somos figuras que têm as suas quebras, suas fissuras, suas falhas. A gente não. A gente é dissidente em várias, de várias formas. A gente não vai elaborar um trabalho que vai ser perfeito, que vai receber a Palma de Ouro da galera do CAC. Pecinha perfeita, pecinha de SESC. Foda-se! Eu acho que. É claro que você está em crise, inclusive pelas suas questões emocionais, psicológicas. E eu não estou falando “não tenha depressão”. Claro que não é esse o papo, porque eu entendo esse processo também. Mas que a gente vai junto até lá e vamos grande, vamos forte, sim. E vamos como puder ir. Com dor, com cansaço. Eu acho que isso tem que estar lá também. Isso tem que estar lá. Vai estar. Tem que estar lá na cena também. Quando a gente está devastado e chegar até aqui de remexer nessas questões, talvez resolver algumas e talvez tornar outras mais graves, isso vai estar lá. O teatro não está, não está sendo feito e não deve ser feito para responder as questões, para apresentar algo limpo para um público que vai olhar de longe e aplaudir. Ele está. O teatro está sendo feito para debater as questões e é isso que a gente está fazendo. A gente vai fazer naquele dia. A gente vai expor a

ferida aberta que a gente é e que o trabalho é que foi feito pela gente, pela nossa carne ferida de muitos traumas, sabe? É um trabalho que tem seus traumas no processo. E é isso que vai estar lá, mano. E foda-se quem achar uma merda. E é também foda-se quem achar muito daora, porque o ponto não é quem vai achar o quê. O ponto é o que a gente vai estar lá para dividir. Tá ligado? Com muita honestidade, força."

No fim, percebo que minha maior dificuldade foi assumir plenamente meu lugar como diretor. Faltou confiança, planejamento e uma postura mais ativa para equilibrar minha visão com a de Alana. Meu afastamento, mesmo que inconsciente, resultou em uma sobrecarga para ela, enquanto eu deixava de explorar meu potencial. Essa experiência me fez compreender melhor minhas fragilidades e os desafios da direção, e acredito que, a partir dela, posso crescer e desenvolver um trabalho mais consciente no futuro.

Desabafos Finais

Alana - É importante ressaltar algumas posturas que cada participante assume nesse processo. Fernanda desde o início, quando foi consultada pelo trabalho, assumiu uma postura de atriz, onde deixou explícito desde o início que iria propor pouco por não ter tempo de estar planejando workshops, etc. Ao mesmo tempo em que dificilmente oferecia alguma resistência de estar em cena e não resistia à direção, assim como sabia trazer suas dificuldades de forma clara. Como trabalho com ela desde o início da graduação, era muito mais fácil de entender como ela funcionava como atriz e eu como diretora.

Bruno Maldegan sempre foi uma figura muito enérgica, às vezes atuando como uma metralhadora de ideias muito boas, e às vezes tendo dificuldades de consolidar as próprias ideias. Muita coisa da proposição visual deste trabalho veio dele. Sempre muito propositor.

Beatriz Viviane atuou muitas vezes como meu braço direito nesse trabalho. Extremamente organizada, o que compensa a minha desorganização, com grande

facilidade com texto, extremamente propositiva trazendo muitas ideias com mais estrutura. Me auxiliou muito na dramaturgia.

Quero ressaltar que todos nesse trabalho entregaram tudo de si de maneira muito intensa e visceral.

Felix - Por fim, eu gostaria de fazer uma reflexão sobre algo que permeou todo o processo: a nossa realidade. Sou estudante de Artes Cênicas em uma das melhores universidades do Brasil e do mundo, uma instituição de excelência e referência na área. No entanto, a discrepância social e econômica que existe dentro desse espaço é gigantesca. Para sobreviver, preciso trabalhar. Preciso fazer bicos, correr atrás de oportunidades, porque vivemos em um sistema capitalista onde tudo exige dinheiro.

Queremos ter alguma qualidade de vida, pagar contas básicas, sair, nos divertir, viver um pouco. Precisamos comer, nos vestir, rir. E é interessante perceber como muitos dos nossos desafios dentro do processo criativo surgem exatamente por isso. A ausência nos ensaios, por exemplo, em grande parte das vezes, não acontece por descompromisso, mas por necessidade. Tanto eu quanto outros integrantes do grupo já precisaram faltar nos ensaios para trabalhar, e isso é devastador.

Além da carga acadêmica e do desgaste emocional e físico que a criação artística já exige, ainda precisamos conciliar tudo isso com trabalhos de sobrevivência. Isso faz com que, muitas vezes, olhemos para o que estamos criando e nos perguntemos: será que vale a pena? Será que faz sentido continuar? O que estamos fazendo é supérfluo? Inútil?

Porque, no fim do dia, o que importa é se conseguimos pagar o aluguel, se temos dinheiro para comer, se nosso nome não está sujo. E esse trabalho, de certa forma, me faz questionar exatamente isso: que mundo é esse que nos impossibilita de criar? Que nos impede de ser verdadeiramente livres? Falamos tanto sobre liberdade, mas que liberdade é essa que nos obriga a viver em função da sobrevivência?

Dentro do nosso grupo, há pessoas que precisam se submeter a condições extremas para conseguir pagar as contas. Isso afeta não apenas o psicológico individual de cada um, mas o coletivo também. Como estar presente de corpo e alma num ensaio

depois de uma noite inteira sem dormir, trabalhando em empregos que destroem o corpo e a mente?

Eu mesmo, no segundo semestre de 2024, precisei trabalhar de madrugada. E isso consumiu minha vida de uma forma brutal. Eu chegava nos ensaios completamente destruído, exausto, sem energia. Essa é uma realidade que precisa ser discutida, precisa ser levantada, porque afeta diretamente o nosso fazer artístico. E, apesar de tudo, chegamos até aqui.

Alana - Eu sou moradora de Taboão da Serra, nem no conceito de periferia de São Paulo consigo me encaixar, estou na periferia da região metropolitana. E se algo que aprendi muito bem na minha vida foi proteger os meus. No fim das contas pra mim não importa se a gente brigou ou não brigou. O que importa é que estamos nos formando juntos. Em diversos momentos falei pro Félix: “Você se forma nem que eu tenha que te arrastar comigo.” Quando chegou no segundo semestre em que nossos ensaios batiam com meus horários de trabalho, sentei com meus pais que mesmo sem morar comigo me responderam: “Se é pra você se formar vamos segurando as pontas.” Eu pude parar de trabalhar naquele dia para continuar o processo. Eu não tenho nome sujo. Eu recebo o auxílio financeiro da USP que por mais absurdo que seja, tem gente que precisa e não recebe. Eu tenho acesso às minhas medicações de forma organizada e contínua, assim como psiquiatra, psicólogo, acesso a atividades físicas no CEPEUSP. Temos atores que nem acesso contínuo ao psiquiatra tem. Temos pessoas se submetendo a condições desumanas que nem sequer podemos falar.

Sei lá também, agora fiquei puta.

PARTE V: DRAMATURGIA - VERSÃO UTILIZADA PARA A ENCENAÇÃO

Carpe Noctem:

Protótipo de sobrevivência suicida

Alana Kikkawa

Apoio: Beatriz Viviani

Figuras:

Alana

Beatriz

Felix

Fernanda

Maldegan

Cena 1 – Fim do Fim do Mundo (Apresentação)

(No espaço, Alana montada em uma motocicleta está rodeada das outras figuras que se esfregam nas partes da motocicleta de forma sexual)

Alana – Eu tenho viajado a muito tempo, eu tenho procurado algo que eu nunca cheguei a conhecer. Dizem que é desse ser que um dia veio a comida. Dizem que crescia da terra, dizem que limpava o ar, que era verde na parte de cima. Um dia esse ser reinou. Hoje a comida é produzida artificialmente por gigantescas impressoras 3D. O mundo foi coberto por veneno, e o veneno matou cada bichinho, cada inseto, cada partícula de pequenas vidas. Tão essenciais para a polinização do que era verde. O veneno foi para a água, foi pro mar, foi para a terra, a terra secou. O cimento cobriu cada centímetro que os nossos pés podiam pisar, o mundo se tornou um exército de prédios. O homem pensou que poderia tocar o céu e se multiplicou. (*Fala rápida.*) As farmácias se amontoavam a cada esquina, em cada quadra, as doenças aumentaram, aumentaram. As entidades do dia perderam a guerra. Elas lutaram com tsunamis, furacões, enchentes, frios e calores extremos, terremotos, secas.

Fernanda – Isso vocês conhecem, não é? (*Gargalha*) E o que ocorre quando isso acontece… o que? Hã? E? As pessoas morrem!! E quem é que morre? Hã? Quem você acha que morre? Você acha que estavam todos no mesmo barco (*Gargalha*). Quem morre são os humanos pobres que morrem, os pobres! E os ricos o que eles fazem? Hã? Eles lucraaaammmmm!!!

Beatriz – O mundo entrou em escuridão.

Maldegan – As telas reinaram!

Felix – A humanidade sedenta por iluminação se embriagava com cada feixe de luz artificial expelida por aparelhos mais artificiais ainda.

Alana – Às entidades do dia foram devoradas pelo capitalismo cruel. O Sol não nasce mais.

Felix – A economia não podia parar!

Maldegan – Hoje já não existem mais catástrofes. O fim do mundo acabou. A noite reinou.

Fernanda – O fim do mundo acabou, foi isso que eles disseram? (*Sorri de forma macabra.*) Eles disseram: O trabalho liberta.

Félix – Foi sob esse slogan que as pessoas construíram a morada nos prédios.

Félix e Maldegan – Foi sob esse slogan que construíram campos de concentração!

Maldegan – As pessoas vivenciaram algo que os sociólogos do século XIX já descobriram!

Fernanda – ANOMIA SOCIAL!

Maldegan – Esfacelamento da teia social. Os seres humanos só conseguem viver em comunidade. Eles inventam essas histórias de se dividir e se agrupar, clãs, culturas, acho que é esse os nomes.

Fernanda – Eles precisam ter contato real, duradouro e intenso uns com os outros.

Felix – Densidade moral e material! O grau de comunicação e troca entre indivíduos. A relação deles com seu território, o espaço onde vivem.

Alana – Você sente o que você fala?

Félix – Não tinha tempo pra isso. Sugaram o tempo das pessoas. Eles virtualizaram tudo para ser tudo mais rápido, para que eles pudessem, ter tempo para trabalhar, trabalhar para que os ricos pudessem lucrar trabalhar para…

Alana – Você sente o que você fala?

Fernanda – O que acontece quando entramos em anomia social?

Beatriz – As pessoas se matam.

(*Silêncio*)

Fernanda – (*Para X*) Como as pessoas têm essa tal…? Tais densidades que você tanto fala? Onde as pessoas interagem? Quais são seus momentos de folga e lazer?

Félix – O que elas fazem no escuro, quando a noite cai?

Maldegan – Como fogem de suas dores, afogam suas angústias e desejos?

Beatriz – O que elas fazem para marcar as passagens e transformações?

Alana – O que elas fazem para saudar os mortos?

Félix – O que elas fazem para celebrar a vida?

Cena 2 – ARRUMAÇÃO

(*Duas mulheres estão presas uma à outra por cordas*)

Fernanda – Se troca, mas não se arruma

Beatriz – Anos a anos Incapaz de encontrar as próprias roupas, tem muitas espalhadas no chão.

Fernanda – Se pinta!! Batom!! Devagar!!!!

Beatriz – Ela quer quebrar os espelhos, as paredes. Ela quer ser eu.

Fernanda – Taquicardia!

Beatriz – Quero me vestir de armadura. Me vestir mulher.

Fernanda – Sabia que o batom é a máscara da feminilidade?

Beatriz – Por trás dela eu posso me esconder e ser quem eu quiser ser, até ser quem eu sou.

Fernanda – A máscara da feminilidade lhe permitiu ser homem, bruta, lhe permitiu ser o que você quis ser por um dia.

Beatriz – Eu decidi que queria ser homem todos os dias por isso ando de batom. Eu poderia me cortar, mas não quero, arde quando jogo o álcool para esterilizar. Contudo, sentir o ardor e o sangue escorrer faz parte de me sentir mais bela.

Fernanda – Sempre um sacrifício em sangue é o que lhe dizem. Lhe ensinaram desde muito pequenininha que...

Beatriz – Para ser bonita tem que doer.

Fernanda – Por que o coturno sem meia por baixo da calça?

Beatriz – Se eu queria sentir dor, essa era a melhor saída.

Fernanda – Corta essa tatuagem no meio! É presunção de mais se declarar LIVRE!

Beatriz – A maquiagem borra com o álcool e sangue.

Fernanda – Perdida!

Beatriz – Deixa em sua face marcado o monstro que é.

Fernanda – Raspa essa cabeça, você tem medo do A de anarquia escondido debaixo dos cabelos?

Beatriz – A roupa que eu nem coloquei ainda me aperta.

Fernanda – As dores não precisam ficar sempre dentro. Arrancamos elas pra fora pra pôr pra tomar sol. Se acorrenta de corpo e alma, vamos esconde a faca (*Dá um tapa na cara de Beatriz.*) pronta pra atacar.

Beatriz – Ninguém mais vai me machucar!

Fernanda – No cheiro de álcool e sangue. Pronta pra matar e morrer.

Beatriz – Porque dizem que levantar o moicano vermelho chama treta?

Fernanda – É pra ir à luta, como os nossos ancestrais

Beatriz – Hoje eu sou foda.

Fernanda – Hoje ela é foda.

Cena 3 – MONSTER

(*Luz a pino.*)

(*Fernanda e Beatriz abrem duas latas de energético Monster e despejam metade da lata na tina em frente.*)

(*Maldegan lava as correntes na tina - acende um cigarro e cospe fumaça na tina - Lavar os mamilos na tina - grita e dança - lava os rostos - cospe.*)

Maldegan – Um monstro! Metade cortisol e metade taurina caralho!! Enfiado no meio de um labirinto. Lave o rosto nas águas sagradas da pia!! Nada como um dia após o outro dia. Dois anos e meio já, dois anos e meio caralho! Em frente determinado nessa porra e foda-se!!! Um monstro sombrio, assustador e sóbrio!!

Maldegan – Laroyeeee papaaa!!!

(*A música aumenta. Todos começam a dançar. Instauram a festa com seus corpos, luz e som.*)

Cena 4 – Início de Festa (Fio Condutor I)

(*Iluminação abre, atores dançam e param em uma pose.*)

Beatriz – Converso com ele sobre o tempo. Ainda existe um céu estrelado acima de nossas cabeças!

Fernanda – Ainda sopra em nossos rostos, junto com a fuligem química das fábricas um sopro de esperança!

Maldegan – É a mudança dos nossos corpos, olho ao entorno e sob a luz dos holofotes as curvas iluminadas da mulher de duas cabeças.

Felix – Ah! Como ela dança!

(*Atores começam a competir pelo microfone como em um Pogo.*)

Maldegan – Era questão de tempo até isso acontecer. Questão do Tempo. Aquele infeliz. Maldito Tempo.

Beatriz – Eu lembro dele.

Fernanda – Ele mesmo esqueceu.

Maldegan – Tempo… mataram ele!

Fernanda – Cá entre nós ele era nojento!

Beatriz – Ele ficou patético. Inventou de conversar com uns tais brancos de toga, perdeu o compasso da dança com o Sol.

Maldegan – Se tornou uma linha, abstrata, num piscar de olhos de 1500 anos os brancos, já sem toga, o aprisionaram num aparelhinho ridículo! Tique-taque!

Felix – O tempo foi quantificado e avaliado para dar cada vez mais lucro.

Fernanda – Trabalhou tanto, que morreu de trabalhar! Coitado!

Beatriz – Sem a dança, o Sol rodopiou sozinho no céu até que a Mão invisível do mercado o sufocou e apagou os resquícios dos raios que habitavam cada ser da terra.

Felix – Só restou o cinza e as luzes artificiais.

Maldegan – Você não viu? Os olhos deles se tornando vidro?

Fernanda – Eu vi a mente fundindo o motor. Escorreu pelas orelhas em poças no chão, eu bem vi. Era só fumaça escura que subia pro céu por aqueles olhos vermelhos que escorriam petróleo.

Beatriz – Perderam a cabeça. Foram ficando doentes. Era o refluxo mental, passado de geração em geração. Se dilaceraram de dentro para fora, uns aos outros, de cima para baixo. Pouco a pouco…

Félix – Chega um ponto que não dá mais para suportar.

(*Mudança de ação, Música e dança. Atores começam a entrar em uma viagem alucinógena.*)

Felix – Para entrar aqui todos são bem vindos!

Fernanda – Meu Deus eu estou loukinha.

Maldegan – Já subi e desci essas escadas umas dez mil vezes.

Félix – Ainda não achei o meu cigarro.

Beatriz – Há quartos lá em cima.

Félix – Quando chego, abro a porta do quarto e vejo os colchões nus e as fronhas ensebadas, reviro a mochila e não acho meu cigarro...

Maldegan – Ah! Acho que deixei lá embaixo.

Felix – Desço 13 andares de escada.

Maldegan – Coloco a mão no bolso.

Fernanda – Me vê um cigarro?

Beatriz – Ascende!

Fernanda – Preciso de dinheiro…

Felix – Deixei lá em cima!

Maldegan – Subo 13 andares de escada.

Beatriz – Não faz diferença!

Fernanda – Não há tempo!

Cena 5 – REI DA FESTA

(*Música. Félix dança no centro e Maldegan observa. Fernanda e Beatriz dizem o texto de longe. Alana observa*)

Beatriz – Quase como por escolha ele decide se ludibriar.

Fernanda – Todas as trevas se esvaem de si e forma um redemoinho escorrendo em um pequeno ralo entre seus pés

Beatriz – Ele se move freneticamente incessantemente incansavelmente. Em dias normais ele não é assim.

Fernanda – Ele ainda dança.

Beatriz – Poga freneticamente batendo os pés no chão, salta e quer dar piruetas no ar.

Fernanda – Rebola como se a bunda fosse um pião. Requebra remexe soca chuta até a imagem do mundo se perder.

Beatriz – Grita letras que repetem línguas que só ele fala. Esganiça como seus ancestrais para que o som chegue aos seus descendentes.

Fernanda – Cerca-se de rostos pintados em familiares máscaras de vidro.

Beatriz – O corpo treme.

Fernanda – Abre o terceiro maço do dia.

Beatriz – Mas não para.

Fernanda – Choca-se contra corpos suados, que arranham a pele enquanto deliberadamente leva seu rosto ao encontro de um cotovelo em riste.

Beatriz – Deliberadamente empina sua bunda em direção ao pênis em riste.

Fernanda – O mundo para.

Beatriz – Mas ele quer que o mundo pare. Sob seu comando apenas uma vez. Apenas quantas vezes forem necessárias.

Fernanda – Ardem narinas.

Beatriz – O corpo ainda se move e a mente voa.

Fernanda – Não importa o volume do barulho, seu cérebro suspendeu num balão.

Beatriz – O rei da festa entregue a libido frenética da música, queria beijá-lo, mas como competir com imenso concorrente? Aquele som que claramente masturbava seu corpo com uma destreza e habilidade que ele jamais teria.

(*Maldegan vai até o microfone e fala.*)

Fernanda – Encheu o peito e sentiu a coragem desvair por seus dedos. Todos amontoados com seus cigarros acesos e copos coloridos

Beatriz – Ele se teletransporta para sua frente. Não havia escapatória. Engoliu seco.

Maldegan – Oi.

(*Silêncio.*)

Maldegan – Posso te pagar uma bebida?

(*Silêncio.*)

Maldegan – Desculpa, eu sei que aqui não se paga nada, meu Deus, tô me sentindo um idiota, mas eu posso buscar uma pra você, mas seu copo tá cheio. Eeeerrr. Desculpa. Desculpa.

Maldegan – Sabe eu só queria te pedir um bei... um beijo ...é isso.

(*Silêncio. Se aproximam.*)

Alana – Sobre o farfalhar de asas de mil baratas, nesse corpo vil ele se afunda, a barba grossa e o hálito espesso, abre e fecha os olhos, os insetos em seu corpo não lhe permite parar, não lhe permite respirar enquanto dança, dança sua música da morte.

Cena 6 – Almas (Fio Condutor II)

Fernanda – Mulher de duas cabeças ainda dança.

Felix – Aqui tenho a liberdade de ser quem eu sou.

Beatriz – Eu sou a mulher de duas cabeças.

Fernanda – Tudo sobre todas as coisas.

Beatriz e Fernanda – Ao mesmo tempo.

Félix – Não, o tempo morreu!

Maldegan – Tudo sobre todos.

Beatriz – Estruturalmente estamos sobre os corpos de todos os nossos mortos, despedaçamos cada parte de seus membros a acoplamos ao nosso novo corpo.

Maldegan – Não, não é para nós lembrarmos*, (Para plateia.)* são vocês que temem fantasmas, nós abraçamos os mortos.

Fernanda – Ela ainda dança.

Beatriz – Caímos no buraco no fundo do subsolo deste prédio e numa caverna dentro de nós dançamos com nossos fantasmas.

Fernanda – Ela ainda dança.

Beatriz – São nossos mortos que nos contam como devemos viver a vida, são nossos mortos que sabem o caminho de volta do buraco.

Fernanda – Ela ainda dança.

Félix – Enquanto não aprendemos a ouvir nossos mortos, escravizaram nossos corpos. Demonizam e silenciam nossos mortos para que eles não guiem nossas almas.

Fernanda – Ainda costuram seus corpos, acima de suas cabeças a mãe suindara ergue suas asas.

Maldegan – Quero sentir os milhões de insetos que fervilham meu peito, fervilhar minha pele. Eu quero gritar.

Beatriz – A mãe suindara mergulha à procura de mais um rato.

Felix – Eu quero me sentir livre pra sempre.

Beatriz – Não existe para sempre.

Fernanda – O tempo morreu.

(*Blackout*)

Cena 7 – ALICE

Fernanda – Bom dia? Você sabe me dizer como eu volto pra casa?

Maldegan – Casa? Onde você mora?

Fernanda – É um lugar…

Maldegan – É meio pra lá assim?

Fernanda – É! Eu moro na casa atrás do jardim.

Maldegan – Jardim? Quintal?

Fernanda – Tinha um jardim, tinha um quintal era verde!

Maldegan – Você não vai mais encontrar isso por aqui não, jardim, quintal, não vai encontrar isso por aqui não.

Fernanda – Mas mesmo que seja longe você não sabe que caminho eu pego primeiro?

Maldegan – Caminho moça? Caminho só tem um, que leva sempre pro mesmo lugar.

Fernanda – Às vezes no caminho tem um jardim para a minha casa, minha casa sempre fica depois do jardim.

Maldegan – Se você encontrar jardim por aí, me avisa que eu também tô procurando, faz tempo que eu não vejo um!

Fernanda – Faz tempo? Faz tempo que você tá procurando minha casa?

Maldegan – Faz tempo que eu não vejo um jardim. Você vai pegar o caminho ou você não vai?

Fernanda – Mas que caminho eu pego?

Maldegan – Moça eu já te falei caminho só tem um

Fernanda – É que vindo pra cá eu deixei algumas pedras para não perder o caminho de volta pra casa, mas essas pedras não estão lá. Eu deixei especificamente as pedras a 5 centímetros uma da outra pra que eu não perdesse caminho.

Maldegan – Pedra?

Fernanda – Pedra.

Maldegan – Você falou pedra?

Fernanda – Pedra!

Maldegan – Mas pedra, como assim pedras?

Fernanda – Eram pedras que eu recolhi no meu jardim, tinham brancas e pretas? Elas eram mais ou menos assim.

Maldegan – Umas mais ou menos desse tamanho assim? Maior? Mais ou menos desse tamanho assim?

Fernanda – Eu as deixei a mais ou menos a um braço uma da outra, uma branca e uma preta! Mas como você tá me falando que só tem um caminho se eu tô nesse um caminho eu não acho minhas pedras?

Maldegan – Mas se é o caminho de onde você veio, é o caminho pra onde você vai? Que caminho você acha que eu tomei pra chegar até aqui?

Fernanda – Qual foi?

Maldegan – O único caminho que existe. Marcados de pedras!

Fernanda – Então você viu as minhas pedras! Mas se você fez um só caminho. Como você sabe que é o único caminho possível?

Maldegan – Porque foi o caminho que me trouxe até aqui, minha senhora, e a senhora vai ver é o caminho que vai te trazer aqui de novo. Eu vi as minhas pedras e

não as suas pedras. Eu não posso te oferecer um caminho! A única coisa que eu posso te oferecer é a estadia.

Fernanda – Mas é isso aí que o senhor usa de espelho?

Maldegan – É...

Fernanda – Mas não tem reflexo?

Maldegan – Reflexo a gente vê na lâmina da faca!

Fernanda – E usa pra que?

Maldegan – Não sei, para manter o signo. Quer tentar?

Fernanda – Não. Aqui é a sua casa?

Maldegan – Casa não dá pra chamar né, não dá pra chamar de casa. Mas é aqui que estamos, aqui dá pra ficar, foi onde que deu pra ficar também. Se você quiser ficar, pode ficar aqui também.

Fernanda – Posso ficar?

Maldegan – Pode.

Fernanda – Ta bom.

(*Sentam-se em silêncio um do lado do outro.*)

Fernanda – Aqui bate um sol forte né?

Maldegan – Se der pra chamar isso de sol. É um refletor.

Fernanda – Sabe, no meu jardim também batia sol.

(*Silêncio.*)

(*Fernanda começa a observar o espelho sem reflexo, e passa a mão por dentro dele.*)

Maldegan – Cuidado!

(*Fernanda entra no espelho.*)

Fernanda – Você tá aí?

Maldegan – Por que você entrou no espelho? Você tá bem aí dentro?

Fernanda – Entra.

Maldegan – Fazia tempo que ninguém fica dentro do espelho, fazia tempo.

Fernanda – Por que você ainda não entrou?

Maldegan – Eu não entro né?! Entrar sozinho no espelho é perigoso.

Fernanda – Mas você pode entrar comigo, eu não entrei sozinha agora, eu tô com você.

Maldegan – Entrar, será? Eu vou tentar então moça.

Fernanda – Entra vai.

(*Maldegan entra. Silêncio*)

Fernanda – Pensa bem, se é uma única linha, um único caminho que leva sempre pro mesmo lugar, será que é um círculo?

Maldegan – Um círculo? Um círculo!

Fernanda – Pensa bem, aqui tá a nossa casa?

Maldegan – A nossa?

Fernanda – Mas eu to gostando desse caminho aqui.

Maldegan – Eu tenho algo para te ajudar no seu caminho, um presente que pode te levar para casa, sabe eu to muito velho para usar, mas acho que é importante sabe, que é a única forma. Mas presta atenção! A importância aqui se dá naquilo que representa. (*Tira uma balaclava*).

Fernanda – Eu tenho a sensação de que a gente está sendo visto e ouvido, então eu acho melhor a gente.

Maldegan – Exatamente. É por isso que eu não uso, porque a gente está sendo visto e ouvido.

Fernanda – Pensei que se a gente entrasse no espelho a gente ia sumir.

Maldegan – Depende, é uma questão semiótica.

Fernanda – Semiótica é tipo?

Maldegan – Fala baixo! Mas fala baixo para que a gente seja ouvido. Mas fala baixo. Tudo depende da nossa interpretação dos fatos. Uma mesma palavra ou um mesmo signo pode significar muitas coisas. Eu sei que isso é possível. É como uma teoria de multiversos. Nela a gente pode escolher um caminho. Vamos pegar um eixo semiótico

em que a gente tá invisível. Onde a convenção das coisas nos faz invisíveis. Assim a gente não vai estar mais sendo vistos e ouvidos. Você entendeu o código?

Fernanda – Código?

Maldegan - É o código, o código são as palavras em si e não o que elas representam. É aí que mora o presente que eu tenho pra você. É uma representação, não uma palavra! Se a gente dominar o código a gente pode conseguir dar saltos narrativos. Talvez a gente encontre um salto narrativo em que você possa voltar para casa. Entendeu?

Fernanda – A casa eu tenho que voltar para a casa!

Maldegan – Esse é seu eixo narrativo!

Fernanda – É!

Maldegan – Pra gente dar um salto narrativo a gente precisa de algo que esteja no significado e não no código da palavra.

Fernanda – A gente? Você vem comigo?

Maldegan – Se você achar outro caminho. Você já viu isso aqui?

Fernanda – Uma camiseta e uma faca?

Maldegan – Não é camiseta ou a faca, isso é o que isso significa. Lembra é um eixo da semiótica. Já sei esquece a faca. Olha para a camiseta.

Fernanda – Tá!

Maldegan – Isso aqui eu já usei muito. Só que eu tô muito velho para usar, eu preciso passar para alguém. Alguém com mais força que eu, o que importa é que eu acho que isso pode te ajudar a voltar para a casa. (*Posiciona a camiseta na frente do rosto de Fernanda.*)

Fernanda – É mais um círculo?

Maldegan – É um detalhe, você já viu isso aqui. Quando você olha por esse círculo você consegue enxergar mais de um caminho possível. Mesmo dentro do espelho só existe um caminho possível, mas lá dentro, quando eu colocar isso em você, você pode encontrar um dispositivo. Algo de outro lugar, de outra narrativa. Eu tô velho não consigo mais usar, eu já gastei todas as minhas cargas. Mas uma vez lá você domina o código e consegue encontrar algo que ative o salto narrativo. Para que a gente encontre outro caminho.

Fernanda – Isso aqui vai me levar pra casa?

Maldegan – Acho que sim.

(*Amarra a camisa no rosto dela em formato de balaclava*.)

Fernanda – Eu fiquei com a testa muito grande?

Maldegan – Tá otima, ta perfeita ta perfeita!

Fernanda – E agora? (*Mexe na camisa.*)

Maldegan – Bonito isso, Bonito demais. (*Silêncio.*) É isso, fica aqui dentro e fica aí dentro, assim você tá dentro do código. Eu vou quebrar a convenção e vou ficar visível.

Fernanda – Visível?

Maldegan – Isso.

(*Se comunicam como se estivessem falando muito distante um do outro.*)

Maldegan – O que você vê aí dentro?

Fernanda – Como isso pode me ajudar?

Maldegan – Calma, eu tô elaborando ainda, tô tentando entender o significado. Olhando por esse círculo procura algum buraco dentro do espelho.

Fernanda – Eu vejo alguns buracos.

Maldegan – Em algum deles deve ter alguma pista. Procura um mapa!

Fernanda – Pista?

Maldegan – Pista.

Fernanda – Eu encontrei um texto! Acho que tem a ver com alguma das falas de hoje, mas tá confuso, algo sobre lavar o rosto na pia.

Maldegan – Lavar o rosto na pia! Lavar o rosto nas águas sagradas da pia! Eu acho que a dramaturga escreveu isso aqui chapada!

Fernanda – É de Zolpidem, lembra?

Maldegan – Se concentra, se concentra que a gente tá perto do salto narrativo.

Fernanda – A gente tá preso! Eu vejo aqui o começo da peça! Nós éramos quatro!

Maldegan - Quatro? Pia! Pia!

Fernanda - BIA! Esse era o nome da minha amiga? Eu preciso da minha amiga! Eu não lembro como era o rosto dela!

(*Maldegan vai se afastando sorrateiramente de Fernanda.*)

Fernanda – A gente estava procurando um verde. Ela dizia que tinham flores no seu jardim.

Maldegan – Isso! A gente a deixou lá na festa!

Fernanda – Era a Bia que queria voltar para casa! Não eu! Meu deus do céu como eu saio daqui!

Maldegan – Tira a balaclava! (*Se afastando cada vez mais*).

Fernanda – Não me deixe aqui! Me leva com você! (*Maldegan para.*)

Maldegan – Você quer vir comigo?

Fernanda – A gente já encontrou o nosso caminho.

Maldegan (*Se aproxima*) – Não tenha medo, eu tô aqui!

Cena 8 – MÁRCIAS NO BANHEIRO

Fernanda – Tá aí?

Beatriz – Vai embora! Tô passando mal me deixa em paz.

Fernanda – Deixa eu entrar aí?

Beatriz – Não! Tá maluca? Vai embora. Tá tudo girando!

Fernanda – Como é aí dentro?

Beatriz – O chão está molhado, virou uma lama. Usaram a privada e não tem água, jogaram papel por tudo, eu já vomitei por tudo, tem marca de pé até no teto, meti minha mão no chiclete. (Rindo.) As paredes estão todas riscadas. Tem umas tags legais, umas ameaças, telefone de puta, olha só tem meu nome. Marcia!

Fernanda – Tem mesmo?

Beatriz – Sim!

Fernanda – Quem escreveu meu nome aí?

Beatriz – O seu não, o meu.

Fernanda – Qual o seu nome?

Beatriz – Marcia.

Fernanda – O seu também é Marcia?

Beatriz – É!

Fernanda – Tem telefone?

Beatriz – Tem

Fernanda – Qual?

Beatriz – 11 9 320 9595.

Fernanda – Igualzinho o meu.

Beatriz – O meu também!! Mas… Márcia é o meu nome, não o seu… Que cheiro de mijo do inferno!

Fernanda – Eu acho que eu vou entrar aí dentro.

Beatriz – Não! não entra aqui! Aliás saí do banheiro, vai embora! Vai embora! Vai! Você ainda tá aqui?

Fernanda – Eu vou entrar. Parece um túnel.

Beatriz – Não, não entra! Você tá toda suja! Eu tô com o mesmo absorvente interno há mais de 12 horas.

Fernanda – Será que não é isso? Que você tá passando mal.

Beatriz – Amor, eu tô imunda, não consigo tirar.

Fernanda – Quer que eu tire?

Beatriz – Sua mão tá limpa?

Fernanda – Não, tá bem suja. Mas a sua mão tá muito suja. Abre as pernas. Você pode ficar tranquila, pensa que eu sou você, e você é eu certo.

Beatriz – Aiiii! Você tá com a unha comprida mano!!

Fernanda – Mas tá limpa, eu fiz ontem!

(*Riem!*)

(*Entrega o absorvente uma pra outra.*)

Fernanda – Toma aqui! Agora você pode pintar a parede!

Beatriz – A gente poderia tipo…

Fernanda – Anota aí do lado desse número!

Beatriz – E eu escrevo o que?

Fernanda – Escreve seu nome.

Beatriz – Márcia?

Fernanda – É Márcia!

Beatriz – IIIÍ não fica!

Fernanda – Peraí (*tira um batom líquido da bolsa.*) toma, usa o batom.

Beatriz – Agora foi! MAAAAARRRCCCIIIAAA (*Escreve.*) Mas como vão saber que sou eu.

Fernanda – Ah escreve seu telefone.

Beatriz – 11 9 320 9595.

Fernanda – Seu telefone é igualzinho o meu.

Beatriz – É… Qual é seu nome?

Fernanda – Marcia!

Beatriz – Não é não!

Fernanda – É sim você tem o mesmo nome que eu…

Beatriz – Quem é você?

Fernanda – Marcia. Eu tenho o mesmo nome da minha avó.

Beatriz – Minha vó também se chamava Márcia.

Fernanda – Sério!?

Beatriz – Sim tá escrito na pulseira que ela me deu.

Fernanda – Cadê sua pulseira?

Beatriz – Ah não! A pulseira da minha Vó.

Fernanda – Eita caiu na privada. Será que se eu entrasse nessa privada eu sairia no mar? Igual no filme. Eu quero ir pra praia. (*Fernanda enfia a mão na privada.*)

Beatriz – Você tá enfiando a mão em tudo hoje né?

Fernanda – O set tá bom né?

Beatriz – A gente devia ir embora.

Fernanda – A porta está emperrada! Me segue, eu vou deixar um caminho de pedras pra você não me perde de vista! Vem!

Beatriz – Mas a porta tá aberta…

Cena 9 – Fumódromo (Fio Condutor III)

Felix – Oi, você vem sempre aqui?

Fernanda – Ela não gostaria de vir.

Beatriz – Mas ela sempre se sente melhor quando vem.

Maldegan – Ela se culpa por vir.

Beatriz – Ela se culpa por não vir.

Fernanda – Ela se culpa por ser.

Beatriz – Ela se culpa por não ser.

Maldegan – Ela não se culpa mais.

Beatriz – Ela também matou a culpa.

Alana – Você já sentiu uma dor tão forte que faria qualquer coisa pra que ela parasse?

Coro – Sertralina, Fluoxetina.

Alana – Eu fujo de mim, enquanto encontro outros enquanto fumo, enquanto danço, enquanto bebo, enquanto cheiro, enquanto beijo bocas frias que por deus não me satisfazem em nada. Bocas que jamais vão me satisfazer como ela me satisfaz.

Coro – Lexotan, Quetiapina.

Alana – Vazio.

Sem nada por dentro.

Se entupindo de nada.

Bebendo nada.

Cheirando o nada.

Usando o nada.

Coro – Rivotril, Paroxetina.

Alana – Meu coração só se acalma quando surge uma nova paixão.

Coro – Lamotrigina, Venlafaxina.

Alana – A minha vida agora é assim,

Eu sou amante do suicídio.

Coro – Neozine, Lítio.

Alana – Me aceitar como amante do suicídio me fez entender vários porquês.

Coro – Depakene, Depakote.

Alana – O quanto um coração aguenta de dor até ele parar de bater.

Coro – Divalproato, Mirtazapina.

Alana – Aprendi a ser amante sempre, esposa jamais.

Coro – Escitalopram, Aripiprazol.

Alana – Cabeça é fria, crua e não permite que você seja enganada. E se eu estivesse cuidando da coisa mais importante que sou eu?

Coro – Não consigo.

Alana – Por que o poeta silencia a mente quando está com o objeto da poesia? E se esquecer de amar mais a poesia do que objeto da prosa.

Coro – Bupropiona, Oxcarbazepina.

Alana – Esperança de ser mais profunda. Pra que eu possa pular de cabeça em mim mesma sem me machucar.

Coro – Donaren, Zolpidem.

Alana – Não encha a boca para falar de dialética se você não aguenta nem um pingo de contradição.

Beatriz – Eu quero deitar, mas não suporto passar mais um dia na horizontal.

Coro – Inerte, imóvel.

Maldegan – Vem vamos dançar comigo?

Coro – Incalculada, desvinculada.

Félix – Você vem sempre aqui?

Beatriz – Não só quando já consegui me matar.

Felix – Quantas contas já caíram no chão?

Fernanda – Joelhos ralados, mãos cortadas, quebrei o pé, bato a cabeça e rasguei a boca, já perdi quantas já vim aqui.

Maldegan – Quantos lances de escada já desci?

Beatriz – Eu quero pintar meu corpo de vermelho.

Félix – Eu nunca mais vou me sentir feia.

Beatriz – Ainda estou bem na ponta do salto alto, mas eu ainda não vou cair.

Fernanda – Eu ainda não bebi o suficiente para cair.

Felix – Dizem que eles colocam os colchões lá embaixo, mas eu sei que é mentira.

Maldegan – Dizem que já desistiram de tirar a mancha de sangue do colchão.

(*Todos olham na mesma direção.*)

TODOS – Ela não vai atirar? Vai?

Maldegan – Ela foge da vida a vida inteira.

Fernanda – Mas sempre que ela se vira a vida está lá, sorrindo.

Beatriz – É uma pena, que a morte sempre a encontra no caminho.

Maldegan – Você me ama?

Fernanda – Eu amaria qualquer um nesse momento.

Maldegan – Eu preciso ser amada.

Fernanda – Eu preciso encontrar a cura da solidão.

Beatriz – A cura da solidão só se encontra sozinha.

Maldegan – Eu preciso ser amada, mas sabe acho que não tô pronta.

Fernanda – Eu preciso amar cada detalhe desse corpo, o cheiro, a cor as vísceras e coração, eu preciso amar o toque, o hálito, a algema, os cabelos, eu preciso me amar para um dia poder te amar.

Beatriz – Quem sabe onde encontrar a cura?

Fernanda – Talvez você tenha que viver com isso pra sempre.

Maldegan – Eu não tô te escutando.

Fernanda – Talvez tenha que aprender como sofrer por inteiro pra ser feliz.

Maldegan – A música tá muito alta.

Fernanda – Eu disse: viva por inteiro!!

Cena 10 – (Fio Condutor IV)

Fernanda – Hoje a gente vai!

Beatriz – Não consigo.

Felix – A linha da vida parou.

Maldegan – Ela segue constantemente reta.

Felix – Hoje você não vem pra festa?

Maldegan – Quero viver para sempre na minha casinha com meus futuros filhos…

Fernanda – Amiga, seu batom tá tão bonito hoje.

Beatriz – Ele tem a cor da sua solidão.

Fernanda – Azul.

Beatriz – Azul como o céu nunca mais pode ser.

Fernanda – É pra isso que serve, pra você se lembrar de como um dia foi o Céu.

Fernanda – A parte mais importante da festa sou eu. (*Para o público.*)

Beatriz – Principalmente quando eu não estou lá.

Maldegan – Eu quero entrar naquela fábrica e nadar numa piscina de Rivotril.

Fernanda – Dormir.

Beatriz – Dormir pra sempre, não morrer.

Maldegan – Dentro dos meus sonhos eu construí uma casinha, nela eu moro com meus futuros e desconhecidos filhos, é uma pena que quando abre a porta eu acordo e estou sonhando de novo.

Felix – A mesma coisa infinita vezes.

Fernanda – Sou coração mole, às vezes ele escorre pela buceta.

Maldegan – Eles estão sempre sentados em fila na mesa.

Fernanda – Você sabe qual é minha maior virtude?

Beatriz – É que eu não...

Fernanda – Sou mulher pra casar!

Maldegan – Eu quero viver para sempre na minha casinha com meus futuros filhos.

Beatriz – Cuidar sempre foi função de mulher.

Fernanda – Meu corpo tem que ter febre para meu coração sofrer por amor. Quanto dura para o casamento acabar com o amor? Talvez depois do primeiro ou do segundo filho?

Maldegan – A esperança tem cheiro de cabeça de criança. Eu perdi as contas de quantas vezes acordei na minha cama esta noite.

Fernanda – Ela sempre vivendo em vão.

Félix – Era tudo mentira, um sonho dentro de um sonho.

Beatriz – Em estado de supra-stase, um eterno anti-êxtase.

Maldegan – Eu já não sei mais quando estou acordada.

Beatriz – Abri mão, não faz diferença.

Cena 11 – ZELADOR NOTURNO

Felix – Vejo as luzes nas janelas. Ouço os dedos deles batendo nos teclados. Batendo nas telas. Eles não dormem. Eles não dormem mais. Me apoio no parapeito e olho. Sempre me pergunto porque me colocaram aqui? De hora em hora sempre aparece mais um. Bato o rádio e os paramédicos vem. Anteontem eu dormi e caiu mais um. De hora em hora a autoculpa vem. De hora em hora eu me apoio no parapeito. E me permito cair.

Cena 12 – SUICÍDIO

Beatriz – A perda total de quem se é. A batalha é abstrata e subconsciente. Não há formas físicas. O indivíduo se desfaz, o senso de si se dissolve, o “EU” já não existe mais. É o momento da Morte derradeira. Nesse momento, a única forma de lidar é através da entrega total e humilde de tudo aquilo que se é. Não há o que se salvar. Não há inteligência, nem racionalidade que dê conta de processar. A decomposição e putrefação do que se foi é implacável, não há como resistir. Só se entregar nos braços da Morte. E como louco confiar que esse é o melhor para si. Se render completamente à intensidade desse poder de destruição total que consome cada parte do Ser. É entrar voluntariamente na boca do breu. Um estado monádico de existência não existente. Dissolução total da identidade. De volta às escuras águas do útero da Morte, a Grande Mãe Primordial.

Cena 13 – REBOZO

Fernanda – Quando minha mãe estava grávida de mim ela ia até a casa de uma vizinha mexicana. Eu vim ao mundo muito grande e ela dizia que dentro dela parecia que existia um filhote de elefante. A vizinha retirava seu longo xale. Deitava minha mãe no chão e passava aquele pano por suas costas, e com uma imensa força levantava a coluna e a barriga da minha mãe. Foi antes da gravidez que eu descobri

que antes de nascer às vezes a gente precisa morrer. Eu também sempre achei que era o contrário. Mas existem bebês que nascem grandes demais, grandes demais até mesmo para caber dentro de seus próprios corpos. Eles querem mesmo antes de nascer fazer com que suas almas subam até o universo para navegar e explorar cada cantinho que existe nesse cosmo. Eles dizem antes mesmo de nascer: eu vou me tornar poeira de estrelas! Pobres bebês, vão passar a vida inteira se sentido apertados, querendo o tempo todo sacrificar seu corpo para suas almas se sentirem livres. Agoniados numa carapaça que não lhe serve. E foi assim que eu aprendi a morrer. Mas não pensem que eu morri só uma vez não. Eu morro toda vez que chega o inverno. Toda vez que chega o inverno eu quero deixar meu corpo aqui na terra, bonitinho embaixo de um imenso carvalho e me esquentar grudadinho do sol. Dizem que quando chega na superfície é tão, tão, tão quente que a gente se derrete todo. Mas eu fico aqui parada e debaixo das cobertas arrancando pedaços da minha alma. Até eu conseguir aguentar a dor e poder sair quando o inverno passar. As más línguas dizem que eu cultivo demônios. Eu diria que preciso entender o que significa oposição. E que preciso equilibrar forças. Construir em mim um novo abrigo e remontar um novo eu que caiba dentro dessa nova casca. Pra que eu continue assim pequena, mas que pouco a pouco eu vá me transformando em um novo pedacinho de sol.

Cena 14 – Limpeza

Alana – Ele era uma criatura branca com chifres de cervo e pés em lama fervente.

Felix – Ela ainda não chegou.

Alana – Ele saiu da tampa de um bueiro e de seu corpo subia um estranho mal cheiro.

Felix – Ela ainda não chegou.

Alana – Ele arrastava seus pés pelo vale do Anhangabaú apagando cada tela por onde passava.

Felix – Ela está para chegar.

Alana – Ele se levantou como lobo em duas patas e uivou.

Felix – Ela desceu em um ascendente feixe de luz vestida de noiva.

Alana – Ele arrasta pé a pé em sua direção encarando-a. Sua noiva? Talvez. Talvez sua vítima.

Felix – Ela o convida para dançar.

Alana – Ele não a alcança.

Felix – Ela desaparece todas as vezes que ele tenta a tomar em seus braços.

Alana – Ele não desiste.

Felix – Ela retira seu véu. Desnudando seu corpo cinza marcado por suas pinturas ancestrais.

Alana – Ele a olha malicioso.

Felix – Ela lhe olha nos olhos e lhe diz: Hoje vou te dar trabalho.

Alana – Ele se acanha.

Felix – Ela solta os cabelos lisos e longos e ao soltar o véu no chão ouve se o estrondo do grito de mil almas.

Alana – Ele escuta as batidas dos corpos dos que pularam dos prédios chegando ao chão.

Felix – Ela finalmente o deixa tomar para dançar. A lua para para observar.

Alana e Félix – Eles rodopiam arrastando os pés como em um tango.

Felix – Ela cobre o chão com milhares de pétalas vermelhas enquanto despedaçam as almas dos não já vivos com seus pés.

Alana – Ele mistura sangue e lama com seus pés.

Felix – Eles liquefazem o mundo, rompendo o chão do vale, lhe fazendo brotar rio escuro. Os prédios choram.

Alana e Félix – Eles não param de dançar, lavam e misturam lama vermelha. Batendo água violentamente contra os prédios, inundam ruas, puxando lixo, puxando dor para dentro de seu rio. Eles fazem seu amor decomposto sobre sua cama de esterco.

Felix – Ela o deita nas águas.

Alana – Ele a beija.

Felix – Ela o afunda. Veste seu véu tornando tudo raso. Caminha descalça sobre uma fina lâmina de água no chão. A lua se esconde tímida.

Cena Final – Nascer de Um Novo Dia (Transição Porta)

Fernanda – Vamos fazer uma fogueira de expurgo?

Maldegan – Eles vão invadir a cidade, eles vão invadir as igrejas, os escritórios e as bibliotecas.

Fernanda – Não, eles vão emergir do submundo.

Felix – Vão sair de seus próprios peitos, encontrar a saída de suas próprias gargantas, dilatar suas próprias pupilas e como bebês aprender a andar.

Beatriz – Vão pisar com seus pés descalços sobre a terra seca e quebrar cada metro de concreto que ainda sobrar.

Maldegan – Eles já engoliram todas as pílulas, de todas as cores, entraram em seus laboratórios, tomaram todas as bases, soltaram todos os ratos, quebraram todos os vidros.

Fernanda – Eles já não pulam mais de janelas, eles enforcam reis.

Maldegan – Eles dançam ao farfalhar das centenas de milhares de asas sob seus corpos.

Fernanda – Eles acenderam a fogueira.

Felix – Eles acenderam seus cigarros.

Beatriz – Eles acenderam o pavio de seu foguete pra lua.

Maldegan – Embarcaram sua enorme fogueira.

Beatriz – Em como em uma catapulta gigante as enviaram para o Céu.

Fernanda – Que nasça uma nova e brilhante estrela.

Félix – Que nasça um novo dia.

Fernanda – Que queime nossas peles, olhos e cabelos. Precisamos pintar o mundo de verde.

Beatriz – A mãe coruja canta embalando seus mortos, eles dançam costurados aos nossos corpos.

Todos -

E se a gente criasse um novo mundo?

Como vai ser esse novo mundo?

No passado já se criava mundos fantásticos no papel.

Novos mundos contaminados por ismos.

Criar um mundo novo onde?

Nas nossas cabeças fazemos isso todo dia.

Isso todos já sabem.

Um novo mundo que vá para além que quebre a fronteira dos nossos ossos corpos e espíritos.

Um novo mundo para além da humanidade.

Qual o sentido? quando se morre hoje e o mundo acaba?

Devemos criar um mundo novo todos os dias.

Um processo revolucionário constante para além do ser.

Um mundo em que pudéssemos fazer mais que viver.

Vamos invadir a fábrica e tomar tudo o que tem lá dentro.

Sóbrios quanto tempo a morte vai demorar pra nós pegar?

A gente já morreu o bastante para saber morrer. A Encruzilhada, a Revolução e ao Kaos a eles já pertencemos.

Quem sabe viver na escuridão brilha.

Não precisamos de muita luz.

Deixamos o fogo nos consumir por dentro.

Para cuspir para fora e queimar os escombros.

Para que o fogo chegue aos céus.

E o tempo finalmente se tornar desnecessário.

E o verde escolha por si retornar.

Nem que seja para se alimentar de nossos corpos.

Brotarmos com ele nos tornarmos um com nossos mortos.

Senciência total que segue e sabe seguir seu caminho.

FIM

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos e Trabalhos Acadêmicos

ARAÚJO, Antônio. **A encenação no coletivo: desterritorialização da função do diretor no processo colaborativo**. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Acesso em: 05 jul. 2024.

BASTOS, H. **Corpo sem vontade imerso em coisas vivas**. Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, v. 7, n. 2, p. 5–22, 2020. DOI: 10.14393/issn2358-3703.v7n2a2020-01. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55694. Acesso em: 05 jul. 2024.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **Corpos indisciplinados: ação cultural em tempos de biopolítica**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Acesso em: 05 jul. 2024.

Filmes

AKIRA. Dir. Katsuhiro Otomo. Japão, 1988.

BLADE RUNNER. Dir. Ridley Scott. EUA, 1982.

CLÍMAX. Dir. Gaspar Noé. França, 2018.

TRAINSPOTTING – SEM LIMITES. Dir. Danny Boyle. Reino Unido, 1996.

Livros

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2010.

BEY, Hakim. **TAZ, Zonas Autônomas Temporárias**. Coletivo Sabotagem: Contra-Cultura.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRETON, André. **Manifesto do surrealismo**, 1924.

BRETON, André. **Nadja**. São Paulo: Cosac Naify, Coleção Prosa do Mundo, 2007.

BROOK, Peter. **O espaço vazio**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2015.

BUTLER, Judith. **A teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESSLIN, Martin. **O teatro do absurdo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

GROTOWSKI, Jerzy. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski (1959-1969)**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Rio de Janeiro: Ebooks-Brasil, 1999.

LEITE, Janaína. **Autoescrituras performativas: do diário à cena**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2017.

LIRO, Daniel. **Suspensão corporal: as três dimensões da intercorporeidade**. São Paulo: Revista Brasileira de Psicanálise, 2008.

LIRO, Daniel. **Suspensão corporal e algumas implicações intersubjetivas**. São Paulo, 2007.

MORUS, Thomas. **A utopia**.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Gazeta do Povo.

PIACENTINI, Ney; FAVARI, Paulo. **Stanislavski revivido**. São Paulo: Giostri, 2014.

PRECIADO, Paul. **TestoJunkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. N1 Edições, 2018.

QUILICI, Cassiano Sydow. **O ator-performer e as poéticas de transformação de si**. São Paulo: Anna Blume, 2015.

STANISLAVSKI, Konstantin. **O trabalho do ator: diário de um aluno**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

T. ANGEL. **O manifesto freak**. 2015.

Sites

PODER 360. **Setor de eventos apresenta melhor resultado dos últimos 5 anos**. Disponível em: https://www.poder360.com.br/economia/setor-de-eventos-apresenta-melhor-resultado-dos-ultimos-5-anos/. Acesso em: 05 jul. 2024.

TERRA. **Setor de festas e eventos volta a crescer depois da pandemia**. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/setor-de-festas-e-eventos-volta-a-crescer-depois-da-pandemia,1856e6b2c0e6848559358c6dbf18020aotm4ho65.html. Acesso em: 05 jul. 2024.

Videogames

CD PROJEKT RED. **Cyberpunk 2077**. [S.l.]: CD Projekt Red, 2020.

ANEXOS: materiais levantados durante o processo.

Anexo 1 - Texto convite para as pessoas participarem do projeto.

O fim do mundo acabou. As entidades do dia devoradas pelo capitalismo cruel levou a sociedade ao colapso. O mundo se tornou um exército de prédios. As pessoas vivenciaram algo que os sociólogos do século XIX já descobriram: ANOMIA SOCIAL (fonte: O suicídio- Durkheim).

Em 5 anos as doenças mentais arrasaram a maioria dos corpos. Estimava-se que 5% da população morria por suicídio todos os dias. A produção não parou. A indústria farmacêutica precisava reinar.
Para preservar alguns sobreviventes da aniquilação em massa as entidades da noite convocam uma reunião, acusam a Loucura (Pensei em basear esse personagem no livro O Elogio da Loucura de Erasmo de Roterdam) de ser a grande responsável pela perdição da criação de todos : O ser humano.
A loucura se defende, se enrola e retira de seu ânus um afilado pergaminho no qual continha algumas ideias para salvar as últimas pessoas que restaram no mundo: A Festa eterna. Uma grande festa, que nunca acabaria e seria encantadora o suficiente para fazer as pessoas que restaram pararem de trabalhar, para sempre. Com comida à vontade para cumprir seu primeiro objetivo, repovoar o mundo.

Anexo 2 - Arrumação versão bruta.[9]

Eu entro em transe e não sei se é produtiva. Mais uma vez com muitos remédios na cabeça . Eu escrevo mais uma v3z sem nenhuma pretensão

ela se trocava, mas não se arrumava. Em um quarto cheio de roupas no chão sentia-se apertada. Queria chorar. Anos a anos ela foi se tornando incapaz de encontrar suas próprias roupas. Ao parar na frente do espelho para passar um batom é sugada para aquele universo seus desenhos e suas curvas percebe que o seu eu do outro lado do espelho quer sair. Ele quer quebrar os espelho as paredes ela quer ser eu. Me pinto devagar enquanto a vejo delicadamente a linha da sombra no olho dela, sinto pulgas nas minjas pernas e perdida começo a cata-las do chão e matá-las. Volto ao espelho quero me vestir de armadura. Me vestir mulher. Sabia que o batom é a máscara da feminilidade ? Por trás dela eu posso me esconder e ser quem eu quiser ser, até ser quem eu sou. A máscara da feminilidade me permitiu ser homem por um dia.

---

[9] Todas as coisas que estão aqui colocadas com o termo “bruto” foram coisas que surgiram a partir do processo de escrita descrito na parte de dramaturgia durante as madrugadas compartilhadas entre nós no que chamamos de roleta russa da vergonha. Já que o intuito aqui é colocá-los no trabalho da maneira que eles foram escritos da primeira vez sob o efeito das medicações. Seus erros ortográficos foram preservados pela revisão de forma intencional.

Eu decidi que queria ser homem todos os dias por isso ando de batom. Volto pra pia sem terminar a maquiagem pego a lâmina coloco na navalha com espuma vou delicadamente raspar minha cabeça, sentir o ardor e o sangue escorrer faz parte de me sentir mais bela, sempre um sacrifício em sangue, não diziam. Q pra ser bonita tem que doer. Me aparece grande na cabeça um a de anarquismo escrito livre cortado ao meio enquanto escorre o sangue na navalha na pia cheia de cabelos, eu poderia me cortar mas não queria. Lembrei de quanto arde quando jogava álcool pra esterilizar, queria sentir dor essa era a melhor saída. A maquiagem borra com o álcool e sangue perdida deixa em minha face marcado o monstro que sou. As dores não precisam ficar sente dentro arrancamos elas pra fora pra pôr pra tomar sol. Colo os dentes afiados serrilhados e sento no chão, zonza, o aperto no peito sem respirar, a roupa que eu nem coloquei ainda me aperta. Todas as vezes que tenho q ir ao encontro de muitas pessoas me falta ar e a ansiedade não me deixa sair de ksa, levanto ainda zonza visto o coturno e visto a calça por cima do coturno me acorrento a alma e o corpo no cheiro de álcool e sangue, o coturno dói no pé, aperta. Os cintos correntes arrebites tudo dói o Jacó velho fedido a coisa mais importante da minha vida vai nas costas como quem caminhasse sempre ao meu lado. Com sua faca escondida pronta pra atacar. Tudo dói, tudo machuca mas assim eu sei que ninguém vai me fazer sentir dor e ninguém mais vai me machucar me visto dr armadura pronta pra matar e morrer. Afinal sempre dizem que quem levanta o moicano vermelho chama treta não é ?

Me visto da versão mais bela de mim. Me arrumo para enfrentar leões que não enfrentaria sem, hoje eu sou foda, pinto um sorriso no rosto para esconder a lágrimas amarga que mora em meu peito e que insiste em sair toda as vezes que olho pela janela do ônibus.

O mundo entrou em cÍÍ as pessoas não podem mais dormir ba mulher branca

Estou nobmeu quarto e penso alucinógenos ĥ

Sorria sorria pra mim bela menina
Sórria pro seu velho macho que vc quebrou todas as pernas , sorria pra vaidade

Essa festa do termin quando o último de nós morrermos
Termi. Com o fim do começo

Não tem nada aqui

Sono tem sono mas o sono. Ao vem
.morfeu morfeu morfeh morreu

Não podemos mais dormir

Mais é mais drogas

Mais remédios
.mais u.m zolpidem lra visa toda
.
Escrever em estafos de consciência alterado dormir

Anexo 3 - Arrumação versão coro-narrador

Protótipo A
N - NARRADOR
C - CORO
N - Ela se trocava, mas não se arrumava.
N - Em um quarto cheio de roupas no chão sentia-se apertada. Queria chorar. Anos a anos ela foi se tornando incapaz de encontrar suas próprias roupas.
N - Ao parar na frente do espelho para passar um batom é sugada para aquele universo, seus desenhos e suas curvas percebe que o seu eu, do outro lado do espelho quer sair.
C - Ele quer quebrar os espelhos, as paredes. Ela quer ser eu.
N - Ela se pinta ... devagar.
C - Enquanto vejo delicadamente a linha da sombra no olho dele.
N - Pulgas picam a sua pele. Volta-se ao espelho.
C - Quero me vestir de armadura. Me vestir mulher.
N - Sabia que o batom é a máscara da feminilidade?
C - Por trás dela eu posso me esconder e ser quem eu quiser ser, até ser quem eu sou.
N - A máscara da feminilidade lhe permitiu ser homem por um dia.
C - Eu decidi que queria ser homem todos os dias, por isso ando de batom.
N - Volta-se para a pia sem terminar a maquiagem, pega a lâmina a coloca na navalha e com espuma vai delicadamente raspar a cabeça.
C - Sentir o ardor e o sangue escorrer faz parte de me sentir mais bela.
N - Sempre um sacrifício em sangue é o que lhe dizem. Lhe ensinaram desde muito pequenininha que...
C - Para ser bonita tem que doer.
N - Aparece do outro lado do espelho um gigantesco A de anarquia na cabeça, por debaixo dos cabelos. Ela se distrai e começa a catar pulgas no chão. Quando menos, se percebe paranoica pegando pulgas freneticamente.
Ela lembra do que estava fazendo e levanta de sobressalto quase num pulo, no peito pulsa uma taquicardia quase forte o suficiente para lhe fazer desmaiar.
AGGGUDAA!

C - Se eu queria sentir dor essa era a melhor saída.
N - O sangue escorre na pia cheia de cabelos, aparece do outro lado do espelho, bem no meio da lateral de sua cabeça uma tatuagem, de fora a fora um talho onde antes havia escrito livre.
C- Eu poderia me cortar mas não queria, eu sempre lembro o quanto arde quando jogo o álcool para esterilizar. Eu poderia me cortar mas não queria.
N - A maquiagem borra com o álcool e sangue, perdida. Deixa em sua face marcado o monstro que é.
C -As dores não precisam ficar sempre dentro. Arrancamos elas pra fora pra pôr pra tomar sol.
N - Cola os dentes afiados e serrilhados e senta no chão, zonza, no peito um aperto e sem respirar.
C - A roupa que eu nem coloquei ainda me aperta.
N - Todas as vezes que tem q ir ao encontro de muitas pessoas lhe falta ar e a ansiedade não lhe deixa sair de casa, levanta mais ainda zonza veste o coturno e veste a calça por cima do coturno.
C - Me acorrento a alma e o corpo.
N - No cheiro de álcool e sangue, o coturno doi no pé, aperta. Os cintos, correntes e rebites. Door, o Jacó velho fedido...
C - A coisa mais importante da minha vida agora vai nas costas. Como quem caminha sempre ao meu lado.
N - Com sua faca escondida pronta para atacar.
N - Tudo doi, tudo machuca mas assim ela sabe que nada vai lhe fazer dor e ninguém mais vai lhe machucar.
C - Me visto de armadura pronta pra matar e morrer.
N - Afinal, sempre dizem que quem levanta o moicano vermelho chama treta não?
C- Me visto da versão mais bela de mim.
N -Arruma-se para enfrentar leões que não enfrentaria.
C - Hoje eu sou foda.
N - Hoje ela e foda.
C - Pinto um sorriso no rosto.
N - Isso nós já sabemos.
C - Todas as vezes que olho pela janela do ônibus.
N – Todos sabemos o que acontece.

N e C –
O mundo entrou em cÍÍ as pessoas não podem mais dormir ba mulher branca
Estou nobmeu quarto e penso alucinógenos ĥ
Sorria sorria pra mim bela menina
Sórria pro seu velho macho que vc quebrou todas as pernas , sorria pra vaidade
Essa festa do termin quando o último de nós morrermos
Termi. Com o fim do começo
Não tem nada aqui
Sono tem sono mas o sono. Ao vem

.morfeu morfeu morfeh morreu
Não podemos mais dormir
Mais é mais drogas
Mais remédios
.mais u.m zolpidem lra visa toda
Escrever em estafos de consciência alterado dormir

Anexo 4 - Texto bruto para a festa

As luzes piscam forte

O som arromba estrondoso no ouvidos

E quase como por escolha ela decidi se ludibriar

Todas as trevas se esvaem de si e forma um redemoinho escorrendo em um pequeno ralo entre seus pés

Ela se move freneticamente incessantemente incansavelmente

Em dias normais ela não é assim

A mesma proporção de luz e som lhe levaria a loucura

A mesma proporção de luz e som a leva a loucura

Piiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

Ela ainda dança

Poga freneticamente batendo os pés no chão salta e quer dar piruetas no ar

Rebola como se a bunda fosse um pião

Requebra remeche soca chuta até a imagem do mundo se perder

Grita letras que repetem línguas que só ela fala

Esganica como seus ancestrais para que o som chegue aos seus descendentes

Cerca-se de rostos pintados em familiares máscaras de vidro

O corpo ainda se move e a mente voa

Não importa volume do barulho ce cérebro suspendeu num balão

Passando por fatos que ela não quer ter o controle de pensar

Como como se organiza os garfos e as facas na gaveta da cozinha

Por um instante pensa e perde o compasso

Por um instante somente por um instante

O corpo treme

Abre o terceiro maço do dia

Mas não para

Choca-se contra corpos suados, que arranham a pele enquanto deliberadamente leva seu rosto de encontro de um cotovelo em riste

Deliberadamente empina sua bunda em direção ao penis em riste

O mundo para

Mas ela quer que o mundo pare

Sob seu comando apenas uma vez

Apenas quantas vezes fossem necessárias

Arderem narinas

Não ouvem sons

Não se veem rostos

Os corpos aqui também se amontoam

Mas não são nos vãos embaixo dos prédios

Ou nos colchões malamados e ensanguentados

Eles nao são frias estátuas

Feitos de mármores de palacetes e igreja

São feitos de fogo

Que queimam as mais belas cidades

Em suas lindas garrafas long neck cheia de brilho

Que voam em rasgando o céu em liberdade

Anexo 5 -Texto bruto o Rei da Festa

Ele o observava de longe do canto sentado em seus pequenos e desconfortaves sofás. A imagem que formava em seus olhos era indescritível, o dono da festa entregue a libido frenética da música, queria beija-lo mas como competir com imenso concorrente ? Como competir com aquele som que claramente masturbava seu corpo com uma destreza e habilidade que ele jamais teria. A pista foi ao chão, e ele permanecia ali de pé. Encheu o peito e sentiu a coragem desvair por seus dedos. saiu pra fora, a figura mágica que estava dominando o lado de dentro, também dominava o lado de fora, todos amontoados com seus cigarros acesos e copos coloridos, e a mesma projeção, como se por encanto se teletransportasse do centro da festa para sua frente. Não havia escapatória. Engoliu seco.

- oi.
Silêncio
- posso te pagar uma bebida ?
Silêncio
- desculpa, eu sei que aqui não se paga nada, meu Deus, tô me sentindo um idiota, mas eu posso buscar uma pra vc, mas seu copo tá cheio. Eeeerrr. Desculpa. Desculpa.
- sabe eu só queria te pedir um bei... um beijo ...é isso.

(Silencio)

Se aproximam.
Sobre o farfalhar de assas de mil baratas, nesse corpo vil ele se afunda, a barba grossa e o hálito espesso abre e fecha os olhos, está no meio da pista, os insetos em seu corpo não lhe permite parar, não lhe permite respirar enquanto dança, dança sua música da morte.

Anexo 6 - Texto Bruto Limpeza

Sabe quando eu vim para cá, eu vi uma tampa de bueiro se abrir. E saiu de lá uma criatura. Branca com chifres de cervo pés de lama fervendo .

Subia de seu corpo um estranho mau-cheiro e ao passar por cada tela acesa do vale do anhamgabau a mesma se apagava.

Ele apagou todas as luzes por onde ele passava o concreto virava lama e as telas não resistiam. Ele se levantou como um lobo em duas patas e uivou. Uivou na escuridão até no céu abrir um ascendente feiche de luz.

Foi assim arrastando pé a pé que ele encontrou uma mulher também vestida de branco. Sua noiva talvez. Talvez sua vítima.
Ela o convida para dançar mas a cada passo toda vez que ele tenta a tomar em seus braços ela desaparece reaparecendo em um novo lugar no meio do concreto.

Ele desesperado para alcança lá arrasta seus pés em lama sobre a cidade cinza

Ela parada de costas retira seu véu. Desnudando um corpo negro quase acinzentado marcado por suas pinturas ancestrais

Olha para ele com olhar malicioso,
-hje vou te dar trabalho
cabelos lisos soltos longos e uma suave pena no cabelo levanta o véu e solta no chão

Ouve se o estrondo do grito de mil almas, ouvem se as batidas dos corpos batendo no chão, ouvem se os prédios rangerem enquanto eles pulam

A lua para para observar

Ela finalmente deixa ele a tomar para dançar

E como um tango rodopiam por entre os prédios. Com seus pés cobrem o chão com dezenas de pétalas de rosa vermelha enquanto despedacam as almas dos já não vivos

A lua se abre para iluminar, afastando de si qualquer nuvem desvelando embaixo de si um enorme vale coberto de lama em sangue, ao meio um belo casal ainda dança

Eles liquefazem o mundo, os prédios choram, abre-se uma enorme fenda de onde se rompem o chão e brota uma água escura

Lavando e se misturando a lama batendo violentamente contras os prédios, inundando as ruas, arrastando consigo todo o lixo, toda a dor, manchando cada

canto da cidade com sua lama vermelha e puxando tudo para dentro se seu rio agora calmo

Ali sobre sua cama de esterco, sob a vigília dos predios o casal faz amor, decomposto e decantado

Ela o deita nas águas o beija o afunda. Veste o véu tornando tudo raso como se caminhasse descalça sobre uma fina lâmina de água no chão.

A noiva caminha

A lua se esconde tímida na espera dele voltar para mais uma noite poder espiar o amor dois dois

Anexo - 7 Fio condutor Bruto

Converso com ele sobre o tempo
Ainda existe um céu estrelado acima de nossas cabeças
Ainda sopra em nossos rosto, junto com a fuligem química das fábricas um sopro de esperança
É a mudança dos nossos corpos, olho ao entorno e sob a luz dos holofotes as curvas iluminadas da mulher de duas cabeças
Ah ! Como ela dança

- para entrar aqui todos são bem vindos

Meu Deus eu estou loukinha

Já subi e desci essas escadas umas dez mil vezes

Ainda não achei o meu cigarro

Há quartos lá em cima

Quando chego, abro a porta do carro e vejo os colchões nus e as fronhas ensebadas, reviro a mochila e não acho o cigarro

Ah! Acho que deixei lá embaixo

Desço 13 andares de escada

Coloco a mão no bolso

Me vê um cigarro

Ascende

Preciso de dinheiro

Deixei lá em cima

Subo 13 andares de escada

Não faz diferença

Não há tempo

A mulher de duas cabeças ainda dança

Aqui tenho a liberdade de ser quem eu sou

Eu sou a mulher de duas cabeças

Abre uma das bocas e deixa cair uma longa língua de cobra

Poderia ser uma língua de dragao

Tudo sobre todas as coisas

Ao mesmo tempo

Não, o tempo morreu

Tudo sobre todos

Estruturalmente estamos sobre os corpos de todos os nossos mortos, despedaçamos cada parte de seus membros a aclopamos ao nosso novo corpo

Não, não é para nós lembrarmos, são vocês que temem fantasmas, nós abraçamos os mortos

Ela ainda dança

Caímos no buraco no fundo do subsolo deste prédio e numa caverna dentro de nós dançamos com nossos fantasmas

Ela ainda dança

São nossos mortos que nos contam como devemos viver a vida, são nossos mortos que sabem o caminho de volta do buraco

Ela ainda dança
Enquanto não aprendemos ouvir nossos mortos eles escravizarao nossos corpos, eles demonizam e silenciam nossos mortos para que eles não guiem nossas almas

Eles ainda costuram seus corpos, acima de suas cabeças a mãe suindaria ergue suas asas brancas

Quero sentir os milhões de insetos que fervilham meu peito fervilhar minha pele

A mãe suindaria mergulha a procura de mais um rato

Eu quero gritar

Eu quero me sentir livre pra sempre

Não existe para sempre

O tempo morreu

Oi, vc vem sempre aqui?

Ela não gostaria de vir

Mas ela sempre se sente melhor quando vem
Ela se culpa por vir

Ela se culpa por não vir

Ela se culpa por ser

Ela se culpa por não ser

Ela não se culpa mais

Ela também matou a culpa

Vamos fazer uma fogueira de expurgo?

Eles vão invadir a cidade, eles vão invadir as igrejas, os escritórios e as bibliotecas

Não, eles vão emergir do submundo

Vão sair de seus próprios peitos, encontrar a saída de suas próprias gargantas, dilatar suas próprias pupilas e como bebês aprender a andar

Vão pisar com seus pés descalços sobre a terra seca e quebrar cada metro de concreto que ainda sobrar

Eles já engoliram todas as pílulas, de todas as cores, entraram em seus laboratórios, tomaram todas as bases, soltaram todos os ratos, quebraram todos os vidros

Eles já não pulam mais de janelas, eles enforcam reis

Eles dançam ao farfalhar das centenas de milhares asas sob seus corpos

Eles acenderam a fogueira

Eles acenderam seus cigarros

Eles acenderam o pavio de seu foguete pra lua

Embarcaram sua enorme fogueira

Em como em uma catapulta gigante as enviaram para o Céu

Que nasça uma nova e brilhante estrela

Que nasça um novo dia

Que queime nossas peles, olhos e cabelos. Precisamos pintar o mundo de verde

A mãe coruja canta embalando seus mortos, eles dançam costurados aos nossos corpos

Vc me ama ?

Eu amaria qualquer um nesse momento

Eu preciso ser amada

Eu preciso encontrar a cura da solidão

a cura da solidão só se encontra sozinha

Eu preciso ser amada, mas sabe acho que não tô pronta

Eu preciso amar cada detalhe desse corpo, o cheiro, a cor as vísceras e coração, eu preciso amar o toque, o hálito, a algema, os cabelos, eu preciso me amar para um dia poder te amar

Quem sabe onde encontrar a cura ?

olhar nos seus olhos e dizer vamo embora, onde breves momentos na frente do espelho e a porta do banheiro é como abrir a porta de uma prisao

Talvez você tenha que viver com isso pra sempre

Eu não tô te escutando

Talvez tenha que aprender como sofrer por inteiro pra ser feliz

A música tá muito alta

Eu disse: viva por inteiro!!

Eu quero deitar, mas não suporto passar mais um dia na horizontal

Inerte imóvel

Vem vamos dançar comigo?

Incauculada, desvinculada

Vc vem sempre aqui?

Não só quando já consegui me matar

Quantas contas já caiu no chão

Joelhos ralados, mãos cortadas, quebrei o pé, bato a cabeça e rasguei a boca, já perdi quantas já vim aqui

Quantos lances de escada já desci

Eu quero pintar meu corpo de vermelho

Eu nunca mais vou me sentir feia

Ainda estou bem na ponta do salto alto, mas eu ainda não vou cair

Eu ainda não bebi o suficiente para cair

Dizem que eles colocam os colchões lá embaixo mas eu sei que é mentira

Dizem que já desistiram de tirar a mancha de sangue do colchão

Ela não vai atirar? Não vai ?

Ela foge da vida a vida inteira

Mas sempre que ela se vira a vida está lá sorrindo

É uma pena, que a morte sempre a encontra no caminho

Hoje a gente vai!

Não consigo

A linha da vida parou

Ela segue constantemente reta

Eu quero entrar naquela fábrica e nadar numa piscina de rivotril

Dormir

Dormir pra sempre, não morrer

Dentro dos meus sonhos eu construí uma casinha, nela eu moro com meus futuros e desconhecidos filhos, é uma pena que quando abre a porta eu acordo e estou sonhando de novo

A mesma coisa infinitas vezes

Eles estão sempre sentados em fila na mesa

Eu perdi as contas de quantas vezes acordei na minha cama esta noite

Ela sempre vivendo em vão

Era tudo mentira, um sonho dentro de um sonho

Em estado de supra estase, um eterno anti extase

Eu já não sei mais quando estou acordada

Abri mão não faz diferença

Quero viver para sempre na minha casinha com meus filhos

Hoje vc não vem pra festa ?

Quero viver para sempre na minha casinha com meus futuros filhos

Amiga, seu batom tá tão bonito hoje

Ele tem a cor da sua solidão

Azul

Azul como o céu nunca mais pode ser

É pra isso que serve pra vc se lembra de como um dia foi o Céu

A parte mais importante da festa sou eu

Principalmente quando eu não estou lá

...

Anexo 8 - Cena Erótica (Cortada inteira da peça depois de experimentações.).

F- Fernanda
B- Beatriz
A- Alana

F- Qual é o cheiro do tesão?

B- Eu tenho sede. Sede.

F- Cheiro de boca seca, de boca molhada.

A- Faz tempo, não faz? Eu já estava com saudades.Cadela no cio.

F- Cheiro de calcinha melada, cheiro de porra numa camisinha jogada.

A- Tava se escondendo né? Víbora! Escuto seu sibilar de longe.

F- Semi suada e semi pulsando. Saboreio em seus olhos seu tesão assassino.

B- Talvez essa agonia nunca cesse.

A- Talvez isso só passe quando você morrer e for comida pela terra. Eu quero te ouvir gritar pelo fim dos tempos.

F- Respiração entrecortada, o cano duro apontava para mim quase sem querer.

B- Me ajude, por favor. Me faça sentir que eu estou aqui e existo.

A- Você com esse sorrisinho na cara me dá vontade de dar um tapa e cuspir nela.

B- Eu tô sambando na beira de um precipício agora e se eu ultrapassar eu sei que eu não paro mais.

F- Lambi a ponta e desci para o tambor. “Você tem uma boca tão delicada”. Seu veneno é doce, me queima a língua.

B- Suas garras são afiadas e cortantes, suas penas escuras te mascaram na escuridão. Só estou esperando o momento que você vai me dilacerar e me trazer de volta à vida.

F- Me diz:

A - “Eu gosto do seu cabelo, mas ele fica tão mais bonito na minha mão”

F -Puxando até suavemente abrir a minha boca. Desliza o cano na garganta e empurro a língua para baixo.

A- Eu tenho vontade de te devorar, te comer de dentro pra fora.

B- Me rasga e me estraçalha com a piedade que os corvos têm por natureza. Me envolve em você. Entra em mim.

A- Me faça entrar. Me coloque em você.

B- Me tire daqui, me leva embora, me engole.

A- “Você é docinha”. Me beije. (beijo) Eu to feliz que você veio.

B- Usa o teu poder em mim e me faz sua.

F- Ele disse “Tá carregada” e eu respondi “Pode espirrar”.

A- Ajoelha.

B- O que você quiser eu faço.

A- Abre as pernas.

B- Este corpo está aqui para te servir.

F- Masoquista. Pode gritar, eu gosto de ouvir.

A- Você geme tão gostoso.

B e F- Eu sei.

A- Você gosta de dor, né?

F e B- Tô descobrindo.

A- Ah é? Deixa eu te contar, você gosta bastante de dor.

B- Me tira do eixo.

F e B- Se eu tô fora do eixo, eu não estou no controle.

A- Você é livre.

F- Livre.

B- Eu sou livre.

A- Livre.

F- Minha vida nesse instante não é mais minha. Eu imploro, imploro! Atira!

B- Parece que eu vou morrer.

A- Você está indo muito bem

B- Parece que eu vou morrer.

A- Boa garota. Abre a boca.

F- Eu quero seu estampido surdo estourando a minha nuca.

A- Eu quero a sua alma.

F- O coração dispara.

A- Agora você é minha.

B- Eu sou tua. Eu nem existo mais aqui.

F- Fechou os olhos. Covarde.

B- Eu sou um corpo.

F- Amoleceu no final por medo.

B- Eu tô meio aérea.

A- Tô percebendo.

F- Você tá assustado? Você tá com medo de mim.

A- O que você precisa?

B- …Um abraço.

F- É por fraqueza sua que você me abandona.

A- Qual foi o cheiro do primeiro beijo?

F- Eu que caí de novo na mesma armadilha.

B- Do primeiro beijo que valeu a pena?

F- Mais um homem. Hétero. Branco. Mais um submisso. De novo.

A- Dos lábios da primeira puta?

B- Dos lábios da primeira atriz pornô?

F- Você se lembra… do cheiro de querer ficar pra sempre?

A- O cheiro da fronha que um dia você quis deitar pra sempre?

F- O cheiro da morte quando desce o caixão da pessoa amada.

Anexo 10 - Cena Peter Pan cortada inteira da peça depois de experimentações.

X - Félix

X - Sabe quando eu era criança, pequenininho, por volta dos 5, 6 anos eu tinha o costume de calçar os sapatos da minha mãe, para me sentir mais alto e como numa corda bamba, brincar de me equilibrar conforme eu ia andando pela sala de casa.

Também nessa época eu gostava de pegar qualquer pedaço de tecido, poderia ser um lençol, as barras das calças que minha mãe fazia, lembro dos retalhos de uma camisola de gravida verde menta que minha transformou em travesseiro.

Eu gostava de pegar esses restos de pano e os vestia da melhor forma que desse, de forma que os tecidos fossem transformados em: saias, vestidos ou alguma coisa que fizesse movimento, ai como eu gostava.

Gostava de experimentar como aqueles trapos se movimentavam quando eu andava, eu amava dançar vestindo aquelas roupas que para mim era tão chics, que me faziam me sentir a pessoa mais fashion do mundo, me sentir poderoso e se eu colocasse os saltos de minha mãe e uma música que eu gostasse nossa eu me sentia extremamente realizado.

Quando eu tinha 5 anos, Peter entrou pela minha janela pela primeira vez.

Ou pelo menos era assim que eu me lembro dele ter entrado.

Vamos brincar comigo?

Ele me contou a história de um lugar chamado a terra do nunca.

Ele contava histórias de como existia um lugar onde as crianças podiam fazer o que elas queriam, ser quem elas queriam. Ele a chamava de terra do nunca.

Eu fui brincar com o Peter Pan, era muito legal brincar com peter, mesmo eu não entendendo muito bem as brincadeiras.

Vamos brincar lá embaixo?! Vem vamos vai ser legal! Peter era muito carinhoso.

Ele me pegou pela mão. Mas não saiu pela janela. Desceu comigo as escadas da casa onde eu morava e me levou até uma fábrica de velas que ficava nos fundos. E eu sabia que aquela não era a terra do nunca. Era só um carinho ele dizia

Peter gostava de abraçar forte e ele dizia que assim eu iria voar.

Aos 5 anos de idade meu mundo acabou, aos 5 anos de idade peter me mostrou coisas que eu não queria ver.

E eu descobri que não podia voar e eu descobri que a terra do nunca não existia

Assim como a sombra que foge do dono. Eu também quis fugir.

Mas hoje, hojee eu vou dançar de novo! Hoje eu vou reconstruir o meu mundo! Hoje ninguém vai tentar roubar a minha sombra! Porque hoje sou eu quem vou brilhaaar!!

Anexo 11 - Peter Pan Versão bruta

Quando eu tinha 5 anos Peter entrou pela minha janela a primeira vez.

Ou pelo menos era assim que eu me lembro dele ter entrado.

Vamos vem brincar comigo?

Ele me contou a história de um lugar chamado a terra do nunca. E como é que se chamava mesmo?

Meninos perdidos. Foi isso mesmo. Ele contava histórias de como existia um lugar onde as crianças podiam fazer o que elas queriam e até poderiam ser quem elas quisessem ser.

Ele me pegou pela mão. Mas não saiu pela janela. Desceu comigo as escadas da casa onde eu morava e me levou até uma fábrica de velas que ficava nos fundos. E eu sabia que aquela não era a terra do nunca. Era só um carinho ele dizia

Quando eu tinha 5 anos meu mundo acabou. E eu descobri que não podia voar.

Mas Peter não levou minha sombra. Eu não me tornei um menino perdido. Eu me tornei o próprio capitão gancho.

Anexo 11. - Cena bruta recortada para construção da cena 8

A minha vida agora é assim
Eu sou amante do suicídio
Me aceitar como amante me fez entender vários porquês
Amante sempre esposa jamais
O suicídio é o marido abusivo do qual a esposa não quer largar
Ele fere, sufoca, enforca, bate, faz vc pensar sempre o pior de si mesma.
Mas lhe faz ficar sempre ali a sua mercê.
Pq ele sabe da sua constante fuga do abandono.
Todas as vezes que saio do role e me deparo na frente de seu quarto de motel eu sei o pq estou ali
Eu estou ali pq quero ser abraçada e amada
Estou ali pq ele alivia a angústia no meu peito com promessa do fim
Não pense que ele é um homem fácil
No começo ele se apresenta com o mundo para vc, conhece suas fraquezas e te diz que sabe como lhe tirar do inferno que habita em seu peito.
Aí ele se faz ausente. Sabe da dependência que criou e que pela falta será dele pra sempre.
Homens sempre tem tesao na posse
E foi de tanto receber a negação que eu aprendi a lhe dizer não.
E foi lhe dizendo não, que me vi dona de mim.
Dona de mim o suficiente para entender que na falta também estava sozinha
E que teria que aprender a viver com a solidão
E nessa tarefa árdua existem dias que não consigo lidar comigo
Eu fujo de mim encontro outros, quando fumo, enquanto danço, enquanto bebo, enquanto cheiro, enquanto beijo bocas frias que por Deus não me satisfazem em nada. Bocas que jamais vão me satisfazer como ele me satisfaz.
Me trâvisto de mim em meus olhos borrados ao passar pela porta.
Olhos borrados de lágrimas no caminho para casa, me encontro. Não queria me encontrar e volto a fugir.
E quando me pego em mim estou de novo na cama deste motel
E ele não está
E eu não estou
E assim espero
Espero para sentir falta
Daquele para quem não sou importante
E me ensina que quem é importante sou eu
Que espera do lado de fora do prédio
Mas agora eu não quero olhar meu meus olhos negros

Quero olhar em seus olhos calidos quando passa pela porta calado
E ficar feliz com a suas migalhas
E ficar triste com as suas migalhas
E sair de lá despedaçada, desesperada para me encontrar do lado de fora e abraçar minha solidão.
Faminta, a fome ele me deixou, para me alimentar de meu próprio corpo
E regurgitar minha própria alma
Transformando toda minha dor em poesia.
Até não poder mais senti-la.

Anexo 12 - Texto de Beatriz Viviani recortado para a construção da cena

Você não acredita em nada
É um ser vazio que só quer se esvaziar mais
E mais
E mais
E mais
Vazio
Sem nada por dentro
Se entupindo de nada
Bebendo nada
Cheirando nada
Usando o nada
Vazio
Vazio
Não tem nada aí dentro
Nada
O que me satisfaz?
Bicha
Nesse momento a putaria que me satisfaz seria te encher de soco
Na boca
Te calar a boca
Te arrancar os olhos
Tapar suas narinas para você aprender a não respirar mais
Fazer seus pulmões colapsarem e seu corpo inteiro se comprimir até que algo encoste em alguma coisa
Te sugaria a vácuo para esvaziar esse vazio
Até que te mataria no sufoco do seu próprio não-eu
Já deu
Cansei de você, criaturinha infeliz e desesperada
Cansei da sua preguiça
Da sua agonia infantil
Da sua birra

Da sua falta de noção
Cresce bicha
Cresce.
Se enrole dentro de você mesmo e se engula uma vez na vida
Invés de se vomitar como um coitado
Não tô nem aí pro seu surto e pra sua insegurança
Cansei
Eu conheço muito bem a sua crise
O que está por trás dela na verdade é arrogância
E isso não me desce mais
Eu gosto de você
Me vejo em você
E é por esses e outros motivos que estou cansada
Aliás, exausta
Cala a boca
Antes que eu me endureça, perca as estribeiras e te machuque de verdade
Eu posso ser desenfreadamente violenta se bobear um pouquinho
E você ta me estressando
Então pro nosso bem vou me calar agora
Já falei o que tinha pra falar

Anexo 13 - Texto bruto com caráter cinematográfico cortado do trabalho. 23.

Ele estava sentado no canto do recinto. Ao lado do bar. Sobre a mesa pendia uma luz fraca e colorida. Sentado de costas ou meio lado dependendo de qual canto vc olha era como um poderoso chefao no sofa. Seus longos cabelos caiam por detrás da cadeira como um gigantesco manto negro.

Dizem que quando ficava de pé a sua figura era estrondosamente grande, assim como seu cabelo que passava da bunda. Ele passava de 2 metros e 10 fácil usando salto 15 meu amigo ninguém ia passar do lado e não ver.

Concentrado encurvado sobre o caderno com suas pernas finas aberta como patas de aranha fumava um cigarro atrás do outro escrevia notas e batia freneticamente os dedos na calculadora. Uma Luz vermelha inundava o Hall da balada saindo da pista uma música estrondosa que fazia a sua cabeça se perder.

Levanta os olhos e vê duplicada a imagem de uma loira angelical, mais alta do que ele, de cabelos igualmente lisos e compridos

- Joe, aqui não é lugar de fazer isso

Abaixa e pega umas folhas com coisas escritas e notas fiscais.

- Vc não pode perder isso,

Senta delicadamente ao seu lado

- Seu nariz tá sangrando, olha respingou no caderno.

Ele a olha trêmulo, eles vão vir aqui hoje (prepara uma carreira na mesa)

As coisas estão salvas no seu computador amor. Vc trouxe ele não trouxe? Tá tudo no carro. Pega o celular acessa (interrompe)

Alguem passa eles cumprimentam e voltam a falar

Esse é que é o problema, eu tô sem celular.

Como assim tá sem celular

(Uma pessoa passa e para para conversar)

A gente não pode falar agora, sabe assunto de casal (a pessoa sai)

O que aconteceu com seu celular

(Cheira) eu perdi meu celular

Como assim perdeu?

Joe olha pra mim.

(A pessoa volta)

Ele- caralho eu já falei que a gente quer ficar sozinhos, levantando

Volta quase gritando - é perdi perdi. Sei lá. Perdi o computador, a arma também

Perdeu. Perdeu? Ou perdeu? Entendi puta que pariu vc tem que ir embora.

Não posso. O Otávio vai tá aqui hje e ele não sabe de nada

Foda se o Otávio. Amor. Vc tem que pegar a sua mãe e ir embora

Angela (já com lágrimas nos olhos), pega o carro vai embora. Pede pra alguém levar seu carro até algum ponto da estrada. Larga o meu lá e vai embora com o seu. Tá entendendo com o seu.

Amor, toca em seu rosto. Calma não tem nenhum policial aqui dentro. Vc sabe como funciona já tá tudo justinho, vc é macaco velho. Eles vão acertar tudo.

Vão eu sei que vão. E é por isso que eu preciso de um favor. Vc sabe onde estão as minhas coisas, pega oq vc precisar. Pega minha mãe e vai embora daqui.

Assim não.

Vc mesma disse, vai dar tudo certo. Por favor faz o que eu te pedir.

Só se vc vir junto.

Não. Agora é sua vez de confiar em mim. Faz oq eu te pedi

Ele Abaixa. Cheira mais uma carreira. Pega os papéis e volta a anotar frenéticamente

Anexo 14 - Lista em ordem de todos os medicamentos psiquiátricos que Alana já tomou na vida que compôs a cena 8.

Miosan
Sertralina
Fluoxetina
Lexotan
Quetiapina
Valeriana
Melatonina
Rivotril
Lamotrigina
Venlafaxina
Neozine
Escitalopram
Valproato de sódio
Depakene
Depakote
Mirtazapina
Bupropiona
Oxcarbazepina

Zolpidem
Lítio

Anexo 15 - Texto bruto recortado para cena Erótica.

Qual o cheiro do tesao ?

Será que é o cheiro dos meus beijos na suas costas suadas ?

Ou é o cheiro do telefone tocando na hora de ir embora?

É o cheiro da semana que a gente vai passar pensando um no outro?

O cheiro da virilha lavada mas que passou levemente do ponto?

O cheiro da barba mal feita que raspar a pele macia ?

O cheiro da calcinha melada no dia seguinte.

Do perfume do creme de cabelo dos seus cachos

O cheiro que fica entre a boca e o nariz quando sua barba está comprida

O cheiro do hálito com perfume levemente de maconha

Cheiro de boca seca, cheiro de boca molhada

O cheiro da pedra da cachoeira que um dia fizemos amor

Cheiro da porra estragada na camisinha, jogada em uma lixeira qualquer

O cheiro de morte quando desce o caixão da pessoa amada

O cheiro da fronha que vc quis um dia deitar para sempre

O cheiro do perfume no impregnado no seu cachecol

Vc lembra do cheiro de querer ficar para sempre

O cheiro do seu primeiro beijo?

Ou do primeiro beijo que valeu a pena ?

O cheiro do beijo da primeira puta?

Ou das genitais da atriz do primeiro filme porno?

O cheiro dos passos de um andarilho na madrugada

Ou o cheiro da pausa? O cheiro da espera?

Anexo 15 - Texto já existente antes do processo recortado para cena Erótica.

Quando me virei semi suada e semi pulsando,
ele tirou a pistola semi automática que lhe incomodava a pélvis.

Distraído olhou para cima e eu estremeci,
O cano duro apontava para mim quase sem querer.

Eu sem conseguir controlar a respiração lambi a ponta e desci lentamente para o tambor,
Com os olhos fixos ele disse: tá carregada
E eu em meio sorriso, brinquei: pode espirrar.

Com um movimento corriqueiro ele puxou o cão para trás,
Assim como meu cabelo até suavemente abrir minha boca

Eu deslizei o cano na garganta e empurrei a língua pra baixo,
a glote abre, a glote fecha e eu respiro fundo.

Sinto um arrepio quando ele encosta o dedo no gatilho e submerjo até encostar no fundo da garganta.
Gelado dentro de mim, pronto para estourar minha nuca.

O tempo para...

Minha vida nesse instante não é mais minha.

Quase afogo, minha vagina palpita como a ponta calejada de meu peito, se preparando pra gozar.
Mas se perde.

Levanto os olhos e saboreio em seu rosto o tesão assassino que vacila lentamente e enquanto eu imploro, eu imploro atira!

Quero me satisfazer com seu estampido surdo.
Mas sua mão amolece e seus olhos fecham covardes .

Puxo de volta a cabeça, pego a bolsa e como um gato me esgueiro pela porta
Engasgada e com o cigarro já acesso digo: tá assustado?

Me viro, dou dois passos e o coração
dis-pa-ra.

Anexo 15 - Texto de Beatriz Viviane recortado para cena Erótica.

Erótico

Meu problema é que eu sou coração mole
As vezes ele escorre pela buceta
"Você é docinha"
Seria o fim da picada me apaixonar por um CARA depois dele bater na minha bunda até eu gritar, né?

Kkkkkk não é paixão não
São só hormônios
Liberado pela restrição de movimento pela tensão pelo tesão pela cinta pela palmatória pelas mãos dele pela boca dele pela língua dele pelos braços dele pela cabeça dele nas minhas mãos e pelo pau dele dentro da minha boca
O mais chocante: por escolha minha.

Ainda dentro da cabine apertada
Com esse bombardeio hormonal
Oscilo
Vario
Fico variando com medo do depois
O que vai acontecer depois
O que aconteceu antes que pode acontecer depois
E se acontecer de novo
Eu falo
To estranha
O que você precisa?
.... um abraço

E ficamos lá, pelo tempo que eu precisei

Que não foi muito, por que ele... estava ali
Não ansioso para sair e ir embora

Acho que to meio aéreas
To percebendo
Fica por perto, tá?

"É responsável. Foi isso que mais me surpreendeu." Nossa... sim

"Você é literalmente toda deliciosa"
"Eu tenho vontade de te comer inteira literalmente"
"Eu gosto do seu cabelo mas ele fica tão mais bonito na minha mão"
"Você tá indo muito bem"
"Abre as pernas"
"Fazia muito tempo que eu não gozava com alguém me masturbando"
"Você geme tão gostoso" -é eu meio que sei
"Eu gosto da sua boca"
"Eu quero fazer muita coisa com essa tua boca ainda"
"To feliz que você veio"
"Eu tô sambando na beira do precipício agora e se eu ultrapassar eu sei que eu não paro"- só se você dizer chega
"Pode gritar, eu gosto de ouvir"
"Você gosta de dor, né?"
To descobrindo
"Tá descobrindo? Então deixa eu te falar, você gosta bastante de dor"
Hm... não sei...
"Ah é então o que você sente quando eu faço isso?" Ele ergue a mão e desce com tudo na minha buceta
....acho que me dá um choque e me tira do eixo, e se eu to fora do eixo eu não to no controle
"Eu to testando seus limites"
"Não é masoquista não, imagina"
"Você com esse sorrisinho com essa carinha dá vontade de dar um tapa e cuspir nela"
"Você é inteira deliciosa eu tenho vontade de te comer inteira literalmente te comer"
"Eu queria te macetar até você gritar"

Eu sempre fui boa eu prestar esses favores

Anexo 15 - Textos escritos em completo estado de surto[10]

[10] Por escolha a revisão não irá retirar os erros ortográficos desta parte do trabalho para não descaracterizar o método de pesquisa da artista.

Anexo 15 .1

Eu já sufoquei até quase viver. ela pega em seu quarto sob a égide de uma lâmpada fosforescente branca dependurada no teto.
Aqui não a glamour.
Ouve o telefone o tuuuuuuuuuuuuuuu De alguém que não atendeu.
Perdida em um turbilhão de pensamentos intrusivos uma voz zumbi com uma abelha:

Sozinha.
 realmente não gostaria de estar sozinha
 eu gostaria de gritar
SOCORRO
ELA/ EU TÁ QUERENDO ME MATAR/MORRER

Ela pega uma caixa escrita lancetas e fura superficialmente seu braço

NÃO É PELA DOR É PELA ADRENALINA DE PUXAR O GATILHO

Uma constelação mina de pequenos pontos de sangue que formam em seus braços.
  Talvez ela devia se pertencer as estrelas, talvez devesse virar poeira, talvez pela primeira vez no vácuo respirar. Ali teria motivos para verdadeiramente sufocar, mais um furinho, um furinho, um furinho.
A gata mia.
Desesperada anda ao seu redor até deitar com a bunda encostada na sua perna.
Queria fumar, queria amor, queria deitar em seu peito mais uma vez e ouvir as batidas do seu coração. Para que o coração dela uma vez parasse. Não existe nada pior que ouvir as suas próprias batidas na garganta, cabeça, peito e coração.
ELA/EU SÓ QUERIA MORRER
Dormir.
Não sentir, não sentir mais dor, não sufocar, não engasgar, não ganhar, não sentir, não ficar na horizontal, não enrijecer cada músculo, órgãos, olhos, não enrolar a língua, não parar de respirar, parar de respirar, não parar, parar.
Olhar nos teus olhos e ter a coragem de ir embora , nunca mais olhar no espelho, nunca mais ter que olhar nos meus olhos, nunca mais ter que dizer adeus, nunca mais sonhar com para sempre, nem com amanhã, nem com depois de amanhã, nem com futuro.

HOJE NINGUÉM VAI MORRER AQUI

Anexo 15.2

Foi uma daquelas noites que eu não sei se dormi ou o monstro da insonia me sufocou com o travesseiro
Deitei no sofá e perdi as contas da quantidade de fumaça que grudou no meu peito coloquei uma musica, duas,tres e o mundo ia me engolindo com a voracidade que a humanidade pungente devora uma entidade solitaria da mata
E sob a musica mais confortante que já escutei me deleitei em lagrimas, como acrobata que não aguenta mais o tecido queimando em sua mão e simplesmente solta
Aceita sob o buraco que nenhum underground chegou de tão fundo em minha mente, e a agonia dilacerava meus ossos rompendo meus musculos e me tirava de mim
E foi assim que ela apareceu, a primeira, com a intimidade de saber toda a minha vida como sendo a dela. Dura agressiva rispida e debochada, mas ainda com uma humildade genuina e uma postura firme pronta para fazer oque tinha que ser feito, doa oque doer
Olhou para mim e não demonstrou dó, com seu rosto exatamente igual o meu me disse: Vc conhece sua luta e nela perde para seus inimigos por não agir. enquanto não agir nada vai mudar. não deixe que eles te façam doente.
A seugunda tinha a na mão todos meus habitos mais sinceros e chegava a ser quase infantil. Estava a muito tempo delegada as funções do ócio, que pela passagem do nosso tempo moderno, quase não tinha

Anexo 15.3

As partes do corpo dialogam
Contorcida para trás meu peito rompe e dele sai o que foi acumulando durante o tempo.
A Resiliência gotejou de pingo em pingo até se autodestruir e só sobrar a falta dela
Na minha cabeça repete a frase:
- Vc não entrou nessa para ser feliz?
-Quanto tempo dura para uma paixão parar de doer?
A cabeça cai do pescoço nu e rola pelo tapete revirando os olhos e sem deixar cair sangue nenhum
-Por que se não fizer mal não faz bem
-A quanto tempo vc não sente ciúmes?
Isso é o resultado de uso excessivo do cérebro, vc não se importaria com nada se estivesse vivendo sua vida.
-Como entrar nessa e conseguir viver a sua vida.
-Viver a vida sem sair de casa
-Sem adoecer e por a culpa no vizinho
A gata tá brincando com a minha cabeça, ela bate a pata para lá, para cá. Arranha meu rosto.

-Se vc continuar imóvel ela come a sua cara, ainda vivo.
-Eu não faria diferente com os meus iguais.
-Isso que tá saindo do meu peito, quanto tempo dura para parar? Eu tenho que trabalhar ainda hoje.
-Vc poderia me virar, ou no caso virar a sua cabeça para eu pode ver de que cor é né?!
-Eu te alcanço com os pés, pois as mãos não podem sair do teclado.
-Quanto tempo demora pro casamento acabar com o amor?
Talvez depois do primeiro filho, quem sabe do segundo.
-Então ainda me resta algum tempo
-Porque oscilar a autoestima tão rápido, a 5 segundos atras vc era a mulher mais gostosa dessa cidade.
-Ninguém treparia com uma mulher sem cabeça.
-Eu ainda sou capaz de parar o trânsito, só que essas pessoas não me interessam
-Como eu posso gostar de um imbecil que me deu flores? Eu não nasci para ser esse tipo de mulher.
-Que tipo?
-Respeitada sem causar medo.
Mas vc não luta para ser respeitada?
-Não esse tipo de respeito, esse respeito me enoja, pq no fundo predispõe que eu aja regradamente perante o mundo.

-Puta

Chama mais alto

-Puta

-Eu gosto assim, sabe eu sempre fui de morder pela vagina
-Só não vai despejar esse sentimento nas costas de outra mulher
-Porra! Outro homem Branco e ainda por cima Hetero?

Eh.... Eh

-Outro submisso
-Quando será que ela vai parar ... digo a doença
-A candidíase, a Infecção de Urina ou a dor de garganta

-Não a hipocrisia

-Hipocrisia?

-Aquela que vc anda chamando de contradição.... Até as palavras dos marxistas vc emprestou

-Cara me deixa ser feliz, Feliz como joana, Feliz e iludida

-Quem se iludiu foi vc mesmo

-E agora se vc ficar aqui escrevendo quem vai terminar o trabalho
-A única parte do corpo que funciona são as mãos, quero dizer com exceção da virilha que continua pulsando
-Na hora de trepar ela não funciona msm

-Não serve nem mais para ser chamada de puta

-Vc pensou sobre aquela oferta de ficha rosa?
-Tira a mão do teclado e vai se masturbar

Opa perai... que a cabeça rolou para o pé

Desliza a mão pela calça, pelo menos larga do teclado
Pronto assim a cabeça tá no colo, vc pode se autochupar

-Vc não precisa parar de escrever

-Caralho! Tanta rola nesse mundo e eu com a cabeça no meu próprio colo
-E para mim nenhuma ninfeta
-Olha como vc fala das nossas semelhantes

-Eu ! Não disse nada. Vc que só sabe comer viado
-E o que que tem?
-Que viado não é mulher

-Não deveria reclamar já que escolheu para si mais um homem, aliás hetero!
-Só pega mina de casal
-E estamos todas no aguardo dá próxima festa

E o tema será: A ninfomaníaca que não conseguia tranzar!!!

-Pelo menos não decepciona outras minas
-Que sujeira !

(Devagar a cabeça volta para o lugar, As mão saem do teclado e fecha o peito, que agora escorre lentamente, Vozes em confusão)

Por que privação de sono é uma forma de tortura e privação de orgasmo não?
Corpo bomba, antes desse fosse explosivo, antes desse fossem pólvora

Antes desse .... falha apaga
44. Algo entre o cérebro e o clitóris está errado
Desconectaram os cabos de energia a sinapse nervosa está interrompida
Não quero sexo, não quero corpo

Quero o meu corpo e me sentir inteira
Quero gozar por mim mesma e talvez gozar com vocês
Mas quero poder repercutir o sonho sentir sem pensar

Perder o controle, mas não dessa forma
Perder o controle e ter as configurações automáticas ativas
Eu não preciso do controle para poder gozar
Mas preciso que meu corpo responda

O cérebro é o maior órgão sexual que temos
Ele reproduz tudo o que queremos e como ele funciona bem
Segue pelo Intestino manipulados por bactérias buscando bactérias

Nesse meio nó alguém esqueceu da minha buceta
Esqueceu de avisá-la que é a partir dela que as coisas funcionam
É assim que roo minha unhas

Anexo 16 - Textos brutos[11]

Anexo 16.1

Quem decidiu que a gente seria agente do caos?

Quem foi o filha da puta ? Me fala que olhou pra gente e determinou que seria a gente que iria promover transformação?

Vai ! Me conta !

Eu estaria agora grávida do meu segundo filho me fudendo com uma casa sozinha, sem poder chorar por amor. Por que o amor é violento demais e a esperança tem cheiro de cabeça de criança.

Mas não! Qual o sentido de me fazer medeia para amaldiçoar o pai, enforcar o filho e saber que a morte é mais turbulenta que a vida.

[11] Por escolha a revisão não irá retirar os erros ortográficos desta parte do trabalho para não descaracterizar o método de pesquisa da artista.

Me conta !! Quem te ensinou que isso não é amor. Que vc queimaria uma cidade inteira e dançaria no fogo só para ouvir os ricos gritarem.

Meu amor, anda por aí errante se esconde na mata, por que sabe que quando sair de lá vc quer matar.
E quando seus pés tocarem o silêncio vai regorgitar todo o cimento e como flor vai desabrochar.

Por que toda rosa antes de ser rosa foi botão, no chão, semente. E toda revolta já foi ódio, ódio antes de ser revolução.

Anexo 16.2

O porque meu coração só acalma quando surge uma nova paixão

Mas seu coração se acalma?

Não

Vc já tentou se apaixonar por si mesmo?

Mostrar para si mesma a beleza que mostra para os outros ?

Eu conheço as trevas que moram aqui dentro

E elas são bonitas ?

A destruição é bonita ?

A verdade é que todos se encantam com a revolução mas quem consegue mante-lá para sempre ?

Então vc também não conhece a paz?

Revolução deveria ser isso não? A verdade é que sempre se cansam da minha beleza

Vc se cansa da sua beleza o suficiente pra não se amar ?

Só vc pode preencher o vazio que vc mesma criou

Eu só quero ouvir as músicas que componho pra vcs pra mim mesma

Anexo 16.3

Eu sempre fui apaixonada por canalhas de marca maior

O problema é aqueles que querem me fazer de princesa

Eles sempre aparecem como se eu fosse mulher pra casar

E eu sempre acredito. É aí que mora o problema

São aqueles que não se jogam nas coxas de outras mulheres mesmo podendo.
E por mais incrível que isso seja parecem não ligam de eu passear por outras bocas

Seus olhos se enchem de fascínio com a minha intensidade. Amam me ver brilhar e explodir como estrelas

Eles me dão flores, me enchem de lápis de cor pra eu pintar minha vida. Assistem ternos eu queimar meus cigarros lentamente.

Mas então me diga onde mora o problema?

É que eu acredito. Sabe, os canalhas sempre dizem pro que vieram. Esses não. Esses mentem e no processo desvirtuam até os mais desvirtuados.

Vc sabe qual é a minha maior virtude ? É que eu não sou mulher pra casar! Sabe seu moço. Esses meninos de bem são sádicos. Te falam que vida que não é assim, eles fazem vc saborear cada detalhe, das primeiras flores a grinalda só pra te contar que não é com vc.
E é por isso que eu amo canalhas.

Anexo 16.4

Sabe ali, olha lá no alto naquela goiabeira solitária, aquela ali ó, entre os 3 prédios. Tabom não são bem prédios. Mas vc tá vendo não tá vendo. Então eu moro ali, quer dizer morava, na verdade não sei ainda muito bem.
Naquela casa mora uma senhora dessas que saem pra bater perna de manhã e conversar com os vizinhos, todo o dia que eu chegava em casa estava ela lá encostada na barraca falando com o homem do ovo, ela usa um batom forte e fica mechendo no cabelo. O que? Ela não mora mais lá? Ah! Mas vc tá vendo a goiabeira não tá? Então naquela casa moram 4 gatas e elas choram pontualmente

no relógio 3x ao dia de 8 em 8 horas, elas sentam categoricamente no telhado todos os dias no mesmo horário pra esperar o caminhão do lixo passar.
O caminhão do lixo não passa mais? Ah! E também não tem mais telhado né. Mas vc tá vendo a goiabeira não tá? No verão as goiabas caiam no chão e faziam ... A goiabeira. Vc tá vendo não tá?

Anexo 16.5

Vc me pediu pra virar poesia

Só que poesia não pode virar

Vira poesia aquilo que machuca

E isso vc não tem pra me dar

Sabe seu moço o que vc tem cura

Mas coração muito curado não sabe cantar

Deixa eu te contar uma coisa e essa é pra vc nunca esquecer

O poeta pra escrever sempre sofre

E por isso não pode parar de sofrer

Mas é nessa que o poeta morre

E isso ninguém pode deter

E tem mais uma coisa que vem bem de mansinho

Nas letras miúdas e ele não pode ler

É adiando a morte que se vive a vida

E isso cabe vc decidir o que escolher

O amor é manso demais pra quem usa coroa de espinhos

Mas é doce na língua numa tarde de verão

Não cria tempestades e nem reboliços

Mas sabe aquietar o coração

Anexo 16.6

Eu acho que eu quero alguém que olhe pra mim assim

Completamente maluca e não sinta medo

Sabe não é do esteriotipo da loucura que eles tem medo

Eles tem medo de alguém que se curou ao ponto de controlar o próprio coração

Não isso não me faz menos cordial ou apaixonada

É que se vc quiser conviver com a loucura ou você organiza sentimentos categoricamente ou ela bagunça tudo até eles te matarem

Ou será que o que assusta é você poder se controlar, sendo incontrolável. E isso eles não podem

Minha amiga a sensação de liberdade que isso causa dá vontade de dar risada toda vez que alguém esconde amarras em palavras bonitas.

Continuo querendo alguém que não tenha medo. Sabe a curiosidade de quando um bicho encontra o outro.

Brava, feroz , selvagem eles adoram essa parte mas esquecem que a chibata tá na minha mão e eu sei usar.

É coisa de colonizador esse papo de domar e amar é ancestral

Eu quero alguém que olhe e pense que vibe incrível e não é só mais uma maluca qualquer

Anexo 16.7

A gente na cama parece que faz pausa dramática

Olhar para essas mãos gigantes adornadas de anéis segurar...

A meu Deus me faz levitar

Com vc eu sou atriz e espectadora do meu próprio espetáculo

Parece que quando a gente da play no filme que aparece na TV é a gente, parece que a gente se projetou para fora da tela

Eu amo homens com os olhos do capeta, mas vc já experimentou olhar nos olhos enquanto eles te chupam

Existem dois tipos de pessoas, as que procuram em outros corpos o que amam no mundo e as que transformam o mundo em amor, as que se transformam naquilo que amam.

Parte intrínseca de ser belo é se sentir belo e eu amo pintar meus quadros nas suas costas

Anexo 16.8

Pq meu corpo tem que ter febre pra meu coração sofrer por amor?

Por que eu me sinto completamente apaixonada quando não posso colocar um cropped e ir dominar o mundo

Por que chamam meus delírios de arte e aplaudem cada lágrima que urge por socorro

Sinta se feliz em ter se tornado minha musa mas nunca se esqueça que o poeta ama mais a poesia que o objeto da prosa

Anexo 16.9

Não gosto de gente que não se revira
Caralho eu sou artista

Tô de saco cheio de gente que esconde as próprias dores
Eu quero uma retroescavadeira pra continuar cavando todos os buracos.
Bagunçado tudo. Virando tudo de cabeça para baixo

Quem sabe eu tenho a esperança de ser mais profunda. Pra que eu possa mergulhar de cabeça em mim mesma se me machucar

Para que só assim eu aprenda saltos ornamentais. Nadar na imensidão de mim mesma como em uma tarde quente da infância

E sentar no fim do dia cansada e contemplar meu infinito

Anexo 16.10

Creio q vc nunca se sente tão sozinho como quando vc tá doente
Eu sempre vi, minha vó fazendo chás para si msm e sempre me perguntei como consegue

Que ato mais forte da autoamor doque se dar colo num momento como esse
E como é a parte mais difícil da vida

Fortemente ensinada a cuidar e nunca reverter esse cuidado a si.
Sempre me ofereci até para levar estranhos no hospital e sou incapaz de levar a mim msm

Presa na cama reviravolta meus demônios, desesperada e viciada. Meu corpo grita em carência

Mas e se estivessem cuidando de mim? Não estaria eu agora incomodada de exigir tutelar tanto tempo a sentir dor no toque

Sempre me pergunto o pq cuidar sempre foi função de mulher

E por que é tão difícil de cuidar da mulher mais importante que sou eu

Anexo 16.11

Ele se contentava a ver arraias de fora d'água

Não nadava com elas por medo de seus ferrões

Nesse dia eu soube

Não servia para mim

Anexo 16.12

Annie já andava torto annie digitava torto na tela de seu celular. Buscava Lucas que entrou muito logo dentro da caverna, ela não queria se encontrar com ele . Bem talvez lá no fundo queria mas sentia tanta dor que não seria capaz de permitir-se vê-lo. Mas precisava ele havia entrado há mais de 3 horas alucinado de lsd e cogumelos. Annie se preocupava mas pensava ainda em todas as mancadas do dia anterior. Machucada, cansada, estava preocupada deveria e entraria na caverna annie deve salvar lucas, mas lucas salvaria annie se ela tivesse feito oq ele fez? Olhou fundo e subiu a primeira pedra para chegar ao primeiro salão da cavernas. Seu peito pesava seus olhos lagrimejavam todas as vexes q a ideia se termino riscada com um pensamento intrusivo em sua cabeça . Sua cabeça é fria crua e não permite q seja enganada, ele é um merda msm deixa ele dentro da caverna, ela

queria voltar pra festa mas ele foi puxado pra caverna agora eu tenho q entrar na caverna e tirar ele daí

Não quero deixar ele dentro da caverna , mas ele te tiraria da caverna se fosse você?

Vc já caiu na caverna por causa dele e ele não foi te buscar

Anexo 16.13

Sabe as vezes vc aparece pra mim como um fantasma. O mundo mudou meu amor. Hoje vc seria como eu. Eu me lembro quando brincávamos que sua mão literalmente era do dobro do tamanho da minha. Ou quando resolvemos colocar maconha no vaporizador. Eu sinto falta daquela algema. Mas eu sei que vc precisou ir. E eu espero que realmente tenha ido e esteja bem. Eu espero que vc ñ olhe mais por mim. Mas cuide do seu caminho. Mas no fundo no fundo eu sei que talvez esteja olhando. Sabe já faz tanto tempo. 15 anos pra ser mais exata. 15 anos para vc desaparecer. Eu esperei tanto sua resposta e talvez essa tenha sido a parte que mais doeu. Sua pele era tão branca que eu contava suas costelas seus mamilos tão pálidos, seus lábios também. As vezes ficavam rosados. Eu te zuava que vc parecia o marlyn manson. Coitado. Vc com a fama dele estamparia a capa de cada revista sex simbol adolecente. Claro! Comendo mais un pouquinho talvez. Quem dera vc pudesse ter tido tempo. De me magoar para eu poder justificar sua falta.. mas vc ainda me aparece nos metros da vida. Me faz perseguir pessoas aleatórias de longe. Só pra observar o relâmpago de imaginar vc ali. Ela está parada desceu do outro lado da estação. Eu a olho pelos vários vidros e vãos que nos separam. Eu quero agarrá-la. Abraçá-la. Talvez queria que eles fosse vc. Só naquele momento. Eu entendo plenamente que vc N pode estar aqui. Eu preciso que vá embora. Instintivamente no corredor da estação consolação eu a persegui. Sem nem entender o por que. A vi como um anjo ou como um demônio. Na minha frente mas ñ a vi vc. Só algo muito bonito que me interessou muito. Só te vi nela agora não mais de costas. Justificando minha ação que nem eu entendi. Agora ela está lá parada conversando com os amigos. Linda como uma mini versão de vc. Passa um trem ela entra. E meu trem chega bloqueando minha visão. E assim como vc mas ñ como vc ou com vc ela se vai

Anexo 16.14

Sabe porque a gente acredita uma na outra
Pq a gente sabe que aqui não tem tempo ruim

A gente não leva guarda chuva e quando o tempo fecha, a gente se molha juntas

Se joga na lama na água e ainda sai fazendo piada vendo beleza nos raios

A gente sabe que vai conseguir antes mesmo de começar

Por que a gente é foda !!!

Anexo 16.15

As vezes entre o intervalo de um trabalho e outro

Quase no susto nos permitimos a momentos de magia

Quase como se a poesia estivesse ali esperando pra ser manifestada

E literalmente o sol espera mais um pouquinho pra nós dar a luz perfeita

O ator pego no pulo tira suas cartas guardadas na manga

E faz seu teatro. Ignora a câmera. Experimenta e canta com a sua voz rouca. Ninguém lhe contou que sereias não fumam.

Mas sabe oq não contaram para a sereia ? Que o ator tinha pernas.

Um gole no vinho já que recusar antes de entrar em cena seria uma afronta a Dionísio. Arregaçasse os pontos de tensão na força. E brilha mais uma vez a arte do improviso.

Anexo 16.16

Ele estava deitado, com uma pequena faca de pão, serrilhada de cabo amarelo desbotada encravado exatos 4cm nas costas, a gente não sabia o que fazer, o sangue vermelho vivo, quase escuro escorrendo e fio sobre a pele negra, e agora? puxar a faca de volta ou não puxar? Alguem lembrou que da mesma forma que entrou rasgando sairia rasgando. E nada da ambulância chegar, seus cabelos crespos curtos descoloridos brilhavam pequenas gotas de agua, ele não mais se mechia, alguem gritou não vai, fica comigo!

Anexo 16.17

Mas eu quero pra minha vida gente que agrega

Eu não falo de dinheiro

Eu falo de coração quentinho

De sentir que esta se em movimento

E na direção certa

Anexo 16.18

Quem acha que vc é os perigos noturnos

Não conhece nem metade dos perigos da sua mente

O perigo que é estar na sua mente

Existe paz pros predadores sexuais?

Anexo 16.19

Vc sabe o que é um hospital de custodia ?

Vc sabe oq é um manicômio judiciário

Eu tive uma amiga

. Dessas que vc encontra nos roles por aí

Ela acertou uma pedra numa viatura de um delegado da civil

Poderia ser o que deveria seria um preso político, mas ela tomava uns remédios

A mãe pagava o advogado e no desespero nem se tocaram de tentar usar aquele spequenos laudos pra resolver a vida da menina

Ela rezava todos os dias na ansia de poder encarar um presidio

ANEXO 16.20

Todos eles entraram no uber em bando. Animados extasiados. E um bocado cansados ao msm tempo. A noite de Arrumação sempre demoraram algumas horas. Com pedaços de pizza em nós seus estômagos se amontoavam rumo ao role do dia, do dia quer dizer da noite.

Ela com um moicano que não cabia no carro ia abaixada semi deitada no banco ao máximo para trás que esmagava a amiga que ia no colo fe outra amiga no banco de trás

ANEXO 16.21

Quando me tiraram do lado dr fora eu ouvia suavemente lá no fundo da cabeça um som muito agudo

Sabe igual quando aquelas pessoas morrem nos filmes na TV e aquele aparelho fica piiiiiii

Me colocaram para dentro me encostaram na caixa e eu apaguei

Não escutava nada sentia em meu peito um grave bater mto forte quase como se me jogasse Sabe para frente eu não ouvia a música eu a sentia

ANEXO 16.22

criar um grupo com pessoas ultra intensas
percebo que essas pessoas sustentam identidades mascaras e arquétipos muito pesados e difíceis que segurar
isso machuca muito o nosso corpo

no meu caso é um lugar de ausência, é inexistência
isso é depressão, é nada

voce me relata um lugar de não ter sustentação nenhuma

ao mesmo tempo que eu sinto uma ausencia profunda de mim mesmo eu crio personas pra viver em sociedade

mas nas festas é como se eu tirasse essa armadura e pudesse ser deus
eu queria entender essas coisas pra poder falar com mais clareza…

é louco por que essas coisas…
engraçado por que minha mae nunca me repreendeu, mas hoje ela se preocupa

nesses momentos uma florzinha desabrocha, uma margaridinha, um dentinho de leão

voce ja pensou em usar essas coisas todos os dias?
acho que eu não tenho… culhão

hoje eu não preciso usar vizu todos os dias por que ele já ta dentro de mim
essa florzinha desabrochou pra sempre

acho que falta um pouco disso em mim

o que nós perdemos com o fim do mundo
existe um lugar da perda

_pessoas com fone de ouvido

ANEXO 16.23

51.Quando me tiraram do lado dr fora eu ouvia suavemente lá no fundo da cabeça um som muito agudo

Sabe igual quando aquelas pessoas morrem nos filmes na TV e aquele aparelho fica piiiiiii

Me colocaram para dentro me encostaram na caixa e eu apaguei

Não escutava nada sentia em meu peito um grave bater mto forte quase como se me jogasse Sabe para frente eu não ouvia a música eu a sentia

ANEXO 17- Frases soltas

Da próxima vez que vcs verem alguém se ferindo pra chamar atenção agradeça ela está pedindo ajuda ela ainda tem forças para pedir ajuda

Pois essa pessoa ela tá passando um inferno e ela tá pedindo sua ajuda pra passar por ele

Anexo 17.1

Acho que meu mundo perfeito todo mundo teria de brincar durante 1h por dia

Anexo 17.2

Por que o poeta silencia a mente quando está com o objeto da poesia?

Por que o poeta gosta mais de sua imaginação do q a realidade
Vc já sentiu uma dor tão forte mas tão forte que faria qualquer coisa pra q ela parasse?

Anexo 17.3

Como vc pode amar tão incondicionalmente uma pessoa só pra logo em sequencia odia-la dessa maneira

É que só algo tão forte quanto o ódio. Para de por na frente desse amor

Anexo 17.4

Metade máscara branca no rosto metade quebrada no chao

Anexo 17.5

Artistas sangram para curar aqueles que amam a arte

Um punk com um facao na mão apontando um lapis

O quanto um coração aguenta de dor até ele parar de bater ?

O quanto um coração aguenta de dor até ele parar de bater

Da próxima vez que vcs verem alguém se ferindo pra chamar atenção agradeça ela está pedindo ajuda ela ainda tem forças para pedir ajuda
Pois essa pessoa ela tá passando um inferno e ela tá pedindo sua ajuda pra passar por ele

Vc já sentiu uma dor tão forte mas tão forte que faria qualquer coisa para que ela parasse.